



Lídia  
Jorge

O Amor  
em Lobito Bay

CONTOS



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



Lídia  
Jorge

O Amor  
em Lobito Bay

CONTOS



D. QUIXOTE

# Ficha Técnica

Título original: *O Amor em Lobito Bay*

Autor: Lídia Jorge

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Capa: Maria Manuel Lacerda

Fotografia da autora: © João Pedro Marnoto

ISBN: 9789722059916

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2016, Lídia Jorge e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

A quem escreveu o poema  
*Uma coisa a menos para adorar*

## O AMOR EM LOBITO BAY

A nossa casa em Lobito Bay estava coberta por telhas de barro. Outras moradas tinham telhados de zinco, lisos e resplandecentes, e outras tinham-nos de colmo, amplos e bicudos como se fossem chapéus de palha. Intercaladas ao acaso, as diferentes espécies de cobertura não implicavam qualquer distinção, em matéria de ordenamento, diante da linha do mar. Apenas atestavam a origem dos habitantes, falavam da sua resistência ao calor e à incidência do sol sobre o tapete de areia e a superfície das águas, ou simplesmente testemunhavam como os percursos das nossas famílias, ao longo da Terra, haviam sido diferentes.

Alguns como nós tinham vindo da zona norte do Atlântico e precisavam de sombra. Outros tinham vindo do Mediterrâneo e precisavam de pátios. Muitos provinham do Índico e precisavam de esteiras. Os naturais da região não precisavam de quase nada. Tinha o sol, a água, as frutas e a oferta do mundo original. Mas se alguma diferença se estabelecia entre os pescadores e suas mulheres, umas de pele mais escura, outras de pele mais clara, ela esbatia-se por completo no bando indistinto que os seus filhos formavam, ao fim da tarde. Lembro-me como se fosse hoje. Em Lobito Bay, quando o sol começava a declinar, e os barcos partiam em busca de pescaria, nós, os filhos dos pescadores, abalávamos na direcção do baldio, e aí corríamos juntos como se fôssemos irmãos, filhos legítimos de um primitivo e único homem do mundo.

Disse o professor, quando nos sentámos à volta da mesa.

Sim, como se fôssemos filhos indistintos do primeiro homem do mundo, formávamos um bando de irmãos em plena competição por nada, acrescentou o professor. Nessa espécie de demanda pela velocidade, a causa que nos movia era mais forte do que o objectivo. Melhor dizendo, entre nós, a causa confundia-se com o objectivo, e uma e outro realizavam-se em conjunto e num único lance. Em conjunto tomávamos pose, em conjunto nos preparávamos. Como se a corrida fosse um acto oficial e derradeiro, na hora da largada ficávamos tensos, ajustando com desvelo milimétrico os calcanhares nus à linha desenhada no chão. Concentrados, sérios, contidos, mal ouvíamos o sinal de partida, abalávamos numa corrida louca, vendo as pernas dos mais velhos desaparecerem à nossa frente. Os mais ágeis de entre os mais

jovens iam-lhes no encalço, ganhando distância, enquanto os mais novos e menos ágeis iam ficando para trás, cada vez mais para trás, sem no entanto perdermos o sentimento de alegria por estarmos lançados numa corrida onde só os mais altos e lesto poderiam ser vencedores. Para nós, os mais novos, bastava estarmos incluídos no número dos trinta corredores de fundo que percorriam a faixa do baldio, estendida ao longo da margem, para nos sentirmos orgulhosos das nossas vidas, disse ele.

De resto, éramos inocentes de tudo o que dissesse respeito à terminologia atlética. Não conhecíamos a palavra *sprint*, tão-pouco palavras como *match* ou *team* faziam parte do nosso vocabulário escasso, uma espécie de denominador mínimo, apurado por subtracção entre as várias falas dos nossos pais. É verdade que por essa altura Frank Shorter se tinha transformado no rei das corridas e a palavra *jogging* havia-se espalhado pelos quatro cantos do mundo, mas entre nós, sem televisão e sem jornais, nem sequer a palavra *atleta* era um termo que se usasse. Já o mencionei, nada disso nos dizia respeito, nós não confundíamos as palavras com os actos, nós apenas queríamos correr. Como desde sempre, como desde o princípio do mundo, desejávamos apenas ser únicos, e desejávamos pertencer. Pertencer ao bando de rapazes cujos pés levantavam voo sobre a areia, queríamos fazer parte daqueles que tinham asas nos pés, asas nos braços, asas por todo o corpo, sermos alguém entre eles, era tudo o que mais queríamos. No final da corrida, podia ser-se o penúltimo, ou mesmo o último, que não importava. Que se compreenda. Quando eu era criança em Lobito Bay, não se estava vivo se não se corria. Disse o professor. Correr apenas correr por correr, galgar a distância no meio dos outros, fazer parte de uma prova de velocidade colectiva, era tudo o que se pretendia, independentemente de quem ia atrás ou à frente, de quem caía e ficava ensanguentado, ou de quem atingia a meta com os braços no ar e se declarava vencedor. No nosso mundo, nem havia vencedor. Apenas havia corredor. Corredor de fundo. Ser e pertencer, essa era a única ordem implícita na competição em desordem que nos envolvia. Como se fôssemos um bando de pássaros rebeldes, que em vez de fazermos exercícios de fuga no céu, preferíssemos fazê-los em terra.

Porque não dizê-lo? Disse o professor.

É verdade que por vezes ouvíamos detonações a rondarem o espaço aberto de Lobito Bay, e tínhamos notícia de que para além da vegetação rala, existiam uns libertadores que um dia viriam dar-nos o que não tínhamos. Ouvíamos tiros disparados ora mais longe ora mais perto, mas nada disso nos dizia respeito. Que disparassem. O que nos inquietava era o movimento inexplicável dos bandos de aves que passavam na nossa frente. Porque faziam voltas em conjunto, os pássaros, sem nunca se enganarem? Qual deles liderava o bando, e como era escolhido? Como se distinguiam? Porquê aquele V aberto se voavam baixo, e aquele V agudo se voavam alto? Porquê aquela reviravolta súbita na rota, quando iam em linha recta? E que espécies eram aquelas que formavam os bandos, que ao longe não se distinguiam? Enquanto pelo chão, ao alcance do nosso discernimento, passarinhavam pardais, corvos, garças. Nos charcos, deambulavam os pássaros – o secretário, as gaivotas e as grandes pernaltas, o íbis vermelho, o flamingo rosado. Mas o pássaro mais amado pelo grupo dos rapazes da



zona de fronteira na cidade de Lobito, a que chamavam Lobito Bay, era outro.

Era uma ave pequenina, fugidia, uma avezita de arribação que ora estava ora não estava. Era a andorinha. Disse o professor, enquanto nos serviam o primeiro prato.

Havia razões para isso, acrescentou o professor. O pássaro favorito dos miúdos em Lobito Bay era a andorinha porque voava baixo, porque não tinha peso, porque se deslocava de tal modo rápido que não parava para se alimentar. Porque voava de bico aberto, feito um funil, para engolir os insectos no ar, seguindo viagem sem perder um instante. Há muito que se sabia que ela era o rei dos corredores, e tanto assim que entre o grupo dos mais velhos propagara-se um certo segredo que não contavam a ninguém. Só que o rapaz mais alto e mais ágil, aquele que mais levantava o braço junto da meta, certo dia, estando alguns de nós sentados na restinga, escutando os tiros dos libertadores ao longe, esqueceu-se que eu era um dos mais novos e confessou o segredo. Era certo e seguro. Corria o rumor de que aquele que comesse o coração de uma andorinha apanhada em pleno voo, tornar-se-ia o maior corredor do mundo. Por isso, ele, o mais ágil, já tudo tinha feito para caçar uma andorinha viva. O grande sonho estava estampado no seu rosto.

Encontrávamo-nos sentados na areia, a olhar para a estrada, e todos alimentavam a mesma certeza. Quem comesse o coração da andorinha. Quem comesse. A questão é que decorria o mês de Março, e as andorinhas em breve iriam partir. Aproximava-se a Primavera na Europa, dentro de uns quinze dias machos e fêmeas já teriam abandonado os ninhos, e até àquele momento, nenhum dos corredores havia apanhado uma só andorinha que fosse. Aquelas aves pareciam ter adivinhos nas asas. Mal os seres humanos se aproximavam dos ninhos, logo elas se escapavam fugindo como setas negras, disparadas para o ar. Passava pela cabeça do mais ágil pedir um dia ajuda aos libertadores para apanhar à mão uma andorinha viva. Ah! Quem comesse o coração de uma andorinha. Quem comesse. E eu próprio comecei a sonhar com essa captura impossível.

\*\*\*

Disse o professor, iniciando o seu prato, quando já todos havíamos deposto as facas e os garfos. Tínhamos convidado o professor, queríamos aprender com o professor.

Sim, eu próprio sonhei com essa captura impossível. Disse ele. Era dos que ficavam estatelados no chão antes de atingir o meio da corrida. Não raro, as mãos sangravam-me, o queixo ficava esfolado, dos joelhos escorria sangue. Mesmo assim, levantava-me rápido, e enquanto a carne estivesse quente, e não sangrasse demais, eu prosseguia a corrida. Uma vez terminada, não me pronunciava. Quando regressava, sentava-me debaixo da grande tipuana que ladeava o terraço, feito mudo. A nossa mãe, porém, sabia o que se passava. Silenciosa, aproximava-se com uma bacia de água morna e um pano branco aos ombros, debruçava-se sobre os meus joelhos e iniciava a operação de limpeza das feridas. Com uma pinça aguçada, retirava os grãos de areia



um a um, depois pincelava-lhes por cima tintas vermelhas que alargavam o aparato visual das escoriações, dando-lhes o terrível aspecto de chagas. Por fim, testemunhando os meus esforços bárbaros, e o meu estoicismo vão, a minha mãe abanava a cabeça – «Desiste, rapaz, cada um nasce para o que nasce. Não nasceste para corredor de fundo, está visto. Desiste lá...» Mas eu não desistia, disse o professor. E num desses dias que se seguiram ao desastre monumental de uma escorregadela na areia, tendo vários dos meus companheiros galgado por cima do meu corpo, amassando-me bem amassado sob os seus pés, deu-se um milagre em Lobito Bay.

Aconteceu ao fim da tarde, já muito perto da noite.

É verdade que, volta e meia, ao anoitecer, chegava até nós o som daqueles estoiros secos, os tiros dos libertadores, mas semelhante actividade não representava perigo algum, pois as detonações partiam não só de gente que desejava libertar alguém, como ainda por cima, constasse o que constasse, essa libertação acontecia a uma distância apreciável. Então não era necessário pensar duas vezes. Se na cozinha havia falta de azeite e vinagre, e eu era o único filho disponível, seria eu quem iria até à cantina, um armazém abarracado que ficava no último extremo da estrada. Os tiros partiam de muito longe. Para lá, fui numa corrida e nada de especial aconteceu. Foi só no regresso que se deu o caso extraordinário. Pois quando caminhava a passo, os pés enterrados na areia, de súbito, um pequeno corpo alongado, de cor azul andorinha, caiu-me aos pés.

Incrédulo, levei os olhos ao chão e o pequeno corpo fusiforme, que tinha tombado na minha frente, era mesmo uma andorinha. Uma andorinha estropiada, de pernas partidas, tombada de lado, agitando sobretudo uma asa, a cabeça bicuda a querer em vão erguer-se. Inacreditável. Tratava-se de uma verdadeira andorinha azul, que ali estava esperneando no chão, só para mim. Tão verdadeira ela era que, naquela luz amarelada do ocaso africano, parecia preta preta como nas lendas. As asas pretas, a barriga branca, o pequeno bico amarelo, era tudo real e verdadeiro. Olhei à volta, estava sozinho, o mar em frente consentia, e por cima a abóbada celeste, quase escura, também. Não havia como não concluir. A andorinha era minha, só minha, e tinha caído do céu. Tinha tombado, por certo, em resultado de um impacto contra os fios eléctricos que riscavam um traço contínuo ao longo da estrada e se perdiam no além, mas para mim, aquele pássaro tinha caído do céu a prumo para ser meu. As garrafas de vinagre e azeite, metidas no saco, ficaram sob o meu braço. A andorinha, acetinada e imóvel, ficou fechada entre os meus dedos.

Segurando a andorinha contra o peito, corri na direcção de casa, disse o professor, quando já voltavam a servir-nos o vinho e o segundo prato. Por que razão não queria servir-se o professor?

Ele disse. Sim, corri na direcção de casa, entrei na cozinha onde a minha mãe, apreensiva pelo meu atraso, me esperava, mas antes que ela pudesse dizer-me o que quer que fosse, e antes de eu lhe entregar as garrafas, estendi-lhe as duas mãos fechadas sobre a andorinha. Contei o que tinha acontecido, contei mal sustendo o fôlego, expliquei como desejava proceder com aquela andorinha que o acaso me havia

enviado. Expliquei em sobressalto, doido de emoção e alegria, quanto precisava de comer o coração daquele pássaro.

A minha mãe sentou-se, pediu-me que abrisse as mãos, que lhe mostrasse o pássaro que me caíra aos pés. Ela mesma tomou a andorinha na mão, avaliou-lhe as chagas, passou-lhe a mão por cima, e perguntou o que tencionava eu fazer.

«Comer-lhe o coração» – disse eu.

«E como vais proceder?» – perguntou a minha mãe.

Fui directo e claro, triunfante – «Primeiro corto-lhe o pescoço, depois tiro-lhe as penas do peito, depois, com a nossa faca de trinchar, retiro-lhe o coração do peito. Depois, pego no coração e como-o...»

Eu repetia os passos que ouvira ao meu colega mais velho.

«Comes o coração da andorinha, assim, cru, tal como está dentro dela?» – quis saber a minha mãe.

«Sim» – disse eu. «Quem comer o coração de uma andorinha apanhada viva há-de ser o maior corredor do mundo. Eu vou ser o maior corredor do mundo, mãe.»

A minha mãe mantinha o animal sinistrado entre as suas mãos, e não se movia, nem temperava o jantar. Encontrávamo-nos fechados na cozinha, por minha exigência, para que o pássaro, num eventual alento de recuperação, não se escapasse por qualquer frincha de porta ou janela. Entretanto, eu já tinha procurado a faca. Curta e pesada, um cutelo de trinchar. Agitei-o no ar, eu podia com ele. Podia manejar o cutelo. E avancei para a andorinha.

Então a minha mãe começou a dizer que me compreendia muito bem, que se tratava de um bom plano, um plano muito eficaz, mas sendo já tão tarde, e estando o meu pai para chegar e também os meus irmãos, de quem já se ouviam as vozes lá fora, para que tal cerimónia acontecesse com tranquilidade, o melhor seria esperar pelo dia seguinte. No dia seguinte, quando o pai ainda estivesse no melhor dos sonos, e os meus irmãos ainda não tivessem acordado, então eu poderia proceder como tinha previsto. Sim, com calma, eu poderia matar a andorinha, retirar-lhe-ia o coração do peito, e comê-lo-ia em paz, como estava previsto. Entretanto, a andorinha seria fechada dentro de uma caixa de sapatos até à manhã seguinte, e a caixa ficaria bem guardada dentro do meu quarto.

«E se foge?» – perguntei eu, suspeitoso, exaltado.

«Pois como pode fugir, se tu mesmo a guardas?»

«Mãe, esta noite eu não me quero deitar.»

«Porque não?»

«Mãe, esta noite eu não quero comer.»

E assim me tranquei no quarto, sem jantar, e deitei-me e não adormeci a olhar para a caixa de sapatos. Na tampa da caixa, a minha mãe tinha feito umas perfurações finas para que o pássaro pudesse respirar. Depois colocara-a sobre a mesa-de-cabeceira, ao alcance da minha mão, com cuidado, como se fosse um cofre. Não e não. Eu não iria dormir, ainda que as pálpebras me pesassem como chumbo. Até que me pesaram tanto que se fecharam por um breve instante. Ou um longo instante, velando sempre. Mas na manhã seguinte, quando acordei, abri a caixa e a andorinha já lá não estava.

Disse o professor, pousando o talher sobre o último prato.

Sim, a caixa encontrava-se vazia, a tampa levantada, e a andorinha tinha voado. Os meus gritos acordaram a casa inteira. Quem me tinha roubado a andorinha? Se ninguém a roubara, então como se tinha escapado? Como poderia ter acontecido, se estava moribunda e paralisada, quando a minha mãe e eu a tínhamos visto pela última vez, antes de fecharmos a caixa? E mesmo que se tivesse curado durante a noite, como é que o pássaro tinha tido força suficiente para arredar a tampa? Para fechar a tampa? E por onde voara, se a janela se encontrava fechada, e a porta do quarto também? Diante do meu pai e dos meus seis irmãos, todos em pé, de madrugada, a olharem para mim, as minhas perguntas eram lógicas, mas a resposta era só uma em relação à andorinha. Fizesse eu o que fizesse, eu não cortaria o meu pescoço escuro com uma faca, não arrancaria as penas do meu peito branco, não retiraria o coração daquele peito, não comeria o coração da andorinha. O pássaro tinha desaparecido, toda a minha esperança tinha desaparecido, só o cutelo, o pesado facão que eu sonhara manejar na noite anterior, com golpes certos, esse ali estava pousado sobre a pedra da cozinha. As lágrimas que eu deitava, a olhar para o instrumento, caíam em cascata. Ainda por cima, todos os meus irmãos tinham passado a conhecer o meu desejo guardado até então com tanto recato. Tinham ficado a conhecer a minha esperança secreta de vir a ser um corredor, o maior corredor do mundo, e agora, naquela manhã, eram testemunhas do meu profundo descalabro. Os meus irmãos. E assim chorei durante vários dias não só pela perda em si mesma, mas sobretudo pela incapacidade de descobrir a chave do mistério do desaparecimento do coração do meu pássaro. Até que a vida mudou nas estradas de Lobito Bay.

Disse o professor, quando já não havia prato algum sobre a mesa.

A vida mudou inesperadamente em Lobito Bay, repetiu o professor, e todos já tínhamos compreendido que o professor repetia as palavras que mais lhe interessavam, como se fosse um poeta. Talvez o professor fosse um poeta, quando falava dessa espécie de paraíso que fora para ele o bairro que habitara nessa formosa cidade. Um poeta tocado pela beleza, pensávamos. Mas ele, sem conhecer as banalidades que nós pensávamos, continuou. De um momento para o outro, a vida mudou em Lobito Bay como mudou em grande parte da Costa Ocidental e da Costa Oriental de África. Mudou na Metrópole, mudou na Europa e mudou no mundo. A mudança que vinha de longe, casada com a mudança que vinha de perto, a mudança radical, que nenhum de nós imaginava que viesse a caminho como vinha, tinha chegado. Foi assim. Essa mudança chegou a Lobito Bay na tarde em que vários carros em festa entraram pela cidade adiante, carregando homens munidos de armas que atiravam para o ar em actos de libertação.

O som dos tiros encheu Lobito Bay de alegria e de pólvora, e todos viemos para a rua conhecer o rosto dos libertadores. Era a mudança. Tanto tempo à espera sem os vermos, e agora eles ali estavam, os seus rostos reais, capazes de nos darem não sabíamos bem o quê, nem como se cumpriria a sua promessa, só sabíamos que eram capazes. Tanta força, tantos tiros. Nós, rapazes, em vez de correremos pelo baldio, correremos pela estrada, atrás dos carros e dos tiros. Os carros levavam consigo, voando

junto às espingardas, as insígnias do MPLA. Só que uma alegria nunca vem só. A seguir vieram mais carros e mais homens com mais armas e atiraram para o ar também. Também vinham em plena festa. Em seu redor também era tudo pólvora, força e alegria. Só que não era a mesma festa dos homens que já ali se encontravam. Agora era a festa daqueles que traziam as insígnias da FNLA. E nós também fomos para a rua para ver o que se passava, mas rapidamente recolhemos a casa. Pois aqueles que tinham feito a primeira festa atiravam contra os que faziam a segunda festa, e dentro das casas de telhado de colmo, dos telhados de zinco, nas casas dos telhados de barro, sobretudo nas que tinham duas colunatas segurando os pangaiois sob os quais se dormia a sesta, sentiu-se o perigo da divisão e do desentendimento. De um momento para o outro, tudo tinha mudado.

«E agora?»

«Agora, vamos ver como será.»

A minha mãe avaliou os mantimentos, o meu pai não foi mais pescar. Nós, os rapazes, ainda nos encontrámos e preparávamo-nos para voltar a correr, mas não passaria uma semana sem que os próprios corredores do baldio não se desentendessem. De súbito os rostos, todos os rostos, mesmo os das crianças, tinham-se tornado suspeitos. Sem que nada tivesse acontecido entre nós, ficámos inimigos, disse o professor.

Os tiros soavam sem cessar à nossa volta. A nossa tipuana foi atingida e a palmeira das traseiras também. Rantantam, rantantam, ouvia-se nos areais de Lobito Bay. Não tardou que entrássemos num barco de fugitivos sem nada de nosso que não fosse as roupas que trazíamos no corpo. Tomámos assento num barco que partia do porto, ainda sem destino seguro, quando os dois grupos já se dizimavam pelas ruas, arrastando cada qual atrás de si gente que até então vivera lado a lado. E assim nos afastávamos da praia que sete anos antes nos vira chegar. Afastávamo-nos, surpreendidos, os meus seis irmãos, o meu pai, a minha mãe e eu, unidos, sem nada nas mãos, quando o barco largou do cais e se fez ao mar. Mas o barco não ultrapassou a barra. Uma embarcação ligeira, pilotada por libertadores armados, obrigou o barco a voltar ao porto, sob o pretexto de que havia infiltrados do grupo rival entre os passageiros que partiam. Então, ouviu-se uma sirene de retorno, e foi tudo muito rápido. Disse o professor.

Estávamos de novo apeados, diante do pontão, disse ainda.

O passadiço oscilava, o pontão oscilava, e um a um, éramos passados em revista, pois quem nos obrigara a voltar tinha a certeza de que entre os embarcados seguiam libertadores do grupo rival, por ora vencido. Libertadores caçando libertadores. Foram detectados dois libertadores rivais. Dois. Um deles foi encostado à amurada, e só se ouviu o tiro. Mas o segundo libertador estava mesmo diante de nós. Todos nós vimos esse libertador ser abatido. A minha mãe ainda gritou para os filhos – *Fechem os olhos!* Com a mão esquerda procurou tapar os olhos do meu irmão menor, e com a direita procurou tapar os olhos do penúltimo. O penúltimo era eu, disse o professor. Eu tinha nove anos, o meu irmão tinha oito. Estávamos em silêncio absoluto, colados às tábuas. A minha mãe a querer impedir que fôssemos testemunhas do que víamos.

Mas a minha mãe não podia impedir até ao fim da vida que a violência viesse ter connosco. Não podia. Nós vimos matar um homem à nossa frente e ela não podia impedir que víssemos o olhar de terror do libertador que ia morrer, que víssemos o seu corpo estoirar, saltar e depois cair para a frente. Ela não podia impedir que víssemos como as costas do libertador, que atirava sobre aquele que ia morrer, se levantavam, como tomavam a posição de quem vai dançar para atirar cinco tiros sobre o peito do libertador que estava na sua frente. Não podia evitar. Nem ela nem o meu pai podiam evitar que, da beleza em Lobito Bay, ao mesmo tempo, se desprendessem o mal e o bem.

Pois como, se eles nem sequer podiam impedir que, no nosso próprio coração, coabitassem à mesma hora a esperança mais pura e a brutalidade mais bárbara? Quiseram, mas não conseguiram. Assim como não puderam evitar a viagem pela Costa Ocidental de África até Luanda, sem nada de nosso entre as mãos. Não puderam evitar da História o que é da História, nem da espécie o que é da espécie. Mas a verdade é que também não puderam evitar a imagem fundadora da minha vida, disse o professor. Aquela que eu imagino que tenha acontecido ao longo de uma noite em que uma família inteira se coligou para evitar que o segundo filho mais novo, o segundo irmão menor, pegasse num cutelo e matasse por seu próprio punho o corpo de uma andorinha. Quantos homens, condenados a morrer no futuro às mãos de quem iria iniciar-se no crime de sangue, não terão sido poupados a partir dessa noite de armistício, acontecida em Lobito Bay? Toda a minha família reunida, impedindo-o, enquanto eu dormia a sono solto, embalado por sonhos de vitória, no meu quarto.

Sim, sinto culpa, disse o professor. Só onde não há amor não há culpa. Disse ele ainda, e nós levantámo-nos e saímos mudos, por instantes. Havíamo-lo convidado para que só nos falasse da beleza, mas o professor tinha-nos trocado as voltas, e agora íamos na direcção do terraço e não sabíamos quem éramos.

## OVERBOOKING

Lá, os homens são bons, vão à missa aos domingos e estão inscritos na lista do trabalho comunitário, que o fazem cumprindo cada um o seu turno, mas eu tenho uma coisa má para contar. As mulheres são boas, ainda melhores do que os homens, porque elas nunca estão sozinhas, elas dão-nos as crianças e por isso falam manso e cozinham, e cantam, e passam a ferro, e trabalham por elas e pelos homens, quando eles não querem trabalhar, mas ainda assim eu tenho uma coisa má para contar. A vila fica a três quilómetros da cidade, pode dizer-se mesmo que a vila já é cidade, de tal forma as casas da periferia encurtam a distância entre uma zona e a outra. E por isso temos cantina, supermercado, dispensário para a tuberculose e para a AIDS, temos cabeleireiro unissexo, e lojas de roupa e de sapatos, e uma pensão à beira da estrada, e mesmo assim eu tenho uma coisa má para contar.

A aldeia, essa, fica a doze quilómetros a norte da vila e a quinze da cidade, e chama-se Kimbalina por causa do rio. O rio Kimba corre a dois quilómetros para o interior, num curso paralelo à estrada, e o lago com o mesmo nome fica mais a sul, mas para se lá chegar, só tomando a picada. De um lado e de outro é tudo mato, que vai subindo em altura, e perto da aldeia existem mangueiras frondosas. Já lá estavam há mais de vinte anos. Não estava a representação da Missão nem estava o motel que leva o meu nome, nem a luz eléctrica que ilumina a aldeia, a cidade e a vila, formando uma teia de luzes, captadas pelo satélite, que as mostra no Google Maps como se fosse uma estrela, e mesmo assim, eu tenho uma coisa má para contar.

Pois na estrada que vai da aldeia à vila, uns doze quilómetros a direito, mais ou menos a meio, há uma curva. De noite, antes de se chegar à curva, desde há um tempo para cá, começou a surgir um carro com os dois faróis nos mínimos, um carro que avança devagar e, antes de se cruzar contigo, pára. Dele sai uma mulher vestida de azul que vem pela estrada ao teu encontro. Se tu não paras, ela sobe para cima do teu carro e voa sobre ele até chegares à vila. Se paras, ela vem andando até junto de ti, e quando está próxima, entra-te pelo peito, e desaparece. Desaparece dentro do teu peito, e tu não a vês mais. A não ser que voltes no dia seguinte, ou na noite seguinte. Eu explico melhor. De dia tudo se passa como se fosse de noite. Junto da curva há umas árvores de folha rala, e o carro surge por detrás dessa mancha difusa, como se fosse espessa, e vem ao teu encontro, quer vás no sentido norte, quer vás no sentido sul. A mulher que dele sai, não olha para ti, não te diz nada, não te ataca, apenas aparece,

persegue-te e depois desaparece em ti. Não acontece a todos, só acontece a alguns, mas o problema é que, ainda que a figura não seja nítida, eu sei de quem se trata. E saber de quem se trata até é uma coisa boa, mas o que eu tenho para contar é uma coisa má. Não quero fazer jogo de palavras, mas devo dizer que a coisa má começou por uma coisa boa. A coisa boa era o percurso que a irmã Alberta, a enfermeira da Missão, fazia entre a cidade e o interior, passando pela vila e depois pela aldeia onde morávamos.

Para nós era um trajecto muito bom porque a irmã Alberta fazia o percurso numa Renault 4L, levando no banco da frente uma grande caixa branca onde estava desenhada uma pequena cruz vermelha, e lá dentro levava pensos, gaze, comprimidos, compressas, ampolas, seringas, aparelhos para escutar os pulmões, medir a pulsação, o açúcar do sangue, a temperatura do corpo, levava soro e desinfectante, levava vacinas de ataque lento e ataque rápido, e ainda dois ferros para puxar as crianças quando elas ficavam encalhadas na barriga da mãe. Levava tudo o que era preciso para ajudar quem sentisse dores, estivesse à morte, ou quisesse nascer. Para nós, que éramos jovens, o que mais nos impressionava era a boleia que se conseguia obter junto da irmã Alberta.

Aproximava-se a 4L, e o que nós víamos antes de mais nada, através do pára-brisas, eram os dentes da irmã. A irmã Alberta ria por tudo e por nada, e a sua feira de dentes brancos salientes era um sinal de partida para viagem, no seu rosto redondo, de cor dourada. Assim que a irmã via alguém na berma da estrada, muito rota, muito precária, ela parava. Abria a porta e levava consigo mulheres com latas de água que tinham de segurar entre as pernas para não molharem os estofos da 4L. Transportava homens com bordões que saíam pelas janelas, outros que levavam ao colo um porco, uma cabra, muitas vezes, sacos grandes que não cabiam no interior e vinham pendurados por fora dos vidros, fazendo da 4L uma espécie de besta automóvel carregada de volumes redondos. Havia quem lhe chamasse Alberta Chvaitza por causa das histórias que se contavam sobre os feitos ocorridos mais a norte, na localidade de Lambaréné. Outras vezes, eram apenas rapazes que pediam boleia em grupo, e enchiam um habitáculo desenhado para cinco pessoas, com um amontoado de oito e por vezes mais. A irmã Alberta sempre dizia, com jeito tudo vai, assim Deus queira, assim queira a Virgem Nossa Senhora, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mesmo quando a 4L avariava pelo caminho, a irmã Alberta achava que era assim porque Deus queria, a Nossa Senhora queria que se tivesse de chamar um mecânico, ou que aparecesse alguém suficientemente forte para fazer pegar de empurrão. Mãe Maria Santíssima nos acuda, que iremos sempre chegar a bom porto. Nunca a irmã enfermeira dizia que não, ou se enfurecia, ou praguejava. Ela não dizia cabrão ou porra, não dizia merda, não dizia esse filho da puta. Dizia Nosso Senhor, e dizia Sagrado Coração de Maria. A carrinha 4L surgia, nós pedíamos boleia, no sentido em que ela ia, e ela dava. Era uma coisa boa a 4L andar de cá para lá. Um dia éramos catorze, a maior parte de nós, já rapazes quase homens, de assentos estreitos mas ombros largos, a irmã Alberta vinha do interior, tinha passado pela aldeia, e ia na direcção da cidade. Nós também, e pedimos-lhe boleia. É a propósito dessa boleia que eu tenho para contar uma coisa má.

A coisa má aconteceu nesse dia. Ninguém diria. Ela parou, era pelo meio da tarde.



Vinha com mais velocidade do que era habitual, e trazia a cara transpirada. O lenço estava recuado na cabeça, empurrado pelos cabelos espessos onde se viam já uns fios brancos. A máquina guinchou quando ela parou. A irmã abriu os braços, não queria acreditar que tantos ao mesmo tempo lhe pedissem boleia. Na verdade podiam pedir, tinha dito a rir, com o lenço e a cara fora da janela, mas ela é que não podia dar porque a 4L não era uma camioneta, era só um pequeno carro. Nós tínhamo-nos distribuído pelas quatro portas da 4L, mas éramos catorze. Oh! Catorze! Metade pode, a outra metade não, disse, com a viatura a trabalhar. Disse a rir. E a irmã, de braço dourado estendido, onde havia um relógio, contou-nos um a um.

«Uf, meninos! Desta vez não pode ser. Catorze para uma carrinha de cinco lugares? Vá lá, que tenho pressa, decidam quem vai de 4L e quem vai a pé.»

Mas nós éramos catorze e tínhamos acabado de obter uma vitória em campo. Nove golos contra dois, uma desforra nos da cidade, os Fumega, como não havia memória. Nós, os Kimbin. Equipamento não havia, a baliza era feita com paus e rede de pescador, mas havia juiz de linha, e árbitro, e vinte e dois jogadores em campo. Nós tínhamos enfiado nove golos. Mal terminou o jogo, eles apanharam um camiã, e nós, ainda não refeitos da vitória, procurámos as mangueiras que ficavam perto do campo e refastelámo-nos de mangas. Até merecíamos que alguém nos celebrasse, mas não havia ninguém a olhar para nós, então, fomos direitos às mangas. Pertencessem a quem pertencessem, nós tínhamos acabado de dar a glória àqueles campos, aquelas árvores tinham estado a olhar para nós, e por certo que nos agradeciam. Se perguntassem às mangueiras se elas nos davam aquelas taças, elas por certo diriam que sim, até que comemos todas as mangas maduras e começámos a comer as verdes. Quatro defesas, três meio campo, três atacantes, um guarda-redes, um treinador, uma mascote de doze anos, e um suplente de quinze. Ao todo, catorze, tínhamos comido as mangas, descascadas com três facas que três de nós sempre traziam no bolso, mesmo quando estávamos em campo. O treinador tinha uma faca Sandokan. Os catorze em cima do muro que separava o campo do terreno onde se encontravam as mangas. Os mesmos que pedíamos, agora, boleia na 4L para nos dirigirmos à cidade, com a ideia de desfazermos a reputação deles. Treze rapazes, e um rapazinho, todos a querermos entrar na carrinha. A irmã Alberta sentada ao volante, a assistir, a rir, a esperar que a realidade demonstrasse que não havia possibilidade de acomodar catorze pessoas num espaço concebido para cinco, quando muito sete, se se abatesse o banco traseiro. Virgem Santa, estão a querer o impossível, dizia a irmã enfermeira e sorria, sorria, muito mais dentes do que olhos, os olhos atrás dos óculos de sol. Uns óculos que ora ficavam mais claros ora mais escuros. Até que a irmã perguntou – «Vocês querem que eu saia?»

Não sei por que razão ela perguntou isso. Sei que a irmã mostrava ter pressa, e perguntou a rir. Não deveria ter perguntado. Éramos catorze e não cabíamos na 4L, mas queríamos que fosse possível, e nós tínhamos acabado de fazer o impossível, e como formávamos uma muralha em torno do carro, não se percebeu quem disse, *saia lá*. A verdade é que alguém disse e a irmã Alberta, apesar da pressa, saiu. Não deveria ter saído. Sempre a rir, a irmã saiu, pôs as mãos na cintura, e ficou a olhar, à espera

que a realidade demonstrasse o que a alegria de termos vencido, por nove dois, não deixava admitir. As quatro portas estavam abertas, metade das pernas fora, metade dentro, o treinador sentou-se no lugar da condutora, tomou a manete das mudanças, rodou e voltou a rodar, e a máquina não andou. Rodou o volante e não andou. Bateu com os pés no acelerador e não andou. Todos se atiraram ao treinador, com grandes gritos de pára, pára. A irmã sorria – «Pois, meus rapazes, vamos, então, ficar todos aqui, se formos pouco inteligentes. Mas nós somos filhos de Deus, somos inteligentes...» A irmã Alberta disse a rir, e o mais novo, a mascote, perguntou – «Olha, porque estás sempre a rir?» A irmã sorriu de novo – «Não deverias tratar-me por tu, tens de respeitar os mais velhos...» O carro estava parado e o guarda-redes enervou-se. Aquela gaja ria de quê? Corrigia o miúdo, porquê? O miúdo tinha razão, quem ri, ri de alguma coisa que faz rir. O que via ela naquela situação que a fazia rir? A irmã continuava a sorrir, e a abanar a cabeça, de braços cruzados, na berma da estrada. Porque ria ela dos Kimbin, os Kimbin que tinham derrotado os Fumega? O guarda-redes exaltou-se mesmo. Ninguém para os fazer passear de camião, ninguém para lhes dar uma taça, ninguém para lhes oferecer uma Coca-Cola, ninguém para lhes dar uma bandeira, nenhum ajuntamento, nada de nada, depois de uma proeza tão grande, e agora só faltava mesmo aquela mulher, ali, a rir deles. Aquela mulher que não era capaz de dar um chuto numa bola. O guarda-redes fechou os olhos de despeito – «Ponha-se já aqui ao volante, e conduza por aquela picada abaixo, antes que seja tarde.» E o guarda-redes sentou-se dentro da carrinha, ao lado da irmã, a irmã ficou ao volante, muito surpreendida, pois a 4L poderia não andar na picada, e os treze, com grandes gritos, começaram a correr atrás do carro, que os levava ao rio Kimba, não à cidade. O suplente não tinha jogado, corria junto à janela, ao lado do guarda-redes, e gritava – «Cuidado com o Gigi, não nos podemos aproximar...» A 4L descia lenta, os rapazes desciam rápido pela picada fora, no meio do mato quase raso, e depois mais alto, arbustos altos aqui e ali, um grande buraco no meio da picada, e a 4L parada. «Porque não andas?»

A irmã cruzou as mãos sobre o volante e começou a falar muito devagar – «Afinal, para onde vamos? Assim, nunca iremos chegar à vila, quanto mais à cidade. Ora, nós somos inteligentes, Deus fez as nossas cabeças para pensar...» O treinador estava debruçado sobre a janela de onde partia aquela fala da irmã, e sentiu-se desautorizado, ele que tinha treinado para a vitória daquela jornada, ele que tinha a faca Sandokan no bolso, que tinha comido mangas verdes que lhe rebolavam no estômago, um sabor a terebintina dos diabos, e ele suportava, todos suportavam, e vinha aquela pessoa, que deixava o carro ir abaixo, dizer aos membros daquela equipa que tinham de ser inteligentes. Ele, a ouvir o comando de uma mulher que não sabia o que era uma bola redonda, a insinuar que ele não era inteligente. Ele que tinha organizado o esquema três, três, quatro, que tinha resultado de forma fenomenal. «Sai daqui, já.» A irmã Alberta a princípio não se moveu, depois abandonou a carrinha e a chave, e andando às arreas, entrou pelo capim dentro, sempre a andar para trás, os olhos em nós, como se nunca tivesse visto a equipa dos Kimbin, até que se virou para o sol que declinava, retirou o rosário de uma algibeira do uniforme azul e começou a rezar.

Nós víamo-la de perfil, no meio do capim, e vê-la provocava imensa raiva, porque ela dizia palavras em voz baixa e tinha os olhos fechados. O que significava que a gaja

poderia ficar ali o tempo todo, e se ficasse, e a 4L continuasse metida no buraco, ninguém iria de carro ver o Gigi a passear no rio, e ninguém iria até à cidade desfeitear a reputação dos adversários. O suplente, que tinha subido ao galho de uma árvore de onde pendiam uns frutos pretos, gritou – «Ele não anda pelo rio, ele deve andar lá pelo lago, podemos ir...» O avançado da extrema esquerda que havia enfiado quatro golos, preparado dois, e comido uma manga verde, também gritou – «Descobri! Vamos levá-la a ver o Gigi!» A pé ou de carro? Gritou alguém. Como, se o carro não anda? A pé é que eu não vou. Então estávamos nós naquele dilema, e a mulher que conduzia, em vez de se mexer, encontrava-se no meio do capim a rezar de olhos fechados. «Já sei, vamos nós mesmos levá-la ao Gigi» – disse o guarda-redes, cheio de felicidade, pois ele tinha defendido uns vinte *penalties*, e só havia deixado entrar duas bolas. Ninguém lhe iria ensinar o que deveria fazer. Todos à volta da carrinha parada no meio da picada, com a irmã Chvaitza a mover os lábios, no meio do capim, como se estivesse preparada para passar ali o resto da vida, impassível. Por que motivo aquela gaja só rezava e ria, e agora tinha os olhos fechados, e não dizia nada? Não encontrava uma solução? Não dizia merda, cu, filhos da puta, porque não dizia? Porque estava ali parada, e nós aos saltos, sem sabermos muito bem se queríamos ir ver o Gigi ou abalarmos já para a cidade para darmos conta da reputação dos Fumega? A gaja agora tinha-se posto de joelhos e rezava, os joelhos no meio das ervas secas, e rezava, sem nos olhar, tinha os olhos fechados, e ria. Por que diabo tinha os olhos fechados? Porque não reagia a gaja, não dizia nada? E nós cheios de cólera, sem bandeira, sem taça, sem uma refeição decente, sem uma garrafa de Coca-Cola, só mangas verdes, roubadas, que tínhamos descascado com a faca Sandokan? E ela, nada, só rezava, não resolvia nada. Quem era ela, afinal? Até uma hora atrás, a irmã era a irmã enfermeira, porque tinha uma caixa branca com uma cruz vermelha, e deslocava-se num carro. Mas agora com a 4L parada no meio da picada, e de joelhos, sem o lenço, que já tinha perdido, era apenas uma mulher de joelhos que rezava, a quem se podia dar um empurrão e deixar estendida, que nem saberia levantar-se como uma pena de galinha, segundo ensinava o treinador. Estávamos todos à volta da mulher que não podia nada. «Despe-te já» – disse o guarda-redes, aquele que mais se tinha destacado durante o jogo, o elemento fundamental. Um dos avançados, o que só havia metido um golo, e poderia ter metido dez se não fosse aparecerem na frente elementos do clube adversário, disse – «Todinha nua, já.» E a gaja não se movia, não se irritava, não dizia nada, só rezava. Aproximámo-nos cheios de razão, tocámos-lhe e, ao primeiro contacto, queimou, era preciso ser rápido para desfazer aquela queimadura. À segunda aproximação, foi um delírio de prazer. A mulher já não tinha rosário nas mãos, nem óculos, nem lenço na cabeça, nem saia, nem blusa, nem avental, nem cuecas, nem *soutien*, nem meias, nem sandálias, nem relógio de pulso, nem o escapulário, um fio com uma imagem santa, já não tinha nada, e não reagia, só rezava, movia os lábios, e mostrava os dentes alinhados. Agora que a irmã toda nua estava de joelhos, de mãos postas, já nem mulher era, era apenas uma posta de carne a rezar. Mas não ria, ou pelo menos se ria não se notava, pois tinha a cabeça quase no chão, e o traseiro todo para o ar. Uma posta de carne com as fendas expostas ao sol da tarde. Aquilo, agora já não era nada. E era bom de ver como não era nada, como podíamos transformar, por nossas mãos, pessoas em postas de carne. Nós catorze, à volta daquilo que tinha sido

uma gaja, transformada em nada. As roupas da gaja em nossa mão, que podíamos agitar, as bandeiras que nos tinham faltado em campo, já ali estavam. O avançado direito, que era um esquerdino formidável, o mais alto, um europeu rosado, encarnado de felicidade, achou que tínhamos de ir até ao fim. Estávamos embriagados de triunfo, e a nossa taça era uma bola de carne, no meio do capim, à mercê dos nossos chutos, à beira da picada. O esquerdino branco, rosado, vermelho de calor, só dizia que, uma vez que se começa, só se acaba no fim. Mas a mascote apenas tinha doze anos e começou a chorar.

O rapazinho mascote chorava muito alto, como um filhote de hiena desprezado. Chorava altíssimo. Era preciso acalmá-lo. O treinador encarregou-se do assunto. Se ainda não era homem não deveria ter feito parte do *team*. Ok? Aquilo era o seu baptizado de adulto e teria de aguentar, teria de ver tudo. E teria de se calar para a vida e para a morte. Nem que fosse preciso mostrar-lhe a faca Sandokan. A mascote disse que sim, mas não parava de soluçar. Como ainda não tinha suficiente fogo no sangue, não deveria ter vindo. Era um perigo um rapazinho daquela idade participar naquela cena de glória. Alguém estava a ver o Gigi nas margens do rio? Aquele bicho rochedo, manhoso, que se deslocava na água sem ruído nenhum, à espera? Percebia-se que tinha chegado o momento decisivo. Ninguém falava. O Gigi deveria estar lá no lago Kimba, o seu nome significava larva de pedra. Havia então que decidir. O treinador disse – «Não vamos para o rio com ela assim. Lá porque estamos contentes, é preciso ter misericórdia.» Ele tinha na mão a faca Sandokan, e iria ter misericórdia. O treinador disse – «Só que a gaja tem de parar de rezar, senão eu não consigo. Nem a rir nem a rezar. Quero-a muda como o capim.» E tudo teria acontecido em silêncio se não fosse os soluços da mascote. O garoto estava dobrado de cócoras no meio das ervas, com a cara escondida entre as mãos, soluçando. O guarda-redes sentiu a terebintina assomar-lhe aos olhos. O putinho berrava e o treinador não havia meio de ter misericórdia. Ele, que tinha defendido todas as bolas menos duas, pegou na faca Sandokan e disse – «Eu faço.»

Sim, a mascote continuou a berrar. Mesmo quando já não tinha lágrimas, os soluços sacudiam-lhe o corpo por inteiro, e foi assim durante todo o tempo que passámos no capim. E não foi pouco. Sempre a chorar. De tal modo que pensámos que ele iria ser o elo frágil, que em breve iria contar o que vira e aquilo de que participara. Mas não, pelo contrário. Também ele, a mascote, nunca falou do caso. Passaram dois, cinco anos, dez anos, quinze anos, vinte, até agora, e ninguém falou. Na altura, melhor dizendo, naquele mesmo dia, pela noite, no Hospital de Kimban, deram pela falta da irmã, mas em vez de procurarem com ciência, a polícia fez passar os carros-patrolha mil vezes pelas mesmas estradas, sem se meter pelas picadas nem dar uma vista de olhos pelo capim. Na Missão, rezaram. Só descobriram o carro, na picada que descia ao rio, cinco dias mais tarde. Mas a polícia não dispunha de meios para ler as impressões digitais. E a caixa dos medicamentos, com a cruzinha vermelha, lá estava no banco, ao lado. A chave encontrava-se na ignição. O Gigi tinha recolhido ao lago. Só que o facto de não andar a passear no rio, quando encontraram o carro, não lhe retirava a autoria do acto. A irmã Alberta teria sido levada pela beleza do sol-posto a

olhar para o rio, e talvez tivesse saído do carro, ignorando que se tratava de uma zona perigosa. E teria sido colhida pelo animal. Se se tivesse a certeza de que ela havia desaparecido no cumprimento do seu dever missionário, a congregação estava disposta a designar a Missão por Alberta Chvaitza, como era conhecida. Mas na Missão não havia a certeza. Nós todos participámos na composição da incerteza, pelo nosso silêncio profundo, como se nunca tivéssemos visto a irmã, como se não a tivéssemos despido e preparado o seu corpo. Como se não tivéssemos usado a faca Sandokan. Nada, a nossa boca nunca se abriu, como rapazes que éramos, homens que fomos, que somos. Com o tempo, tornámo-nos criaturas boas, alguns trabalham, outros têm mulheres que trabalham para eles, e são pessoas pacíficas. Alguns, como eu, são empreendedores e dão trabalho aos outros. Mas quando a terra se preparava para esquecer o nome da irmã, e o leito do rio e sua lama se preparavam para esconder no fundo do fundo do lodo o resto da matéria orgânica em que se deveria ter transformado o corpo da irmã, o seu espectro começou a aparecer no meio da estrada, perseguindo-nos em silêncio.

Antes falasse, antes risse, antes rezasse. Antes pedisse explicações. Mas não, ela surge-te na curva da estrada onde lhe pedimos boleia, o carro tem os mínimos acesos, quer seja dia quer seja noite, e ela vem ao teu encontro, e persegue-te, voando por cima do teu carro, ou vem ao teu encontro até encontrar o teu peito, entra no teu peito e a seguir desaparece, deixando um homem imóvel pregado ao chão, por muito tempo.

Agora eu tenho tudo, tenho três motéis que recebem o meu nome, tenho pessoal que me respeita, ando por toda a parte, visito grandes cidades por causa dos motéis, apanho aviões, falo com gente, sou um homem do mundo, sou um homem bom e, no entanto, tenho para contar esta coisa má. Esta coisa má quer sobretudo ser contada quando estou longe do lugar, quer ser contada a desconhecidos, uma tentação, a tentação de contar. A quem contar? Fico nos aeroportos a olhar para as pessoas, com vontade de lhes falar desta história que aconteceu num tempo e num lugar tão particulares, e nunca encontro a pessoa e o local adequados. Sento-me nos aeroportos, a ver passar gente, e queria ir atrás dessa gente, queria despejar-lhes atrás dos sapatos esta história escondida, partilhada por catorze pessoas, para que a levassem consigo e a enterrassem nos seus quintais, e não encontro quem. Mas esta noite, neste hotel vazio, no meio de nada, nada entre dois aeroportos, território sem barreiras, jantando, na qualidade de *overbooked* de um voo que partiu sem nós dois, achei que poderia contar esta coisa má. Eis, pois, porque lha conto, enquanto nos trazem a comida paga pelo *voucher*, o quarto pago pelo *voucher*. No meio desta sala sem ninguém, só nós dois, desconhecidos, eu sem saber o seu nome, você sem conhecer o meu. Achei que era o momento para falar daquele dia em que os Kimbin ganharam aos Fumega, em que pedimos uma boleia para catorze, e depois fizemos de uma mulher uma bola com golpes vermelhos, e depois a atirámos ao rio, chamando o Gigi. E a seguir, embriagados pelo nosso poder, corremos até à cidade, entrámos num bairro cantando, e desfizemos a reputação dos Fumega. Está escuro aqui dentro, como se o restaurante do Ermitage em vez de *overbooked* desconhecidos recebesse casais em estado de namoro. Mal sabem eles de que namoro se trata.

Durante algum tempo, a minha dúvida era esta. Ou abalava para sempre daquele lugar e desfazia-me dos motéis que levam o meu nome, *Motéis Francisco de Kimbalina*, e nunca mais conduziria por aquela estrada, ou regressava à terra e contava o que se havia passado há vinte e dois anos, para que pudessem colocar por cima da porta da Missão o nome de Maria Alberta do Rosário, o verdadeiro nome de Alberta Chvaitza. Neste caso, catorze homens mostrariam a sua nódoa, uns mais do que os outros. Seria muito duro, sim, seria. Deveria? Não sei. Optei pela primeira hipótese. Vender os motéis, partir para longe, e é o que estou a ensaiar com este voo, onde me puseram em *overbooking*, os cabrões dos vendedores de passagens, esses filhos da puta dos comerciais de aeroporto. Os desgraçados. Logo ser eu o primeiro da lista de dois dos que não entraram no voo. Eu, Francisco de Kimbalina, como sou conhecido enquanto empresário. Sobejei eu, e você, uma lista de dois. Dois que foram metidos num carro e enviados para este hotel no meio de coisa nenhuma, um corredor sem fim, um escuro sem fim, as minhas malas a rolares pela passadeira sem fim, e a meio do corredor, vinda do fundo, uma mulher de azul, de rosto não nítido, veio ao meu encontro e entrou-me pelo peito. Paralisou-me no meio do corredor.

Entrou-me pelo peito a milhares de quilómetros de distância de Kimbalina, como se estivesse lá, na curva da estrada. Ainda que eu viaje para o fim do mundo, agora estou certo de que ela surgirá de uma curva, ou de uma recta, de qualquer linha geométrica que seja, para vir ao meu encontro e me entrar pelo peito. Neste caso, voltei para trás, vim recolher-me no restaurante do Ermitage, e daqui não saio. Passarei, assim, a noite. Felizmente você estava aqui sentada, como se estivesse à minha espera. Não estava, não sabia que eu existia, mas partilhou a sua refeição comigo, e ouviu-me como se me esperasse. Ouviu-me com tanta atenção que prometo não faltar ao que está combinado, esclarecerei todas as dúvidas que sobejaram do meu relato. E custe o que custar, só direi a verdade. Não sou só um homem bom, sou também um homem honrado.

Sim, confirmarei.

Se posso avaliar quantos habitantes de Kimbalina já avistaram a mulher de azul? Não posso. Se as posso identificar? Também não posso. Sim, confirmo, eu gostaria que muita gente tivesse visto a mulher de azul. Sim, nenhum dos meus antigos colegas da equipa dos Kimbin contou que a avistou. Não, não me consta nem falei com eles. Como posso explicar? Confirmo, até agora, que eu saiba, só à minha pessoa aconteceu. Sim, é um segredo só meu. Agora é seu também, a pessoa dos aeroportos a quem contei a coisa má. Desculpe, aqui e ali ter distorcido a verdade da coisa má. Achei que seria mais difuso, menos grave, se a aparição fosse colectiva e pública. Uma aparição que aparece a muitos não aparece a ninguém. Uma comunidade é uma realidade humana, mas não é alguém. Compreendo. Não importa, confirmo. Não omito nem minto. Cumpro a minha palavra.

Sim, confirmo também. Desde há cinco anos a esta parte, a figura vem ter comigo

sobretudo de noite, no terraço, nos bares, lá onde eu esteja pode surgir a figura. Nas praças, nas estradas. Ela surge em qualquer lugar, quando eu menos julgo vem ao meu encontro, caminha sem fazer ouvir as suas passadas, aproxima-se e entra-me pelo peito. Não é a primeira vez que ela me assalta quando entro num corredor mal iluminado, como aconteceu aqui, no Ermitage do aeroporto. Não é a primeira vez. Trata-se apenas da confirmação de que está disposta a ir ao meu encontro até no fim do mundo.

Não, isso não confirmo. Nunca foi minha ideia esconder-me atrás da figura da mascote, nunca insinuei que eu era ele. O rapazinho foi a única figura que se salvou, naquele dia. Não só sofreu com o momento, como nunca contou o que se passou. Eu poderia dizer que eu era ele, e assim o meu destino ficaria mais leve. Ser aquele que soluçou durante toda a tarde, ficar-me-ia bem, mas não, não foi assim, eu não fui o inocente, não tinha doze anos, tinha dezassete, não solvei, antes incitei a que ele mesmo olhasse para o fio da faca Sandokan e se calasse para sempre. Hoje, é um homem bom. Faz mandados, transporta caixotes às costas.

Sim, confirmo, eu era um dos dois que menciona. Segundo entendeu, das duas uma. Diz que tem a certeza de que, na cena do capim, eu, ou era o treinador, o que tinha a faca Sandokan, ou era o guarda-redes, o outro, aquele que retirou a faca da mão do treinador, farto do prolongamento do momento de misericórdia sobre a figura do que restava daquilo que, uma hora antes, fora uma irmã da Missão. O guarda-redes, o outro. Pois já que nesta hora nocturna, no meio deste mar de cadeiras e de mesas postas, sem valima que nos ouça, é possível dizer a verdade, então eu digo-a pela primeira vez em voz alta. Eu era o outro, o segundo. Sim, eu tinha comido mangas verdes.

Sim, confirmo, haja o que houver, vou voltar para trás, vou regressar à aldeia de Kimbalina.



## O TEMPO DO ESPLENDOR

Escutai o silêncio da casa na madrugada. O corredor ainda está escuro e a porta ao fundo mantém-se fechada, mas eles já riram, já falaram e já se calaram de novo. O quarto, porém, continua trancado.

Agora a criada de fora, vinda do quintal, atravessa a cozinha e toma o saco onde colocará o pão que irá buscar ao lugar. Já abalou. Entretanto, a criada de dentro aqueceu a água. Colocou os jarros à porta do quarto de banho. São de metal. Então, sim, a porta do fundo abre-se, a minha mãe sai, a minha mãe entra, e só depois é a vez de o meu pai passar pelo corredor. Eu mantenho-me deitada. Quando a criada de dentro me vem buscar, eu tenho os olhos fechados, as pálpebras bem cerradas, mas ela sabe muito bem que eu não estou a dormir. Então, envolta num xaile, ao colo da criada, eu vou assistir ao pequeno-almoço do meu pai. Era o tempo das grandes casas para três pessoas, o tempo das criadas, o tempo da água não canalizada, o tempo de uma lâmpada só a balouçar do tecto, o tempo dos jardins domésticos com lagos e peixes vermelhos, o tempo dos professores de Latim como era o meu pai.

Reparai também na beleza da casa. A minha mãe é linda, tem cabelos compridos que lhe dão pela cintura, e a cintura fina, de tal modo que muitos diziam que parecia impossível que ela tivesse tido filhos, isto é, que tivesse dado à luz uma filha. Quando sai de casa, leva um chapéu com uma aba caída sobre a testa, e sorri a quem passa olhando através do véu que enfeita a aba. Mas eu amo o meu pai. Ele tem o pescoço liso, o chapéu cor de cinza, os ombros largos e os fatos escuros, imensos, vastos. Paramentos. Os fatos do meu pai são paramentos que eu vejo limpar e vincar todas as tardes. É a criada de dentro quem os passa a ferro. Passa também as meias e os lenços. Grandes lenços brancos, porque o pai tem uma rinite crónica. A criada de dentro passa os lenços com um desvelo sagrado. Os fatos, uma vez prontos, vão direitos para a cruzeta ou para o manequim, e os lenços são empilhados. Para passá-los, ela usa um grande ferro de engomar, pesado, com uma chaminé semelhante à de um forno de cozer barro. Lá dentro, brasas vermelhas que é preciso soprar e manter acesas, e quando aquele pesadelo de metal em brasa pousa sobre o pano branco que protege os fatos, o vapor de água e o chiar da fervura criam uma ebulição fantástica na lavandaria, mas eu não tenho medo. Eu gosto de observar. É como se a máquina de um comboio

estivesse a passar por cima da roupa do pai, mas a criada de fora corre a afastar-me do ferro. Existe, naquela casa, o medo pânico de que eu me aproxime do perigo, que eu me possa queimar. Cuidado com o ferro de engomar, cuidado com o ruído que quebra o silêncio da casa.

Escutai então o silêncio da casa, a meio da tarde, quando o pai regressa, e traz dentro da pasta os exercícios do *rosa pulchra est, rosae pulchrae sunt*.

A mãe saiu para a cidade com a criada de fora, eu fiquei em casa com a criada de dentro, e devo abalar para o jardim, sobre o triciclo, para não incomodar o meu pai. Ali estão as duas faias, os cinco choupos, a olaia, e sob as suas abas, umas roseiras longas, e uns buxos cortados em forma de pássaro. Tudo isso disposto em redor de um tanque cheio de água, onde nadam nenúfares e, por baixo dos nenúfares, os peixes vermelhos em cardume. Eu faço corridas de triciclo em volta do tanque a que chamamos lago. No meio do lago, está uma sereia de pedra com um búzio e dele escorre água permanentemente. Entornando-se sobre os cabelos da sereia, a água não faz barulho nenhum. Eu faço todo o barulho que é possível fazer, eu grito – *Zuuuum!* E as árvores escutam os meus passos e a minha viagem. A criada de dentro faz – *Chiu!* Estamos perto da janela atrás da qual o meu pai lê páginas atrás de páginas. Ao lê-las em voz alta, ele diz palavras que não fazem nenhum sentido – *Sub tegmine fagi silvestrem tenui musam...* E outros enigmas semelhantes. Esse mistério é a matéria do seu estudo ininterrupto. Vê-se através da janela que está debruçado, concentrado, está em fato completo como se estivesse nas aulas, solene e digno, está paramentado, o meu pai. Ele sorri-me de vez em quando, à medida que me aproximo e me afasto sobre o triciclo, e assoa-se naqueles lenços brancos, mas não me diz nada. *Zuuuum!* – Grito eu em torno dos peixes, pedalando sobre o meu carro. Era o tempo em que as pessoas estudavam *Sub tegmine fagi*, era o tempo em que os professores não tiravam o casaco, o tempo em que as mães iam levar os pais ao autocarro e atrás seguiam as filhas, seguiam as criadas de dentro e as criadas de fora. Neste caso, cada uma delas segurava uma das mãos da filha. A filha ia balouçando atrás da mãe e do pai, de braços abertos, levada pelas duas criadas. Antes de o pai subir para o autocarro, a mãe dizia – «Cuidado com a tua rinite, Eduardo. Levas contigo os teus lenços?» Sim, ele levava os lenços consigo. O pai entrava para o autocarro, era um professor de Latim, mas para mim era um homem grande rodeado de lenços. Eu amava o meu pai.

Escutai, pois, o silêncio na lavandaria da nossa casa, onde se encontravam os seus lenços.

\*\*\*

Ainda estão por passar a ferro, e são grandes, imensos e feios. São brancos e lisos como lençóis, os seus lenços. Os da mãe, pelo contrário. Esses são pequenos e têm cantos de renda, têm flores e bonecos coloridos, figurinhas de saias com canudos minúsculos que eu já vi bordar. Bordam-se passando linhas em volta de umas agulhas que depois se retiram de modo a criar-se relevos, que saltam à vista e se sentem

quando passamos os dedos por cima. Proezas feitas por mãos delicadas. Os lenços da mãe estão cheios dessas proezas. Dá que pensar. Estão repletos de flores e de rendas, e a mãe não tem rinite, e o pai que tem rinite usa lenços sem bordado nenhum. Lenços grandes como as toalhas deslavadas com as quais se cobrem as mesas das criadas. É verdade que a mãe tem aquele cabelo comprido, que transforma em trança, a trança que ela enrola sobre a nuca, onde a aba do chapéu pousa, e às vezes a trança descai, e mesmo assim, a mãe é sempre bonita, merece aqueles lenços, mas eu amo o meu pai, e ele tem rinite crónica e não tem lenços bordados. A injustiça não me dói, no entanto, eu detecto-a, tacteo-a, concreta e palpável, vejo-a diante dos meus olhos, e eu quero desfazer a injustiça. Eu preciso de segurar entre as minhas mãos um lenço do meu pai. Devo servir-me de um lenço, sem dizer nada, ou pedir à criada de dentro? A criada de dentro dá um salto como se eu estivesse a cometer um crime – «Que ideia, menina Marina, que loucura é essa? Quer um lenço do seu pai para fazer o quê com ele?»

\*\*\*

Não, eu não posso usar um lenço do pai. Um quadrado de pano branco do mesmo tamanho, também não. No tempo da água não corrente, dos chapéus, das luvas e das criadas, um quadrângulo de pano é coisa válida – «Tome isto, e é se quiser...» E a criada de dentro entrega-me uma pequena peça de tecido branco, um quadrilátero de pano pouco maior do que a palma da sua mão, ainda por cima irregular, um trapézio escaleno que a tesoura, objecto a que eu não posso chegar, não irá tornar regular. Não faz mal, esse mesmo serve. Agora, o que eu quero são linhas e agulhas. Mais nada.

A criada de dentro também não sabe para que quero eu uma linha vermelha enfiada na agulha. E um nó, pois eu preciso de um nó na ponta da linha. Enquanto o grande ferro de engomar esbraseia e fumeja por cima das camisas do pai, eu enfio a agulha na superfície do trapézio escaleno, puxo a agulha, faço-a voltar atrás, crio um trajecto vermelho no meio do tecido e volto a enfiar e a puxar. Dois trajectos. Uma estrela. Outra estrela. Outra linha enfiada, agora verde. Uma estrela verde, uma linha cruzada sobre outra e, de repente, um sol. Um sol verde sobre o pano, entre estrelas. A criada de dentro está farta de suspender o seu trabalho para atender os meus pedidos. Enfia a linha amarela, sempre com um nó na ponta, conforme a minha exigência, e eis que surge uma flor do jardim no meio do pano escaleno. Depois, um peixe, e logo dois peixes. Cruzo linhas sobre linhas. De súbito, no meio do pano, surge a sereia. É uma felicidade. Com a linha lilás, bordam-se excelentes peixes, e ainda sobeja para o rabo da sereia. E com a linha laranja, desenho a comida dos peixes. É lindo, não é? – A criada de dentro acha que é uma maçada, mais uma linha e outra linha, porque não sabe que se trata de um lenço bordado para o meu pai. Juro, a justiça será feita pela minha mão. Eduardo Pestana, o meu pai, professor com rinite crónica, irá servir-se daquele lindo lenço bordado pela filha. Está terminado o trabalho. Então, no dia seguinte, entrego o pano sobre o qual existem dezenas de linhas cruzadas, e peço à criada de dentro que passe a ferro o meu lenço.

Com perícia de ferreiro, ela levanta aquele instrumento em brasa, fumando vapor de água, interpõe um pano branco entre a base do ferro e o meu labor, comprimindo energicamente o cogulo de linhas cruzadas. Passa e repassa. Já está. Entrega-me o

objecto espalmado pegando-o por um dos cantos. Eu tomo-o. A minha riqueza está entre os meus dedos. Vou a correr guardá-lo. Já experimentei. Há uma gaveta da cómoda do meu quarto que eu consigo abrir e fechar. Puxo-a, e sob as roupas, guardo o lenço bordado que hei-de oferecer ao meu pai. Estrelas, sol, lua, flores, nenúfares, água do tanque, peixes vermelhos, comida de dar aos peixes, que ali são azuis, e a sereia de pedra é preta, pois também há linhas pretas, um novelo de linhas indestrutível, tudo isso fica guardado para o momento exacto. Será amanhã? Depois de amanhã? É preciso tomar cuidado, pois a partir de depois de amanhã, o futuro já deixou de fazer sentido. Não sei o que é isso de quando um dia fores grande. Só sei que fecho a gaveta da cómoda, a porta do quarto, e a minha oferta lá está. Cuidado comigo. Eu chamo-me Marina Pestana, já tenho cinco anos de idade, e um lenço que hei-de oferecer ao meu pai.

Então o tempo começou a passar e o momento importante nunca mais chegava.

O pai partia de manhã carregado de lenços lisos, regressava pela tarde com as algibeiras cheias de lenços amarrotados, entregava-os na lavandaria, e logo eram lavados, estendidos, passados a ferro, de novo entravam no seu bolso, e assim por muito tempo, *per nunc et semper, per omnia saecula saeculorum, ámen, Doutor Pestana*. Sem pausa nem intervalo. Sem regresso ao dia de ontem nem calendário para o dia seguinte. E no entanto, certa manhã, aconteceu alguma coisa de inesperado. Eram oito horas e meia, uma bordoadas forte tinha batido no relógio da sala. Quando nos aproximámos em bando da paragem do autocarro, o pai, como era seu costume, apalpou as algibeiras, bateu de um lado e de outro, e não encontrou os lenços – «Os meus lenços? Não os trouxe!» A mãe, com a trança muito comprida, muito elegante, muito linda, gritou para a criada de dentro – «Você não pôs os lenços junto do fato do senhor doutor. Vá buscá-los já!» A criada começou a correr na direcção de casa. Eu larguei a mão da criada de fora e consegui correr mais veloz do que a criada de dentro. Ainda por cima ela não sabia o que teria feito aos lenços. Mas eu sabia onde se encontrava o meu, guardado havia dias, talvez semanas, dentro da cómoda do quarto. Abri a gaveta, retirei o lenço bordado e corri na direcção do meu pai, voando. Tinha conseguido. Ofegante, parei junto à sua figura, estendi o lenço e murmurei umas palavras, mas o meu braço ficava apenas à altura da algibeira do seu casaco, e por mais que eu olhasse para cima, o meu pai mantinha os olhos na curva da rua de onde proviria o autocarro, enquanto a criada de dentro lhe entregou três lenços. Então o meu pai correu para a paragem, e nós ficámos a vê-lo partir. Tudo acabava assim. Eu tinha o lenço bordado nas minhas mãos e ninguém o via. Como era possível?

O meu lenço tinha estrelas, o sol, a lua, os peixes e as flores e ninguém o via. O meu pai nem tinha escutado o meu murmúrio. Se ao menos eu tivesse feito *Zuuuuuum*, mas não, eu tinha falado tão baixo, tão baixo, e era tão pequena, e ele tão alto, que em vez de tomar o meu lenço, guardando-o na algibeira, o Doutor Eduardo Pestana, professor de Latim, apenas tinha colocado a mão sobre a cabeça da filha, na pressa de partir. Agora o que poderia eu fazer daquele lenço? – Era no tempo das longas noites com livros, no tempo das criadas sem horário, no tempo da água quente em jarras e potes, no tempo muito longínquo, em que umas quantas lâmpadas de luz eléctrica

balouçavam das paredes, e o resto da casa era iluminado a petróleo. No tempo dos ferros a carvão, no tempo dos grandes chapéus. No tempo em que a criada de dentro chorava porque não tinha colocado, como deveria, os lenços junto do fato do senhor, e ficava a lamentar-se com a criada de fora, e isso acontecia enquanto atravessávamos o jardim de regresso a casa. O que mais dizer? Que nesse tempo tudo poderia ter acontecido assim. Eu regressaria ao quarto, à cómoda, voltaria a colocar o lenço dentro da gaveta, e o tempo iria passando, até que o lenço deixasse de ter qualquer significado, até que desaparecesse nas sucessivas mudanças dos móveis e das casas. *Finis finium* para esse lenço. E um dia, muito mais tarde, durante um serão, quando eu já fosse uma mulher e o pai fosse um homem no arco descendente da vida, eu contaria o que se havia passado com um certo pano da dimensão de uma mão coberto de linhas. E ambos haveríamos de rir por graça e distância no tempo.

Mas não foi isso que aconteceu. Não foi. Pelo contrário.

Naquela manhã, a mãe regressou ao seu quarto, as criadas ficaram a falar sobre as suas próprias faltas, as suas punições e as suas recompensas, por ali, no jardim, e eu pude correr na direcção das árvores que amava, na direcção das roseiras esgalgadas na busca de luz, dos nenúfares e sobretudo dos peixes. De todos esses seres, aqueles que eu mais amava eram os peixes. Escutai, pois, o silêncio dos peixes, escutai como eles me escutam, como ao mínimo movimento do meu chapéu, eles se aproximam da borda do tanque. Agora eu aproximo-me deles. O tanque tem água até quase à borda e os peixes estão abrigados debaixo daquelas folhas que lhes fazem de guarda-sol e de guarda-chuva, eles, os peixes do lago vão e vêm, eles escutam-me e amam-me, eu tenho alguma coisa para lhes dar. Debruço-me, vou ao encontro dos seus corpos lisos, das suas figuras vermelhas deslizando sem ruído dentro da água verde. Debruço-me mais, deslizo-me, estendo os braços para eles, afogo-me, custa muito, mas não custa nada, silêncio deles, silêncio meu, ainda os vejo aproximarem-se, ainda que eu não consiga abrir o meu punho dentro de água para libertar o lenço. Pelo contrário, quanto mais quero entregar o lenço aos peixes, seus únicos destinatários, mais o aperto entre os dedos, e tudo é escuro. Verde-água, verde-limo, verde-escuro, verde-mudo. Um longo tempo no reino da água limo. Longo, longo tempo, todo o tempo e nada custa. É um descanso dormir no reino dos limos, eu mesma feita de água e verdura. Descanso absoluto. Até que eu sinto que o meu corpo de água está sobre uns joelhos, que o silêncio se quebrou, que grandes gritos atravessam o jardim, que a criada de fora, filha de pescador, tem a sua boca sobre a minha boca e eu respiro de novo, e não tendo nem dor nem suspeita de que a dor exista, eu existo. Surpreendida, fora de água, a mãe aos gritos, as criadas aos gritos, eu a ser levada ao colo a caminho de casa, e existo. Quanto tempo terá passado a Marina dentro da água dos limos? – Então veio o médico, veio o meio-dia, veio a hora do almoço, veio a tarde, veio o pai e a surpresa do pai, o pai também aos gritos, porque o não tinham chamado, na hora exacta, zangado com a mãe, com as criadas, com a luz que vem de fora, com o médico, com o quarto, e depois o pai aproximou-se, retirou o chapéu, eu estava estendida na cama dos meus pais, o quarto ao fundo, onde eu raramente entrava, mas de onde vinham os risos de madrugada, e de súbito, no meio de tudo isso, ali estava eu, surpreendida, incrédula,

culpada, sorrateira, eu, o centro de um nó indestrinçável. E pousado sobre uma toalha, em exposição, o meu trapézio de pano semeado de linhas.

«O que é isto?» – perguntou o meu pai, olhando para o pedaço de pano coberto de linhas cruzadas como se fosse uma peça de bruxedo. Levantando-o ao alto. «Ela tinha isto na mão, e porquê?»

A criada de fora juntou as mãos sobre o peito, jurando que não sabia de nada, nunca tinha visto semelhante objecto, não compreendia por que razão a filha do senhor tinha sido encontrada dentro do lago com semelhante pano entre os dedos. Jurava que não sabia.

«Eu sei de que se trata, Doutor Pestana» – disse a criada de dentro.

O meu pai continuava à espera, segurando o pano.

«Foi um lenço de assoar que a menina bordou para o Senhor Doutor.»

«Bordou para mim? Pois porquê?»

O meu pai voltou a colocar o lenço sobre a toalha e ficou a olhar. A mãe, as criadas, as lágrimas das criadas culpadas, todos a olharem para a peça de bruxedo. O pai examinava-o agora como se fosse um objecto de ciência. Objecto de ciência humana a que ele, um perito na matéria, um professor que lia Horácio e Virgílio como se fossem o seu catecismo, e a *Didáctica Magna* de Coménio como se fosse uma agenda, tinha dificuldade de acesso. Até que o pai retirou o laço do pescoço, despiu o casaco, pegou no meu corpo e me juntou ao seu corpo, e entre nós só havia o tecido de uma camisa. As criadas abalaram, a mãe abalou, eu fiquei com o pai, encostada ao seu ombro, a peça de bruxedo sobre a toalha, aos pés da cama. Era a hora do esplendor. Estrelas, peixes, flores, o sol, a lua, os limos do tanque verde. Escutai o silêncio do tanque. Escutai o silêncio da casa. Fechai os vossos olhos diante do esplendor, pois agora o tempo passou.

Sim, agora, passaram décadas sobre décadas.

Já não há casas desmesuradas para três pessoas, a água já é corrente nas casas, os jardins já não são privados, já não há criadas, já não há ferros aquecidos com brasas, já não há professores de latim. As grandes casas nas cidades foram transformadas em solenes casarões com funções colectivas. Em alguns, sobre as portas, em ampolas iluminadas de azul, de noite, pode ler-se a palavra SILÊNCIO. Silêncio neste recinto, por favor. Escutai, escutai o silêncio desta outra casa. Escutai o silêncio deste casarão, agora mesmo interrompido por um leve rodado de móveis. A rapariga de branco entra empurrando o carrinho repleto de tranquitanas. Líquidos, tesouras, agulhas, vidros. Escutai as suas manobras sobre os vidros. Escutai o silêncio da rapariga. Ela rompe o silêncio, e pergunta – «Então, finalmente, chegou o grande dia? E o que sente? Tem medo, doutora Marina? Conte lá à gente.» Escutai todas as palavras da rapariga de branco – «A senhora vai ser a primeira, já lá estão todos à sua espera. Vamos lá. Não tenha medo nenhum.»

Eu, medo? Pois medo de quê?

Sobre os varais da cama branca, está escrito o meu nome. Eu continuo a ser a

mesma, continuo a ser a Marina Pestana. Escutai, pois, o silêncio do corredor por onde vou a passar. O esplendor vem ter comigo a meio do corredor e leva-me consigo, deitada. Vou ser a primeira da manhã, e haja o que houver, banhada por esse brilho que me chama, não tenho medo nenhum. Sobre o meu peito, estrelas, o sol, a lua, flores, a água do tanque, os peixes vermelhos, e a minha boca muda, sabendo de tudo.



## IMITAÇÃO DO ÊXODO

Devemos levar as crianças ao encontro da Natureza, de outra forma elas ficam entaipadas entre casas e cercas e julgarão que o mundo é finito. Pobres delas, e pobres das mulheres e dos homens que já vivem por antecipação no interior das suas recentes vidas, se não souberem desde cedo que a Humanidade não se conta por números, que a Terra faz parte do Cosmos, que o amor é um texto sem limites.

Pobres delas se não souberem que algumas das estrelas que vemos no céu já desapareceram na noite dos tempos, mas a sua luz ainda brilha no firmamento, e assim, sabendo-o, se descubram pequenas. Pobres delas, também, se não compreenderem que a efêmera, a frágil prima da libélula, só vive durante um dia, e logo morre, e é bom que o entendam para que se sintam grandes. Sim, devemos colocá-las tanto diante das realidades limitadas quanto das paisagens livres, para que se apercebam, desde cedo, que a vida dos homens é uma agulha oscilante entre extremos. Só assim, colocando as crianças entre os grandes espaços e os seres pequenos, elas saberão dizer quem são, quando lhes couber a si mesmas construírem o futuro do mundo. Estes são os princípios que a professora Matilde defende, e por isso o seu colégio tem o cuidado de ensinar às crianças a vida tal como ela se nos apresenta no seu verdadeiro formato. No dia de ontem, a professora Matilde desenhou uma circunferência a verde no calendário do seu gabinete, e hoje levou-as ao Parque das Cidades.

Não as levou sozinha. Douglas, o jovem professor, também acompanhou as crianças. Foi ele quem desenhou o percurso e concebeu o conceito. Para um passeio desta natureza é necessário um conceito que dê coerência ao todo e aos seus pormenores. Mas, desta vez, Douglas não pensou no pequeno e no grande mundo da Natureza e do Cosmos, e sim no delicado tecido da história. Pensou em alguma coisa mais em conformidade com a natureza humana, mais próxima do sensível coração das crianças. Ou por outras palavras, hoje, as crianças vão ao parque para representarem não a história longínqua, aquela na qual os actos surgem petrificados em forma de estátuas, mas a história próxima, a história vivida, a história partilhada pelos homens de agora, isto é, para aprenderem a participar na construção da marcha conjunta que terão de fazer em direcção ao futuro.

Pois as crianças devem conhecer a alegria, a ternura, a felicidade, a esperança, mas também lhes convém aprender a imaginar a guerra, o perigo, a traição, a morte, a

fome, a força da ambição desmedida que povoa o espaço de estilhaços e línguas de fogo. É para aprenderem a estabelecer a distância entre a guerra e o armistício, que elas devem ir ao Parque das Cidades fazer o jogo do predador, da vítima e do seu salvador. Foi esse o conceito que Douglas criou para o passeio matinal deste dia. Aqui está a razão pela qual o dia de hoje, assinalado pela circunferência verde, vai marcar uma etapa determinante na vida destas crianças.

As crianças fizeram o percurso logo pela manhã, bem sentadas, cingidas aos bancos por sólidos cintos de segurança, fizeram a viagem em silêncio, algumas delas ainda dormindo, mas agora que o autocarro já estacionou e já saíram em bando, podem mover-se e gritar à vontade. O jovem professor Douglas não está sozinho, por perto passeia a professora Matilde, cuidadosa, vigilante. É ele, contudo, quem dirige a movimentação. Foi dele a ideia de colocar números nos fatos de treino das crianças para que cada um conheça o seu lugar no grupo. Foi dele a ideia de manterem as mochilas às costas, ao longo de toda a marcha, para que se saiba que metade do corpo dos homens é composto pelos seus objectos. Agora mesmo, as crianças, em número de trinta e oito, param à entrada do parque, e antes de iniciarem a marcha, ordenadas, acomodam-se nos seus lugares e depois cantam em coro. É a professora Carminho quem dirige o canto, com os braços levantados, imitando o movimento miúdo e o leve, o largo e o profundo. A professora Nona só vigia, e tratará dos lanches que ficaram no autocarro. As crianças já cantaram. Ainda bem que há colégios neste mundo que dão primazia ao canto.

«Crianças! Caminhem, agora, naquela direcção!» – disse Douglas. «Vêem aquelas árvores de flores brancas? Vamos dirigir-nos para lá.»

As crianças põem-se em marcha. Por certo que a escola da professora Matilde está na vanguarda no que se refere à passagem de testemunho, processo sobre o qual se ergue o nobre edifício da educação. O professor Douglas, como nenhum outro, sabe encontrar os temas para proceder a esse imprescindível plano de transmissão da experiência. E assim, as crianças vão rindo e vozeando porque sabem que a cena de que vão participar vai ser boa, vai ser importante, e colocam-se perfiladas junto às árvores, aguardando. São duas turmas de crianças instruídas, formadas, obedientes, preparadas para aquele momento grande.

«Chegámos, crianças. E agora?» – pergunta o professor Douglas, no meio do seu rebanho sagrado.

Os meninos formam um círculo e esperam pela ordem. Cada um conhece o papel que lhe está destinado, conforme o número que leva no peito. Mas é claro que existe um espaço para o imprevisto acontecer. Sem imprevisto não há criação, e criança não é apenas o ser que se cria, é sobretudo aquele que a si mesmo se vai criando. Pois como não? Assim, em primeiro lugar, torna-se necessário que as crianças se apercebam do espaço que vão percorrer. Agora estão no alto do parque, mas o objectivo é descerem pela relva até ao fundo, lá onde os cedros, que a nascente e a poente formam alas, se unem em altos tufos com as tílias, os plátanos e os pinheiros pernaltas cujos ramos de folhas aceradas abanam como penas de casuar. Tudo isso foi explicado antecipadamente às crianças, elas bem o sabem. Sabem, por exemplo, que a árvore em torno da qual se distribuem, neste momento, é uma magnólia. Mas, precisamente

porque sabem, precisam esquecer, diz o jovem professor Douglas. Fechem os olhos. Aquilo em que devem pensar é que se encontram numa cidade cor de areia, onde há casas de muitas cúpulas e por cima delas acontece uma guerra. Que eles mesmos são os habitantes dessa cidade ameaçada pela guerra, e que se vão mover em conjunto através da terra e do mar, até alcançarem uma zona pacífica. Mas será que a alcançarão? Que as crianças imaginem, pois, durante o longo percurso, que deixaram tudo para trás, e só têm o que levam junto ao corpo. Já se disse, um homem, sem objectos sobre o corpo, pode ser uma esplêndida criatura, o mais belo animal da criação, mas não é uma pessoa. Os meninos são pessoas, levam os seus pertences consigo.

«Vamos, crianças! Vamos avançar em grupo compacto» – diz Douglas para os meninos, que estão instruídos.

Então as crianças reúnem-se no meio do parque, olham para o céu e, em coro, produzem grandes gritos graves, produzem o barulho das bombas. Uma, duas, dez vezes. Grandes estrondos no ar. Vinte, trinta estrondos. Com suas vozes fundas, eles bombardeiam, bombardeiam mais. Ainda os meninos de trás estão a bombardear, e já os da frente caem. Por fim, todos caem, e ali ficam na relva, deitados, sob as mochilas, mortos e feridos. A desolação, a tristeza, o silêncio, a pausa total, pois agora a cidade já está destruída. Tal como previsto, as crianças consciencializam o perigo e a perda, assim, deitados, cada um em sua almofada de relva. As bochechas no chão. Mas uma criança levanta-se e vem a correr até ao professor. Ergue-se nas pontas dos pés para falar ao Douglas. Quer dizer um segredo ao Douglas. O que diz a criança?

«Douglas! Douglas! O relógio do meu bisavô está neste parque.»

O jovem professor precisa que a criança repita. Trata-se de Juliana, uma menina normalmente bem comportada. O que a faz interromper a representação do bombardeamento? Que ideia é aquela, a de vir dizer que o relógio do seu bisavô se encontra no parque? O professor nem precisa de dizer uma palavra. Baixa-se para apontar um dedo na direcção do lugar que Juliana ocupava e de onde saiu sem licença. É uma ordem. A criança desce espaço verde fora e deita-se na relva, que não é relva, é o chão de uma imensa cidade em escombros de que não resta tijolo sobre tijolo, pedra sobre pedra. Um espaço cheio de destruição, e os homens, as mulheres e as crianças que ainda vivem estão apavorados, erráticos, sem fala, depois das bombas que lhes caíram em cima e partem para o êxodo. Agora, é o momento de levantar do chão. Para onde vamos?

Com a ajuda da professora Carminho, as crianças dizem em coro – «Vamos fazer uma grande marcha.»

É Carminho quem prossegue – «Sim, primeiro através da terra, depois através do mar, depois na direcção de cidades onde haverá pessoas que nos darão a paz.»

Então os meninos caminham, caminham unidos, talvez estejam a atravessar um deserto. Um campo sem nada a perder de vista. Os alunos do colégio da professora Matilde preparam-se agora para atravessar o mar. Os vinte meninos da frente juntam-se em grupos de cinco, formando barcos que avançam. Os dezoito meninos de trás caminham agitando os braços, como se nadassem. Nadam ao longo da relva do parque. Alguns naufragam, desaparecem na água, os seus pertences ficam ao lado, flutuam, talvez, muitos já morreram afogados, ainda que depois se levantem para continuarem a

rasgar as ondas. A travessia é longa e difícil, todos os meninos estão concentrados na acção. Todos, não. Juliana sai do lugar que ocupa no seu barco formado por cinco, e corre na direcção do jovem professor, enquanto todos os outros avançam no mar.

«Doulgas, Douglas» – diz a criança Juliana. «Tenho a certeza, está neste parque o relógio do meu bisavô.»

«Que relógio?»

«Uma caixa assim, quadrada, em forma de casa, com um telhado e uma porta...»

«Minha querida, volta para o teu lugar. Vamos lá...»

Aquele é um momento tão importante e logo Juliana está desconcentrada. Vá, vá lá, Juliana. Juliana caminha lentamente, na direcção do seu grupo, do seu barco de cinco. Regressa ao seu posto, olhando para trás.

Entretanto, os barcos avançam, naufragando, erguendo-se, navegando, dispersando-se, reunindo-se, espalhando-se outra vez, pela relva, pela água. Os afogados ressuscitam na praia, unem-se de novo, formam um grupo compacto, alguns arrastam as mochilas, outros continuam com a mochila às costas. Já deixaram as águas para trás. E caminham e caminham, já deram uma volta ao parque, já se encontram de novo perto do mouchão das árvores, onde viceja a casuarina, o cedro, a magnólia entrançada, e está combinado que é de lá que surgirão os salvadores.

Os salvadores são eles próprios, porque eles mesmos se separam em dois grupos, os que vêm de longe e os que esperam pelos que vêm. Meio por meio, está combinado, dezanove para dezanove. É o grande momento. Finalmente, os dois grupos estão frente a frente e abraçam-se. Em conjunto, as crianças cantam, contentes, dirigidas pela professora Carminho, uma canção de adultos que fala da alegria e do abraço – «Ah! Sim. Todos os homens são irmãos, lá onde paira o teu voo suave. Aqueles a quem a boa sorte concedeu ser amigo do seu amigo...» A professora Matilde filmou esse momento, guardou-o para a posteridade. Um dia, quando as crianças forem grandes, homens e mulheres, lembrarão aquele momento solene, aquele momento de aprendizagem da fraternidade. Mas nem todos vão constar desse filme. Juliana correu na direcção da professora Nona para lhe pedir que escute o relógio do seu bisavô que se encontra naquele parque.

«Que relógio, minha querida, diz lá. Não vês que não está por aqui relógio nenhum?»

«Está naquela árvore, além...»

«Querida, a Nona vai buscar os lanches com o motorista. Os meninos têm fome. Vá, vamos lá, junta-te ao grupo, estão todos a ser filmados.»

A professora Nona leva Juliana pela mão e incorpora-a no grupo. O grupo agora está livre para se dispersar, correr e vozear à vontade, gritar, se assim entender. As crianças estão soltas e felizes. São assim as crianças. A experiência ficou gravada no fundo do fundo das suas vidas, ficou inscrita na memória dos tecidos mais escondidos dos seus corpinhos humanos, que um dia darão homens e mulheres formidáveis, com consciência do perigo, da catástrofe e da fuga. Mas, atenção, os lanches chegaram. Se os lanches chegaram, é necessário sentarem-se, fazerem silêncio e comerem, cerimoniosamente, como deve ser.

Sentados na relva, em tempo de Primavera, os meninos calam-se. Sabem como é, estão instruídos, preparados. Nona distribuiu os lanches, iogurte, pão e marmelada. O

sol não encandeia porque uma nuvem vai a passar. Então, do meio do tufo de arvoredo em frente, ergue-se um vulto, um pequeno vulto, que voa em círculo, e depois dispara para longe no sentido oposto ao da cidade. É um pássaro. O pássaro grita várias vezes dois sons, tão nítidos, tão sonoros, tão de tábua, tão distintos no céu azul, protegido pela massa de sombra que tapa o sol, que os meninos suspendem o trajecto dos pães, mudos, e só falam quando o som, intermitente, se esvai na distância do ar. Juliana está em pé.

«É o relógio do meu bisavô! Saiu do relógio do meu bisavô! Aquele pássaro... Douglas, Douglas, saiu!»

Diz Juliana, desobedecendo, gritando alto.

«É um cuco, minha querida, é só um cuco. Um pássaro bonito mas mau. Anda por aí porque não fez ninho, comeu os ovos dos outros pássaros e pôs os seus no lugar. O teu bisavô tem, então, um relógio de cuco? É?»

«É, Douglas.»

«Como é o cuco do relógio do teu bisavô?»

«Azul e cinzento e branco.»

«Tal e qual. Agora senta-te entre os teus colegas. Não os distraias. Acabámos de interpretar uma marcha de perseguidos que saem do seu território e procuram asilo num outro lugar. Acabámos de interpretar um êxodo. Vocês já sabem o que é um êxodo. Pobre de quem participa num êxodo. Nunca é de lugar nenhum. Vá, vamos acabar de lanchar para regressarmos ao colégio. Vamos lá...» – diz Douglas. Terminado o lanche, todos os meninos se levantam da relva e se dirigem ao autocarro, conduzidos pelos quatro professores.

Estão felizes os professores, passando o olhar por sobre a cabeça das crianças. Acabou-se a representação, mas aquela marcha, nas suas vidas, nunca mais acaba. As cidades fazem parte da Terra, a Terra faz parte do Cosmos, o Cosmos faz parte de alguma coisa mais ampla ainda, que tem nome, mas nós não o sabemos pronunciar, e no meio de tudo isso repousa a vida humana que não é nada, se a Terra não for de todos, como se tudo aquilo fosse a nossa casa, e as nossas coisas fossem as coisas de todos. Quando as pessoas não pensam assim, então não querem dividir entre si o Cosmos, a Terra, as cidades e as casas, e nesse caso, o futuro será nenhum. Nós, porém, pensamos o contrário, e transmitimos o nosso pensamento aos meninos.

Mas o tempo sempre passa e agora já é o dia seguinte.

As crianças regressam pela manhã, à hora certa, e sentam-se nas cadeiras baixas, diante das mesas baixas, e estão tranquilas, repousadas. Cumpridoras. Distribuem-se pelas duas salas contíguas e logo recebem folhas brancas sobre as quais farão os desenhos da manhã. Farão os desenhos que entenderem inspirados no dia anterior. Muito importante. Muito simples. O que se lhes pede é apenas que reproduzam, segundo o seu imaginário, o imaginário de cada um, note-se, a cena mais intensa da grande marcha do êxodo acontecida no dia anterior. Lembram-se como foi? Cenas de cidades, desertos, mares, ondas, isto é, terras da Europa, de África, da Ásia, como lhes fora explicado através do mapa. E o Mediterrâneo, o mar do meio, ao meio. O mundo em mudança em redor do Mediterrâneo. Os homens bons, os homens maus, as crianças

inocentes, os polícias da ordem, os polícias com cassete, isto é, tudo o que viveram, tudo o que sabem, e desse compósito todo, que lhes ficou na lembrança, e de que eles interpretaram uma parte, no Parque das Cidades, que desenhem uma cena. A cena mais importante. A cena que lhes ficou na ideia. Quando fizeste de morto, quando fizeste de náufrago, quando fizeste de peregrino ressuscitado. O que viste, o que sentiste, o que desejaste ver. Vamos lá, meninos.

As crianças do colégio da professora Matilde são mais do que aplicadas. Tomam as canetas de feltro, pegam nas folhas, olham para o tecto, lambem os lábios, fazem descer os seus braços de oito anos sobre as mesas e rapidamente começam a desenhar. Desenharam e voltam a desenhar. Desenharam um parque verde, muitas árvores, e por cima delas, um pássaro de asas abertas pintado de todas as cores. No céu, onde alguns desenharam o sol e outros a nuvem, surgem grandes balões contendo a reprodução onomatopeica da voz do pássaro. As duas sílabas da voz do cuco, bem nítidas. Em alguns dos desenhos, a onomatopeia ocupa a folha inteira de lado a lado. Mas o que ainda é mais extraordinário do que a opção tomada pelas crianças, é que todas elas, sem excepção, ignoram a grande marcha, para destacarem apenas e só a representação do cuco que tinha voado sobre o parque. O que desenharam é a aparição do pássaro. E aconteceu nas duas salas. Como assim? Como se regista semelhante coincidência? Não era possível crianças daquela idade terem-se combinado. E por que razão se teriam combinado as crianças? Nona, Carminho, Douglas e a professora Matilde ficam pensativos, preocupados.

Estaremos a ver o que vemos?

Entretanto, pode ser que não seja bem assim.

Vejamos. Ou então, um dia, mais tarde, logo se verá. Mas, para já, sentem-se destronados, perplexos de verdade, passando de mão em mão os desenhos, entre si, como se estivessem a observar radiografias que revelassem doenças graves, talvez incuráveis. Passa-lhes pela cabeça a ideia de que estão diante de uma resistência que não tem nome, uma resistência que provém da insondável escuridão da natureza, uma realidade obscura, intransigente, que cresce com o osso e com a pele. Desgostosos, os professores. Uma resistência à aprendizagem do bem, pensou Matilde. Uma resistência à organização do caos, pensou Douglas. Uma resistência ao cumprimento da ordem, pensou Nona. Uma resistência à música elaborada da longa cultura erudita, aquela onde floresceu Bach e Beethoven, e uma entrega à primitiva música de dois tons, aquela que é produzida pelos tambores que ribombam na selva, pensou Carminho. Como, mas como, trabalhar a natureza humana? Pensavam os quatro, como se não transportassem em si essa mesma natureza. Seria que tudo teria de recomeçar de novo, sempre e sempre, como se nada se aprendesse neste vida?

Nesse momento, vêem passar a correr a pequena Juliana, no meio de um grupo. Meditativos, os quatro professores vão até à porta. O assunto muda de figura. Ela, fora ela a causadora. É ela a responsável. Ninguém o diz, mas todos o pensam, ainda que semelhante pensamento seja irracional, e os quatro professores sabem-no. Por isso, deveriam ficar calados, cada um entregue ao seu pensamento irracional. Mas Juliana aproxima-se dos professores, meio a correr, dando pequenos passos em altura,

trotando, brincando, sem intimidação alguma. O que irá ela dizer?

Douglas tem a tentação de lhe voltar as costas, porque foi ela quem distraiu os colegas da grande marcha do êxodo, no dia anterior. Se não fosse ela, todas as crianças teriam desenhado bombas, casas, meninos atirando-se ao chão, fugindo das bombas que cairiam na folha de papel sobre as casas, desenhadas, no papel. Se não fosse ela, talvez os meninos se tivessem desenhado a si mesmos, agarrados uns aos outros, abraçando-se, saindo do mar, cantando. Sim, fora por causa da atenção desviada para a passagem do pássaro, que todas as crianças tinham desprezado a grande marcha, o importantíssimo percurso, duas voltas pelo parque, perfazendo ao todo uma viagem de mais de sete mil quilómetros, para se concentrarem apenas no som do cuco que deveria ter acabado de colocar o ovo no ninho do pisco de peito ruivo, acomodado no tronco de uma casuarina. Ressentido, Douglas aguardou pela criança. Deixou que ela se aproximasse e fixou-a como se fosse sua rival. Seria que Juliana, uma criança tão pequena, era capaz de perceber o que se passava na sua alma, e na alma dos professores companheiros que estavam a seu lado? Ninguém falava. Mas era como se o mentor tivesse falado, a pequena tivesse ouvido e estivesse a ponto de responder. Responderia? Não responderia? Rodando a saia, ela hesitava.

«Douglas, Douglas» – disse por fim. «Não vês que o pássaro já não volta mais ao relógio? Agora ficou nas árvores. O meu bisavô libertou-o.»

A criança Juliana partiu a correr, alternando os pés e saltando, na direcção do seu grupo. Tudo isto, como no princípio do mundo, pensou Douglas. Sim, como no princípio e no fim do mundo, pensou Carminho, a professora de música. Na verdade, tudo começa e acaba com dois tons, um mais grave, outro mais agudo, pensou ainda Carminho. Tanto trabalho para pôr ordem nas pequenas coisas, pensou Nona. Tantíssimo, pensou a professora Matilde. Tantíssimo, tantíssimo trabalho para se compreender o mundo. Talvez a imitação da grande marcha humana não tivesse sido bem feita, pensou depois. Vamos começar de novo.



## PASSAGEM PARA MARION

A divagação sobre a coincidência é a filosofia dos pobres. Não nego que por vezes também vivo dessa penúria do espírito, principalmente quando um salão se abre, um jovem surge entre portas e nele reconhecemos aquele que perseguimos com o olhar ao longo da tarde, seguros de que jamais as nossas sombras iriam cruzar-se. Estamos na casa do embaixador, a embaixatriz conduz o rapaz até ao centro da sala onde poderiam encontrar-se à vontade oitenta pessoas, mas naquele momento só ali estão quatro, e diz – «O nosso hóspede chama-se Mário António. Para nosso consolo, ele não se importa que o tratem pelo diminutivo. Pode chamar-lhe Marion.»

Então o efeito da coincidência triplica-se.

Em primeiro lugar, porque reconheço no jovem que a embaixatriz apresenta, o moço que vi estendido na relva, ao longo de duas horas, no extenso *green* da marginal. Em segundo lugar, porque se dá a coincidência de o jovem ser português, o que significa que não se tratou propriamente de uma ilusão criada pela distância, as frases que lhe ouvi, quando andou a correr de um lado para o outro, atrás do seu companheiro de exposição ao sol. E por fim, terceira coincidência, o facto de o nome que, nesses brados, ele atribuiu ao companheiro, ser igual ao seu próprio nome de tratamento privado. Haverá, então, dois *Marion*? Ele mesmo e o seu animal?

A pergunta parecerá ociosa para quem jamais desceu aos confins da cogitação sobre a coincidência. Mas não no meu caso. A penúria dessa filosofia tem-me levado a pensar que as coincidências apenas são coincidências, e se o não são, então é porque existem ordens que fazem coincidir o que não passa de simples sobreposições, com intensões comandadas, e por mais um pouco, somos levados a concluir que também nós acreditamos serem as coincidências as impressões digitais de Deus nesta Terra de acasos. Ou, antes pelo contrário, tudo será por acaso, e o último resgate do acaso consistirá em contá-lo. A coincidência seria, então, por exemplo, o facto de duas pessoas que se desconhecem encontrarem-se inesperadamente sentadas à mesma mesa, depois de uma delas ter andado a perseguir a outra, durante uma parte da tarde. E assim, eu deveria perguntar quem é, afinal, Marion, ele mesmo, ou o seu animal de estimação, mas não o faço. Pois se durante a tarde o rapaz não me viu, eu vi o rapaz, eu estou em vantagem e devo guardá-la. É preciso agir com serenidade.

O espaço costuma ser uma realidade mais estável.

Estamos no meio de jarrões e de quadros. A embaixatriz fica ao lado do rapaz, eu ocupo o lado direito do embaixador, e os nossos talheres ao centro da mesa perdem-se naquele vasto espaço de madeira lacada. Para delimitar o lugar que ocupamos, foram colocados, um de cada lado, dois castiçais de prata de sete braços. A embaixatriz chama o empregado que tem as duas mãos escondidas atrás das costas, e de algum lugar do colete branco ele faz saltar um isqueiro com o qual começa a acender as velas de um dos castiçais. É um isqueiro longo, delicado, aquele com que atea o pavio, mas não pode continuar a sua tarefa porque o embaixador manda o empregado parar – «Señor Benitez, apague isso, por favor, estamos muito bem iluminados.»

«Será que estamos?» – pergunta a embaixatriz.

Como se a mulher não tivesse falado, o embaixador vira-se para o seu lado direito – «Sabe, o Mário António tem um animal de companhia a que chama Marion. Acho que o pai e a mãe do nosso hóspede não iriam gostar que o nome por que tratam o filho passasse agora para o seu cão.»

«Você tem cada uma, embaixador. Porque não iriam gostar?» – pergunta a embaixatriz. «Que eu saiba ainda não existe esse tipo de monopólio. Essa agora...»

«Maria Eugénia, desculpe, mas eu pedia-lhe uma certa contenção nas palavras. Estou só a tentar, em face de alguém que está fora do assunto, obter uma avaliação distanciada do caso.»

«Desculpe, embaixador» – responde a embaixatriz. «Eu continuo a sentir este salão péssimo, muito mal iluminado para uma noite como esta. O señor Benitez deveria estar aqui.» Um vulto permanece imóvel atrás da porta, como se fizesse parte da sua madeira. A embaixatriz chama em voz alta – «Señor Benitez, venha cá e acenda as velas dos castiçais.»

O empregado das mãos escondidas aproxima-se com elas expostas, mas não sabe a quem obedecer. Claro que ele obedece ao embaixador e recua, ainda que tenha os olhos postos na embaixatriz, aquela que lhe dá as ordens domésticas. Assistir a este confronto de vontades é por certo uma coincidência, embora eu não saiba se significativa se insignificante. Mas assisto com o coração a galope, sabendo que confluem vários temas para este centro de mesa, e eu persigo-os, ainda que, por enquanto, não os possa discriminar nem entender. E se acaso não saio da zona neutra, por certo que não atingirei o que procuro alcançar. É preciso jogar com o que sei. Mário António, na minha frente, parece um filtro risonho, absorvendo o que se passa em seu redor, sem se imiscuir e sem se alterar. De tarde, vislumbrei-o durante duas horas, mas agora dá para revê-lo e estudá-lo. O seu rosto, bem como a sua compleição, são mediterrânicos, os olhos escuros luzem demais, aposto que neles o humor disfarça a história que está escondida. Preciso de ser rápida, antes que alguma coisa aconteça e eu não atinja o que ali se passa. O embaixador iniciou uma teoria sobre a iluminação com velas. Segundo ele, verifica-se o efeito da fumaça, mesmo quando invisível, sobre a velocidade do pensamento dos circunstantes, quando estão à mesa. As meninges amolecem por falta de oxigenação e a clarividência esvai-se. Como sair deste impasse?

Recentrando o assunto, eu própria transporto comigo alguns dados que podem provocar a revelação daquilo que está escondido, tenho agora a certeza absoluta. Durante a tarde, o sol de tal forma brilhou sobre a relva, que alguém se lembrou de declamar em público o poema de William Wordsworth que inspirou o filme, e para ser honesta, foi atrás do homem de cabelos brancos caídos até à cintura, que o recitava como se tivesse vinte anos, que eu fui andando pelo parque, o *green* a perder de vista que desce, em frente ao Casino dos Italianos, na direcção do Oceano Atlântico. O homem cansou-se, eu cansei-me de ver o homem cansar-se, e em vez dele, no meio de umas trinta pessoas estendidas no esplendor da relva, deparei com um novo centro de interesse. A três metros de distância, vi um jovem que ora estava deitado ora soerguido, como vinte ou trinta outros da sua idade, e nada se passaria de especial, não fosse estar acompanhado por um cão pequeno, de cerca de seis a sete meses de idade, em plena actividade juvenil. Um cachorro baixote, um vira-latas castanho, desengonçado, de feição assimétrica, já que em metade do rosto do animalzinho estendia-se a única mancha escura do corpo, e desse lado, como se tivesse apanhado um sopapo fatal, a orelha quebrava. Quando arrebitava as orelhas, só arrebitava uma orelha. A orelha preta ficava imóvel, pendida, fazendo sombra ao olho. Naquele corpinho coberto de pêlo raso, celebrava-se o triunfo do instinto da reprodução sobre o instinto da afinidade, confirmando a tendência natural para a degradação das espécies, em vez do seu apuramento. Mas o que importa é que esse pequeno animal se entretinha em corridas velozes, brincando com tudo o que encontrava em redor, de tal modo que a determinada altura retirou um sapato do pé do dono, e numa fogosidade destemperada pôs-se a dar voltas à relva, com a peça de calçado na boca. Aí, o rapaz ergueu-se e começou a chamar em voz alta – «Marion, volta aqui! Busca, busca, Marion...» E eu tinha dito para mim, repara, o dono do animal é um português. Naquele local, eu esperava ouvir um brado em vinte línguas diferentes, tendo em conta a diversidade dos ocupantes do *green*, em início de Primavera, e no entanto, aquele brado era lusitano. «Busca, busca, Marion! Vem cá ao dono...» Então, quer quisesse, quer não, era impossível desprender os olhos daquele rapaz de compleição mediterrânica, que ali estava ao lado, apanhando sol e tentando conduzir a irrequietude de um animalzinho, que manifestava ao dono toda a sua alegria de viver, roendo-lhe os pés e lambendo-lhe a cara. Harmonia perfeita. O mundo deveria ser assim. Tinha observado como o rapaz retirava uma das meias e a colocava perto do focinho do cachorro, como o animal partia enlouquecido exibindo o troféu, tinha assistido ao regresso triunfal do cachorro com a meia entalada na boca, a luta por não querer entregar a meia ao dono, a pressa de lhe subir ao colo, o seu ganido choroso, e depois, a mansa quietude que tinha sobrevivendo, quando o dono o levantara do chão e começara a caminhar transportando-o debaixo do braço, uma orelha arrebitada, a outra imóvel. Por fim, vira o rapaz com o seu fardo animal seguir pela marginal que separa o campo do Casino da linha do mar, e ambos desaparecerem na direcção das mansões. Como poderia eu imaginar que nos dirigíamos, com escassos minutos de intervalo, para a residência do mesmo embaixador? Para sermos acolhidos pela mesma embaixatriz, e pelo mesmo senhor Benitez, e que passadas duas horas estaríamos sentados à mesma mesa? A assistir à hesitação do acendedor de velas, dividido entre senhor e senhora? Ali estávamos. «Señor Benitez» – disse o embaixador. «Vá para dentro. Se precisar de

si, eu chamo-o. Estamos suficientemente iluminados.» O silêncio falava tão alto que calava por completo o riso da embaixatriz. Então eu entrei para dentro do espaço que me era vedado.

O momento vinha a caminho.

Dirigi-me a Marion – «Desculpe a curiosidade, mas então como distingue, quando alguém menciona o nome de Marion, se a pessoa se refere a si ou ao seu animal de estimação? Não deveria antes diversificar os nomes?»

O embaixador ia para falar, mas cedeu a palavra, pois o rapaz queria responder. Ainda bem, Mário António tinha sentido de humor. Um pouco mais cortante que fosse, e já poderia ser cínico. Estava convencida, porém, de que o rapaz não era um cínico, entre ele mesmo e o espaço circundante, não levantava lâminas. Eu tinha-o constatado, durante a tarde, pela forma como se dirigia àqueles a quem o seu cão atropelava na corrida. Não só fora educado, como sempre parecera amável. Agora, contudo, estava a ponto de ser cínico. O jovem hóspede do embaixador respondeu – «É só uma questão de ouvido. Toda a gente sabe que, se alguém se refere à minha pessoa, pronuncia Marion com *m* minúsculo, mas se se refere ao meu companheiro de viagem Marion, nesse caso, pronuncia-o com maiúscula.» E acrescentou, na direcção do embaixador – «Não é preciso ser-se muito inteligente, basta conhecer o alfabeto e ter ouvido um pouco de música na infância. Ora oiçam...» Marion pronunciou, por duas vezes, o nome Marion, mas entre a primeira e a segunda palavra pronunciada, não era possível estabelecer diferença alguma.

O embaixador dominou a fúria, o seu rosto seco ficou pálido. A embaixatriz, porém, estava divertida, era como se aplaudisse com os olhos o desafio do jovem Marion. O seu marido cortou o silêncio – «O Mário António está entre nós vai para quinze dias, sejamos francos, diga a verdade. Você veio para cá para frequentar um MBA. Foi ou não foi?»

A embaixatriz interpôs-se – «Desculpe, embaixador, o Marion *tinha vindo para cá* para fazer um MBA.»

«Vamos então a direito, porque se passa aqui alguma coisa de muito grave, Maria Eugénia» – respondeu o embaixador. «É preciso explicar que Mário António veio para este país para frequentar e concluir com êxito um MBA, e já mesmo quase no fim do mestrado, desistiu porque suspeitou que o último exercício consistiria numa prova de resistência emocional. Suspeitou que um dos *skills* do aproveitamento implicava a exigência de abater o animal de estimação que lhe fora distribuído. Certo ou errado, Maria Eugénia? Certo. Ora ele desistiu antes de lhe terem exigido essa prova de resistência, e por isso não ficou provado que lhe iriam exigir. Ele fazia parte do grupo dos primeiros cinco, ou mais precisamente, até então tinha sido o segundo desse grupo, numa classe de vinte e cinco, só que vinte e dois terminaram e ele não, e é tudo. Agora tem passagem de regresso marcada para depois de amanhã, e os pais negam-se terminantemente a suportar a viagem do animal. O filho perdeu tudo quanto tinha alcançado ao longo de um ano, apenas por uma suposição vaga. Diga, diga se não é verdade, Mário António. Você fez todas as provas, trabalhou como um forçado, você

estava lá em cima no *top of the class*, e imaginou que lhe iam pedir esse exercício. Você sonhou, não foi? Foi ou não foi? Você não é meu filho, mas se eu fosse seu pai não lhe perdoaria. Tudo o que corre sobre a questão é uma fantasia inventada. Ninguém lhe iria pedir tal prova, o Mário António imaginou tudo isso. Ponha os olhos nos seus colegas de mestrado. O que aconteceu aos outros vinte e dois? Estão felizes da vida, cantando e rindo.»

O corpo franzino da embaixatriz cresceu para o meio da mesa – «Você sabe, perfeitamente, embaixador, que Marion não é um caso isolado, que três dos primeiros cinco recusaram. Você sabe tão bem quanto eu, que distribuíram a ninhada aos cinco melhor classificados, e que já perto do final pediram essa prova aos mestrados. Porque está a esconder o que é verdade?» A embaixatriz agitou a campainha – «Senhor Benitez, acenda os castiçais! Escute, embaixador, você sabe muito bem o que se passa. Quando estivemos em Quioto, já por lá o faziam com aves. Uma das provas consistia em distribuir pássaros que os estudantes deveriam cuidar de modo a ser-lhes difícil fazê-los desaparecer, e no fim tinham de asfixiá-los com as próprias mãos, e tudo isso se passava em regime de segredo medieval. Foi há escassos três anos, e aí você indignou-se, e disse que semelhante prova só era concebida numa ilha onde ainda existiam samurais e se praticava *hara-kiri*. E que receava que tudo se encaminhasse, naquele país antigo, para insensibilizar as pessoas jovens para os problemas humanos. Você, na altura, disse que eles haviam começado pelos pássaros, depois tocaria aos cães e a seguir passariam a outros bichos de estimação. Só não passariam pelos cavalos, porque eram animais demasiado caros. Nós dois começámos a relacionar factos, e percebemos, então, que se anunciava o futuro abate de uma outra espécie de seres, mas nunca pronunciámos os seus nomes. Você apenas disse, esses que não precisam de ser abatidos para morrerem, é nesses que eles estão a pensar, Maria Eugénia, você sabe o mesmo que eu sei. Onde iremos parar? Você perguntou, mas agora, o senhor conhece este caso, que se passa com um filho de pessoas que nos são próximas, e não é capaz de se colocar do seu lado. Porque não paga do seu bolso a passagem de Marion, o cão?»

«Pague você, Maria Eugénia, eu só farei o que me pedir o pai do Mário António. Ele e a mulher encontram-se a milhares de quilómetros desta cidade, eles têm dificuldade em admitir semelhante perda nas suas vidas. Um estrondo, uma decepção. Não podem aceitar, e eu compreendo-os. E você, Mário António, esta noite não diz nada?»

«Señor Benitez, chegue aqui! Traga os fósforos ou o isqueiro, ou eu mesma uso o meu» – disse a embaixatriz.

«Você não vai fumar à mesa, Maria Eugénia, ou vai?»

«É o que se vai ver. Onde eu estou tem de estar fumo. Alguma coisa deve arder. Ou as velas ou eu...»

A embaixatriz tinha os braços nus. Levantou-se e, sendo pequena e frágil, teve de se esticar na direcção dos castiçais. Já não era uma criança, não. As veias do pescoço, ao acender as velas, denunciavam-lhe a tensão interior. A mão da embaixatriz não acertava no pavio. Marion tomou-lhe o isqueiro e acabou de acender as velas do segundo castiçal. O embaixador levantou-se do lugar.

«Onde se meteu aquele Benítez?» – perguntou.

«Francamente, não sei» – disse a embaixatriz.

«Mas deveria saber.»

Sentámo-nos nos sofás laterais. O café era de Ceilão, os *pralinés* eram locais, as pinturas impressionistas tardias tinham vindo de Portugal. Os castiçais ardiam à distância. Na mesa só tinha ficado o rapaz, e bastante fora das conveniências, ainda lá se mantinha sentado. Viamo-lo de costas, imóvel. A sombra dos cabelos crespos, em forma de copa de árvore, projectava-se na parede. Era uma bela cabeça apropriada para alguém que termina um MBA usar nas aplicações dos concursos internacionais. Além do mais, uma tez pálida, entre berbere e afegão, indiano e cigano, português. Segundo classificado no MBA de uma das mais importantes escolas *for Business and Administration* do mundo. Mas ele não havia atingido as metas finais no último momento do curso. Tinha recusado. Não tinha querido mostrar como se deve ser insensível aos apelos da emoção para atingir os valores mais altos do discernimento, os que conduzem ao desenvolvimento necessário da produção. Ele tinha sido incapaz de cumprir essa etapa decisiva, e no entanto elementar. Ter-lhe-iam pedido um só gesto, verdadeiramente distintivo, e ele mostrara-se inepto, em face de semelhante expectativa. Agora estava de costas, nem respondia ao embaixador, e dali a dois dias iria voltar para casa, tão frustrado, tão diminuído. Tão chumbado. Tão terrível. Ele poderia, e deveria ter pegado no estupor do cão, tão defeituoso, tão desengonçado, tão vira-latas, tão impropriamente agitado, com uma orelha meio caída, e a cara assimétrica, um dos cães mais feios do mundo, e bastaria tê-lo abandonado na estrada e filmado a corrida do bicho atrás do carro. Bastaria tão pouco, e Marion teria sido o segundo no *ranking* daquele *Master*. Também o primeiro, o estúpido do japonês, o idiota, deveria ter procedido de igual modo, deveria ter abandonado o seu cachorro na estrada, deixando o bicho a correr atrás, ou ter-lhe enfiado no lombo uma agulha com um líquido letal, bastaria um gesto desses e tê-lo filmado, e ter entregado a gravação ao *head of the department* e tudo teria sido diferente. Note-se que a prova não era presencial, o que facilitava imenso. Mas o estúpido do japonês, renegando a tradição dos valentes *kamikases*, que sempre agiam por alguma causa grandiosa, como a paz, ou a pátria nipónica, ainda que na altura contrária aos interesses do mundo ocidental, o estúpido sucumbira, isto é, o primeiro do *top five*, também não fora capaz. Suicidara-se com barbitúricos, e o inteligente, o cretino, fora encontrado caído no meio do *campus*, com os esquilos em volta a comerem bolotas e a saltarem-lhe por cima. Foi esse caso que fez soar o alarme junto dos jornais, que logo abocanharam o assunto com unhas e dentes. Vampiros. Foi um ver se te avias, e mais um inquérito judicial em curso. Um terceiro mestrando, dos que tinham recebido um exemplar da ninhada, um indiano, esse, não só não cumpriu como colaborou com a imprensa, contou pormenores, deu a cara aos jornais, a sua cara morena de olheiras fundas, difundida por toda a parte, feito um estandarte, e assim não fará mais nada na vida. Agora, o futuro desse mestrando indiano passará, quando muito, por gerir a contabilidade de algum restaurante vulgar, num bairro impropriamente dito *china*, em alguma cidade de periferia. Ou nem isso, porque ninguém mais acredita que venha a desempenhar alguma tarefa séria, alguém que uma vez foi um delator publicitado. E no entanto, da parte da Universidade, ficou

provado que tudo não passava de fumo e invenção. Nada estava escrito que comprovasse que os rapazes do MBA daquele curso tivessem sido convidados a aniquilar os animais da ninhada da Lucy, uma cadela vadia, sem cor definida, que vagueava pelo *campus*, tendo parido cinco crias, por coincidência, um mês depois da chegada dos mestrandos. Tudo o que se poderia dizer era, *não confirmado*.

Onde estava isso escrito?

Ao menos Mário António desistira antes de todos, ficara durante três semanas fechado na residência universitária, a ver as folhas das árvores moverem-se, cuidando de Marion, o seu cachorro, sem pôr os pés no departamento do MBA. Um outro, o quinto, um russo de rosto rosado, cumprira, segundo contou aos jornais o delator indiano. O mestrando russo filmou-se, brincando com o seu bicho, um exemplar bem mais composto do que o cão Marion, e depois registou o abate. Não o fez por sua mão. Levou-o ao veterinário e assistiu, pousou-o sobre o tampo almofadado da mesa e seguiu o corpo do bicho, sem que um músculo do rosto se movesse. Perfeito. Bom filme. Em breve requisitaria, incorporaria, geriria, relataria e despediria, com o profissionalismo e a indiferença dos czares na hora de mandar os exércitos para os longínquos campos de combate. O russo e o sérvio, ambos do *top five*, e os restantes vinte do curso iriam terminar com sucesso. O sérvio, pura e simplesmente mergulhara o seu animal na água do rio que desagua na cidade. Com um pé de guarda-sol de jardim atado ao pescoço, vira-o afundar-se. Filmara. *Bravo!* Enquanto Marion, metido no quarto, com os livros fechados, o computador inerte, ficara a olhar ora para o tecto ora para a paisagem. Português. Mediterrânico. Fraco. No meio de toda a movimentação, quando o escândalo passasse, o que aconteceria a Mário António de Sousa Pereira, Marion para os mais próximos? Era isto que estava em causa. Os pais aceitariam, conformados, o desastre do filho, bem como os restantes membros da família, mas todos se sentiam ofendidos com o facto de Marion querer regressar com o bicho atrelado a si. Insuportável. O símbolo do seu desastre, aos saltos, vivo, a chegar ao aeroporto de Lisboa, dentro de uma gaiola, era demais. Comentavam o embaixador e a embaixatriz. No entanto, nessa narrativa, falando baixo, por vezes apenas murmurando palavras, continuavam desentendidos, como desde o início do jantar. Os dados de que a senhora dispunha não conferiam com os do marido, o que ela desejava contar, ele desejava omitir, e vice-versa. Onde a embaixatriz via resistência, o embaixador via baixeza e vilania, não poupando na semântica das palavras-chave. Ele tinha dado conta de pouco, ela tinha dado conta de tudo. O embaixador não acreditava nos jornais, a embaixatriz dispunha de um dossier de imprensa sobre o assunto.

E pensar que todo aquele recitativo, ao mesmo tempo contido e exaltado, dizia respeito a Marion, que continuava sentado à mesa, em vez de tomar café no sofá. Formidável. A cabeleira continuava crespa, os caracóis, desalinhados. Uma bela cabeça de rapaz em contraluz. Agora os dados estão lançados. Quem fala primeiro? Quem decide? Como separar este momento daquele que virá, para se poder dizer, e então foi assim? Estamos no meio dos actos, e ainda mandamos neles como deuses, ou apenas nos submetemos ao que já aconteceu, como escravos? Eu desconheço tudo, e



ainda não vislumbro nada. Há muito que tomamos líquidos escuros com os *pralinés* minúsculos, e limpamos os dedos em guardanapos de papel de seda. No entanto, atenção. Estamos confusos mas não perdidos. O esclarecimento está a chegar.

A prova é que o señor Benitez, saído da porta, atravessa o salão e hesita entre dirigir-se à senhora ou ao senhor. Dirige-se ao senhor. Murmura baixo, frases longas. Como explicar? Trata-se daquele cachorro que não pára de ganir. Ninguém consegue estar sossegado na cozinha, vai lá um banzé imenso por causa do animal. Parece que tem o diabo debaixo daquela língua comprida. O embaixador levanta-se, mas não dá um passo. Quem deve dar passos é Marion, que malcriadamente permanece sentado à mesa, de costas voltadas, uma atitude reprovável num jovem educado, vinte e cinco anos de idade, o segundo melhor do MBA daquele ano, de uma das universidades mais importantes do mundo, e no entanto, terminado o jantar na casa do embaixador, o mestrando, em vez de ocupar um lugar entre o embaixador e a embaixatriz, fica sentado, de costas, no meio das velas que a senhora exigiu que ficassem acesas, prova de que desde que Marion entrou naquela residência, com aquele bicho fogoso atrás, a relação entre embaixador e embaixatriz se deteriorou, abrindo uma ferida que nunca tinha existido, ou estava coberta por uma pele dura que, de súbito, se havia rasgado.

O señor Benitez, diante do senhor.

«Mário António, desculpe, mas não está a ouvir o que veio dizer o señor Benitez? Que o seu animal não faz outra coisa senão incomodar toda a gente nesta casa? Que o bicho não pára de ganir no pátio? Você não é capaz de o ir fazer calar?»

«Desculpe, senhor embaixador, vou já.»

Marion abandonou a mesa, despediu-se, saiu apressado, mas dava para concluir que naquela noite Marion nem parecia Marion. Usualmente, tão combativo, tão verbal, tão explicativo, porque teria estado tão calado, durante aquele serão? Tão irónico, tão inteligente, com tanto humor, e sempre tão seguro de si, com tanto projecto, tanta vida, por que razão não teria falado? Há dias e dias, há noites e noites, e humores ainda mais variados do que toda essa diversidade. É o que pensa a embaixatriz.

«Maria Eugénia, você não acha que se deveria apagar aquelas velas, agora que ninguém mais está à mesa?» – perguntou o embaixador. «Señor Benitez, venha cá!»

«Você, embaixador, deveria comprar a passagem do animal. Se você não compra, até amanhã ao meio-dia, vou eu comprar.»

«Você não fará isso, Maria Eugénia, este rapaz tem de tomar consciência de que está a pisar um risco que marca um antes e um depois na sua vida. Mas o risco é de giz e ele ainda pode voltar atrás, apagá-lo, e vir a ser um homem neste mundo.»

«Você, embaixador, não sabe o que é amar.»

«Eu é que não sei?»

«Amar os seres vivos, não, não sabe.»

Subimos até ao primeiro andar.

O quarto que me haviam destinado ficava na ala sul. O embaixador e a embaixatriz

desapareceram no corredor oposto, entre jarras e pinturas. O jovem Marion ocupava um quarto relativamente perto do corredor onde ficava o meu. Mas durante a noite, não ouvi rumor algum nem do jovem, nem do seu cão Marion. Imaginei que a generosidade da embaixatriz iria ao ponto de permitir que o cão dormisse com o seu dono. Só pela manhã ouvi passos apressados e alguém falando alto ao telefone. Parecia a voz do embaixador. Depois, pareceu-me ouvir a voz abafada do señor Benitez. As coincidências atraem as coincidências, e há sempre quem veja numas e noutras as impressões digitais de seres supremos a tentarem iluminar a nossa pobre escuridão. Era a voz nítida do embaixador berrando a partir da entrada. Calma, pensava eu, sem conseguir descobrir o que se passava, e nessa altura já tinha decidido descer até ao rés-do-chão. Apressei-me, de outra forma bem poderia desaparecer da minha vista o que eu desejava testemunhar. Pura coincidência, ou acaso, que me caberia resgatar. Nove horas da manhã, o *hall* repleto de vozes trocadas. O embaixador ao telefone fixo, dando voltas ao fio, como se quisesse enrolar nele o seu punho, enquanto esperava. A embaixatriz em robe, despenteada, a seu lado, presa da voz do marido. O señor Benitez, estático, sem casaca, e a mulher do señor Benitez, María, em fato de cozinhar, com o rosto todo molhado de lágrimas, segurando uma bandeja com dois copos de água que fazia balouçar.

Tudo isso porque alguns, entre as seis e as seis e meia da manhã, Benitez havia aberto os portões da residência para Marion sair, e tinha-o feito sem avisar o embaixador. Benitez tinha estranhado, pois não constava da folha de serviço daquele dia abrir a porta àquela hora, e até lhe passara pela ideia comunicar a ocorrência ao senhor embaixador, mas havia pensado que o senhor embaixador estava a descansar, e entendia que o rapaz lhe estaria a dizer a verdade. Sim, sim, o senhor Marion levava uma mala de viagem, um saco ao ombro, um *anorak* no braço e o cão. Não, não, o cão ia no braço, não levava gaiola para o cão. María, a sua mulher, tinha-se levantado para fazer café e ele recusara. Sim, sim, ela também tinha achado estranho que a senhora embaixatriz não lhe tivesse dito para preparar o pequeno-almoço para o senhor Marion, mas o senhor Marion dizia que havia combinado com a senhora embaixatriz não tomar café para não incomodar. Ele estava determinado, senhor embaixador, ele estava. Assegurava o señor Benitez. Quando o portão emperrara, e a porta se recusara a abrir, o senhor Marion tinha dito que, se acaso o comando não funcionasse, ele então teria de saltar o muro, porque havia gente a esperá-lo no lado de lá, no meio da avenida, e já estava atrasado. Mas não, não, ele, Benitez, autculpado, sentindo-se agora um trouxa, um desmazelado, *un torpe*, *un chapucero*, um miserável, não tinha tido a curiosidade de verificar quem se encontrava na marginal para recolher Marion. Talvez até ninguém o tivesse vindo recolher, agora imaginava, já que o vira dobrar a rua ao fundo com a bagagem e o animal ao colo. Sim, o senhor Marion nem olhara para trás. Ele, Benitez, depois fechara o portão de entrada, recolhera, e a portaria estava em paz, com a folha de serviço preenchida, com a indicação de que o dia só iria começar às dez horas da manhã.

Quem poderia adivinhar?

«Senhor Benitez, o senhor é um autêntico incompetente. Por causa de haver pessoas

como o senhor é que deflagrou a Segunda Guerra Mundial e o mundo ardeu pela segunda vez. Com pessoas como o senhor, vai arder pela terceira...» – disse o embaixador.

Em seguida, falou para o telefone – «Sim, trata-se desse mesmo, o rapaz do MBA. Nós é que sabemos? Pois a partir de agora, procurem-no pelo mundo fora. Não, não ironizo. Bom dia, não digo que não, eu aguardo. A escolha é dele, o que quer que lhe faça? Não o trazia no bolso. Já lhe disse, o limite é o mundo...»

O embaixador pousou os olhos na mulher e, enquanto marcava um novo número, dizia – «Suba para o seu quarto, Maria Eugénia, suba. Você desorienta-me. O seu olhar de triunfo é-me absolutamente insuportável. Insuportável, insuportável de todo, e não lhe digo mais nada.»

A embaixatriz não subia. Ambos se encontravam em pé, ambos despenteados, embaixador e embaixatriz, puxando pelas pontas opostas de uma mesma realidade. Mas só uma dessas pontas seria vencedora, e todas as coincidências em volta estariam naquele momento a ser criadas pelas passadas de um jovem que levava um animal por companheiro, e como não poderia deixar de ser, todas as portas por abrir ainda se encontravam fechadas. Olhavam-se reciprocamente, tinham deixado fugir Marion. Triunfante, a embaixatriz entendia que o rapaz levava debaixo do braço um passaporte para um território ignorado, onde a edificação de alguma coisa brilhante estaria assegurada. Para ela, Marion não havia levado consigo um bicho mas uma prova, embora o não dissesse em voz alta. Era por isso que o embaixador não parava de dizer, mesmo quando só telefonava para longe – «Maria Eugénia, eu não suporto o seu olhar de vitória. Olhe que eu não suporto mesmo, está a ouvir ou não está?» A pergunta não pedia resposta. A embaixatriz ia subindo as escadas, para se vestir e pentear.

## UM RIO CHAMADO MULHER

*Dere's an ol'man called de Mississippi  
Dat's de ol'man dat Id 'like to be  
What does he care if the world's got troubles  
What does he care if de land ain't free.*

Oscar Hammerstein

Se alguma vez forem a New Orleans e ficarem hospedados num hotelzinho do French Quarter, tomarem o vapor *Natchez* para um passeio na água, e derem uma volta por Jackson Square para escutarem verdadeiros *blues*, farão tudo o que eu fiz naqueles dias de Primavera, mas jamais conseguirão seguir os passos que dei ao longo de um certo dia de sábado. Eu própria, mesmo que o desejasse, jamais os repetiria.

Para que me compreendam, bastará dizer que comprei uma passagem para um só viajante, ocupei um só lugar no pequeno avião que balouçava como uma enxerga solta na direcção da Dixieland, tudo isso como se fosse uma só pessoa, e no entanto eu não viajava sozinha. A meu lado viajavam as sombras de dois forçados, bem encurralados na sua penitenciária, depois de terem andado perdidos nas águas durante a cheia de Mississippi River, ocorrida no ano distante de 1927. As suas figuras feitas de letras provinham de uma paisagem que eu tinha encontrado dentro de um livro, e havia anos que caminhavam à minha frente sem que lhes pudesse dar liberdade nem fornecer guarida. Eram eles que me levavam a visitar as suas paragens, a entrar nos campos de algodão cobertos pela água onde vezes sem conta tinha mergulhado sem remédio. Queria, pois, subir rio acima pelos estados de Louisiana e Mississippi, se possível ir até Oxford e New Albany, e por isso, a cidade de New Orleans representava apenas um sítio de paragem, uma estalagem apressada no meio do caminho.

Mas nada iria passar-se como eu imaginava.

Para já, o hotelzinho localizado em Toulouse Street tomou-me por completo. As janelas eram guardadas por balcões de ferro forjado à espanhola, perfumes franceses exalavam dos cestos que me haviam colocado à cabeceira, e lá fora havia a rua, a maravilhosa rua do Vieux Carré, como se fosse um palco em festa. Tudo o resto que me ocupou naquela sexta-feira não vale a pena nomear, de tal forma esses encantos andam descritos nos folhetos turísticos que organizações de propaganda se encarregam de espalhar pelo mundo inteiro. Não vale a pena falar dos restos de cultura crioula, das trágicas lutas do passado transformadas em delícias para a imaginação, dos álbuns contendo a história dos *steam boats* em góticas pinturas românticas. O que eu queria era ir atrás da sombra dos dois forçados que me chamavam a partir do interior das páginas daquele largo conto com o título de *Old Man*, queria ir ao encontro das ilhotas, da deambulação dos forçados, da mulher grávida pendurada da árvore, da lata enferrujada com que a parturiente cortou o cordão umbilical, dessa história de amor tão rude quanto sublime, tão intensa como sem esperança, e no entanto de sonho. Queria ir ao encontro do universo concreto que poderia ter dado esse sonho. Queria, mais uma vez, experimentar na alma o princípio legado pelo meu pai de que quanto mais nos afastamos de casa mais nos aproximamos da nossa verdadeira morada.

Cedo percebi, porém, como iria ser difícil reconstituir o caminho dos forçados. Para já, a grande surpresa era a relação dos habitantes da cidade com a figura de Faulkner. Não foi necessário ir além de duas ou três conversas para perceber que a idolatria literária é inversamente proporcional à distância a que se encontra o objecto. Encolhe com a proximidade até se reduzir a zero. Todos com quem falei, e até surgiu um piloto de Memphis, eram da opinião de que havia alguma coisa de extravagante no facto de os europeus viverem em adoração por um escritor que eles consideravam menor. Períodos longos, confusão verbal, caracteres vis, famílias debochadas, histórias de sexo não resolvido. Pois o que queria eu ir fazer aos campos de algodão, quando forçados fugidos e recapturados tinha havido tantos que eram incontáveis, e quando o Mississippi estava sempre a mudar de curso? Se eu queria ver *alligators* podia tomar um cruzeiro que me poria a dois metros das suas bocarras. Um outro que me proporcionaria admirar cobras, ratos, toda a espécie de pássaros. De resto, que não me metesse eu nisso. Mas uma mulher de meia-idade estendeu um braço e, da ponta dos seus dedos, pendia um cartão. Nele estava gravado um nome, uma inicial e um apelido que me pareceu ser polaco. Por baixo, em letras inclinadas, podia ler-se *Guide & Escort*. Ela disse-me – «*Please, call me Barbara.*» Foi nesse instante que se iniciou a minha verdadeira viagem através de New Orleans.

O dia seguinte era sábado e Barbara levou-me para a rua.

Barbara era uma mulher longilínea, a roupa que a cobria dava para talhar dois vestidos de uma rapariga comum, o seu braço estendido alcançava o topo das casas, os traços do seu rosto diziam que tinha sido uma linda mulher, agora restava da sua pessoa uma figura distinta. Além disso, havia um outro pormenor. Por onde ela passava, quando estendia um braço junto do balcão, alguém vinha colocar-lhe na mão uma bebida longa, uma bebida branca. Tudo nela era longo. Disse-me que no dia seguinte, sendo domingo, ela mesma me conduziria pelo caminho dos forçados. Ela

conhecia a colônia penal a que se referia *Old Man*, ela sabia em que morro dos campos de algodão ficava o mouchão das cobras, o local onde o forçado magro entregara a lata para a rapariga cortar o cordão umbilical do recém-nascido, ela conhecia os mínimos detalhes desse longo conto, dominava por inteiro a paisagem que eu procurava, levar-me-ia pelo norte do Louisiana, Mississippi acima, levar-me-ia até Oxford e até aos condados que haviam dado a Faulkner a paisagem de Yoknapatawpha, faria comigo um percurso pela Ole Miss University, ela tinha lá amigos. Barbara tinha tudo preparado. Agora, porém, eu poderia passear por New Orleans levada pelos seus olhos. Conhecia cada canto. Aqui, outrora, debruçou-se Mark Twain tomando notas num caderninho, ali, esteve sentado Tennessee Williams quando recebeu a bolsa do Presidente Roosevelt, depois da Grande Depressão. Além, em Pirate's Alley, ficaram alojados William Faulkner e o pintor William Spratling, partilhando o mesmo sótão. Nessa altura, ainda o futuro autor era um garotinho, ainda não havia acrescentado o *u* a Falkner e ainda andava a escrevinhar o seu primeiro livro. Disse Barbara, mostrando os locais sagrados das suas santidades. E, de vez em quando, estendia um braço junto de um balcão e, não dizendo nada, recebia na mão estendida um copo longo com uma bebida branca.

Mas a meio da tarde, o assunto passou a ser outro.

Barbara levou-me até ao canto de certa rua, encostou-se a uma parede e começou a entoar *The House of the Rising Sun*. Por alguma razão ela saía com os copos na mão e os donos dos bares não se importavam. Em cada bar onde entrávamos ia deixando um e recebendo outro. Encostada à parede, Barbara entoava a canção e rodava o copo, bebericava entre os versos que cantava de forma explícita, receosa de que o meu inglês não fosse suficiente para captar as subtilezas da história. No final, ela queria que eu dissesse quem havia composto a canção, se fora mulher ou homem. Eu pensava que era homem, mas Barbara abanou a cabeça e disse – «*No, a girl, a prostitute, a young girl wrote these lyrics.*»

Aliás, Barbara tinha a certeza de que a autora vivera naquele local. Que se alguém escavasse fundo, debaixo daquelas paredes, poderia encontrar os sapatos de laço, as ceroulas de renda, os frascos de perfume com espigão de vidro, as caixinhas de *rouge* que ela usava no século XVIII antes de se ir deitar com os clientes. E porquê a ambiguidade *boy, girl*? Ah! Porque, em seu entender, no momento em que uma pessoa começa a compor uma canção, o traço do sexo desaparece, toda a gente é homem, toda a gente é mulher, negro da Jamaica e amarelo de Saigão são só um. Barbara sabia do que falava. Estava encostada à parede daquela casa, para os lados da Conti Street, o sol punha-se atrás dos telhados franceses, e ela desenvolvia a sua teoria de que bastava uma pessoa começar a compor para se transformar numa criatura sincrética. Entrámos num outro bar, e ela mudou de copo. Mas o conteúdo era o mesmo. Um líquido transparente e muito gelo no fundo, para Barbara fazer tlintlim com ele. Claro que eu também tinha um copo, mas eu pagava o meu, e tinha de o deixar onde tomava a bebida. Dava para entender que em New Orleans eu era uma turista visitante, Barbara um património da cidade de New Orleans.

Então ela disse – «Estou muito feliz porque amanhã vou visitar os meus forçados que há tanto tempo abandonei com uma bola de ferro no pé, dentro daquelas paredes nuas.» E Barbara anunciava uma surpresa. Era uma pessoa bem relacionada, uma figura cuja presença muitos requisitavam. Naquela noite, Barbara tinha um jantar com amigos que me receberiam, assim eu quisesse. Eu quis, e então fomos caminhando sob árvores gigantescas que ela dizia serem carvalhos, e a mim me pareciam ciprestes. Também havia buganvílias, também havia roseiras, e também relva, muita relva verde, tão aparada que se diria tratar-se de uma fantástica carpete salpicada de palmeiras, e no meio delas uma mansão branca de dois pisos, com largo frontão triangular onde não havia sentenças gregas escritas à vista desarmada, mas era como se houvesse. Mansão clara, divina e racional. Só que ao entrarmos, Barbara disse – «Vê esta escadaria? Aqui foi filmado *E Tudo o Vento Levou*. Por ali descia Scarlett O'Hara.» O dono da casa recebia-nos. A dona da casa sorria, os criados da casa serviam. Nós subimos, havia uma bebida longa para quem quisesse, e Barbara queria. O dono da casa preveniu, no seu cantante sotaque sulista – «Querida Barbara, tenha moderação, olhe que ainda começa a dizer à sua convidada que aqui, no nosso lago, se filmou a cena da passagem do Mar Vermelho com Yul Brynner e Charlton Heston.» E todos sorriram, os dentes muito brancos, dando vivas à imaginação. A seguir veio o jantar entre espelhos. Só depois chegou a cálida e escura noite de New Orleans.

Barbara disse que no dia seguinte partiríamos pelas margens do Mississippi, para irmos ao encontro dos dois forçados, antes que desfalecessem à nossa espera nas páginas de *Old Man* entrelaçadas com as páginas de *The Wild Palms*. Eles ficariam lá, aguardando por nós, amarrados ao chão por grandes bolas de ferro, se acaso não os fôssemos libertar. E depois, *zut*, pela estrada fora, até Oxford, esse local de invejas, onde aquela gente, no dia do funeral de Faulkner, apenas fechara as lojas por uns escassos minutos. Os mesquinhos, os miseráveis. Iríamos, sim. Era preciso irmos libertar tudo o que estivesse preso, arrecadar tudo o que estivesse extraviado, amar os homens que as mulheres tivessem recusado amar. E Barbara foi entrando nos bares.

Mas não perdia a pose digna, nem a sobriedade, nem a memória, nem a alegria, nem o brilho dos olhos claros. Perto das duas da manhã, atravessámos o parque e as bandas tocavam ao desafio numa parada, como se fosse o início da noite. Eu tinha a ideia de que New Orleans vivia a orgia que eu sempre havia sonhado encontrar em qualquer parte do mundo. Nenhum tormento, nenhuma dor, nada era mau, nada era pecaminoso, nada anunciava tristeza fosse de que natureza fosse. Restava embrenharmo-nos, no dia seguinte, pela mata baixa, ao longo das margens de Mississippi River. Aquela noite de sábado seria apenas uma noite de boémia preliminar antes de entrarmos na verdadeira morada. Então Barbara deu-me o seu braço.

Deu-me o seu braço e sentámo-nos junto ao balcão do vigésimo bar onde serviam bebidas crioulas de mistura indeslindável. Para ela, o mesmo copo longo de bebida branca, contendo lá dentro quatro cubos de gelo. Barbara estava tão sóbria como as figuras dos altares barrocos de Roma, Viena ou Varsóvia. Se alguma vez as madonas



de Varsóvia viajassem para o Novo Mundo, e acaso durante as viagens envelhecessem, e os seus cabelos louros se fizessem pálidos e cinzentos por acção do tempo, Barbara poderia ser uma delas. Barbara perguntou-me – «Bem vistas as coisas, falei-lhe de Faulkner, de Twain, de Tennessee, mas ainda não mencionei o meu autor privado. Acaso já ouviu falar de William Styron, o de *A Escolha de Sofia*? Pois devo dizer-lhe que eu fui amiga de Styron, Styron sentava-se nessa cadeira onde você está sentada. Styron e eu amámo-nos. Seja lúcida, compreenda, eu vivi aquela escolha, eu sou a própria Sofia. Pode não acreditar, mas eu sou ela mesma, eu passei por aquilo, eu estive naquele campo, eu tive de escolher entre um filho e uma filha. Eu dei a minha história ao Styron. Eu sou ela, tal como Styron me viu enquanto escrevia. Olhe bem para mim.»

Eu olhava, sim, mas não sabia o que pensar.

Barbara parecia-me tão verdadeira, tão lúcida, tão ciente do que estava a dizer, que eu só podia acreditar no que dizia. De facto, eu gostaria de ter lido o livro, mas não tinha tido ocasião. Sendo a produção norte-americana tão impressionante, tão premente, o releu consumidor europeu não tem tempo para tudo, ou lê o livro, ou vê o filme. Eu tinha visto o filme, a versão reduzida do objecto, e de facto, a protagonista parecia-se com a mulher que estava na minha frente. Mas o que era verdade e o que era fantasia? Eu própria não sabia como avaliar o caso. A música proveniente dos saxofones era tão intensa que quase não nos ouvíamos. Na palma da mão, um outro copo longo com uma bebida branca. Barbara bebia tanto que andava sempre cá e lá a caminho dos *Ladies*. No regresso da mansão das palmeiras, antes de sairmos pelo portão, tinha-se aliviado sobre a relva. Agora levantava-se mais uma vez e lá ia ela, à procura da bonequinha de saias recortada na porta, atrás do balcão. Outra vez, lá ia ela. Deixava o copo sobre a mesa. Seria o trigésimo copo daquele dia que Bárbara tomava? Peguei no copo, andei, os cubos tilintaram, provei. Provei uma segunda vez, e era água. Terceira vez, e era água. Mais uma vez, e era água. Pousei o copo ainda sem ter feito a síntese sobre aquilo que se passava em torno de Barbara S. Moshinsky e eu acabava de surpreender. Afinal, porquê bebia ela água?

Um homem veio lá de dentro e disse-me – «*Ma'am, today, she's telling you the truth, don't you doubt it.*»

Eu não duvidava. Lá saía ela de trás do balcão, proveniente da porta da boneca. Voltava dos *Ladies* como tinha entrado, mas entretanto ela era outra pessoa, e eu também era outra. Na sua ausência, através do líquido daquele copo, em torno do seu bojo, o mundo girara. Como não me tinha dado conta do que se passava com Barbara? O homem, também ele sublinhando as palavras, uma a uma, como se o ritmo da frase do Louisiana fosse ditado pelo desejo de criar espanto, tinha dado a entender que ela só fantasiava nos dias em que bebia álcool. Nos outros, falava verdade. Sim, eu compreendia ou, pelo menos, julgava compreender.

Barbara era um património da cidade, dos bares da cidade, das verdades e das mentiras de New Orleans. Todos a conheciam e a alimentavam, quanto mais não fosse, a água. Pois o que vale uma cidade, se acaso não alimenta os mitos sobre os quais acorda todas as manhãs e se deita todas as tardes? Agora, finalmente, eu sabia alguma coisa de relevante sobre a senhora Moshinsky. Barbara fazia parte da mitologia do local e por acaso tinha vindo ao meu encontro. Saímos para a rua mal iluminada. A guia transportava um copo na mão, ao longo do passeio irregular, com a desenvoltura de quem apenas atravessa uma sala. Já perto de Toulouse Street recomendou-me que estivesse preparada, no dia seguinte, às oito da manhã, para partirmos Louisiana fora, rumo ao estado do Mississippi, um olho nos campos, o outro no rio à procura dos nossos forçados.

Mas eu sabia que no dia seguinte Barbara não viria nem às oito, nem às nove, nem às dez. Nunca mais viria. Tinha a certeza de que só apareceria para receber o pagamento que eu estava deixando no hotel, antes de subir ao quarto. No dia seguinte, em vez de água pura, ela beberia álcool. E nesse dia, não se poderia acreditar no que dissesse aquela *Guide & Escort* que, anos antes, teria inspirado Styron.

É verdade que acabei por ir a Oxford, acabei por visitar Ole Miss University, por andar pelos campos de Yoknapatawpha. E ao descer o rio, julgo ter devolvido os forçados aos seus devidos territórios, isto é, aos lugares de onde, em seu devido tempo, terão saído do pensamento de um homem esses companheiros irrealis, para existirem para sempre. Agora, penso que eles andaram comigo durante tantos anos só para me conduzirem até ao denso mistério de Barbara. Mas não vos convido para esse mistério. Se forem a New Orleans, não queiram seguir os meus passos. Se forem a essa cidade, sigam tão-só as instruções dos operadores turísticos. Fiquem pelo *Natchez*, pelos cantos das várias casas onde dizem que nasceu a canção *The House of the Rising Sun*, tomem as vossas bebidas crioulas e, amando as coisas mansas, regressem com o papo dos *iPhones* cheios de fotografias, imagens de riso e alegria, deixem-se de pessoas rios, deixem-se de coisas bravas.

## NOVO MUNDO

Se te disserem que no meio do jogo está a hipótese, acredita. Se te disserem que no meio da hipótese está a conclusão, acredita também. Se te disserem que no meio do absurdo está a solução, não deixes de acreditar. Se te disserem que na superfície se encontra o que de mais profundo podes alcançar, acredita ainda. E se te disserem que por meio do humor tu atingirás a única verdade tangível, acredita com fé. Esse princípio nunca te desiludirá. Por isso, se te disserem que deves encaminhar-te na direcção da Champlain Avenue, cruzamento com 35th Street, para entrares pela porta oeste da Catedral do Anjo da Anunciação, acredita que lá irás ter, depois de caminhares durante meia hora, contra o frio do mês de Janeiro.

Se te disserem que a catedral está vedada ao culto, acredita de novo, mas não te impressiones quando lá chegares. Acredita, o grande portal está aberto, e encontrarás duas ou três pessoas a olharem para os vitrais. Se te disserem que o pároco se chama Adam Friedman, e que não tem dado conta do caso, acredita ainda, e acredita que o homem que te tem deixado os recados para te deslocares a esse local não é um *gangster* que te queira mal. Vai, que no meio do enigma está o suspense, e no meio do suspense está a descoberta. O que seria a vida se não fosse o frémido do suspense?

Acredita que ele te espera.

Se te disserem que o homem ainda não tem quarenta anos, acredita. Acredita também que é um engenheiro que se fez padre. Acredita, depois, que não é um padre qualquer, é um coadjutor de arcebispo, representante do arcebispado católico nesta cidade estendida à beira de um lago. O Grande Lago de onde antigamente os navios saíam carregados de peles, na direcção do Velho Continente, e muitas fortunas se fizeram ao ritmo dessas velas brancas. Para o que te interessa, não importa, mas acredita. Acredita que esse coadjutor, persistente enviado de mensagens, se chama John Saraiva, o qual colabora com o padre Adam, levando e trazendo instruções entre o pároco e o arcebispo, naturalmente, nem sempre pacíficas. Acredita que John Saraiva é descendente de português, e que ao chamar-te tão insistentemente para um encontro na catedral, te quer pedir alguma coisa, mais certo do que te queira dar. Por isso vai prevenida. Se te pedir donativos, fala-lhe da tua flutuação incontrolável entre esbanjamento e modicidade. Se te pedir para pronunciaries umas palavras diante das poucas crianças que por aqui falam português, aí, terás muita pena, mas estarás de saída. A menos que vás ao encontro delas, nesse mesmo dia, entre as quatro e as cinco

da tarde. Se te disserem que o melhor é dirigires-te antecipadamente à Holly Tree Place para sondares a catedral, acredita que será prudente que o faças. Pode esse John Saraiva desejar ministrar-te uma lição de História de Arte, e nesse caso poderás encurtar a sua exposição fatídica. Se te disserem que o tempo vai piorar, e que para fazeres o percurso até encontrares a placa que indica *The Angel of the Lord's Cathedral*, enfrentarás um vento gelado, acredita. Acredita que entre as dez *a.m.* e a uma *p.m.* depararás com uma pequena porta aberta, inscrita numa porta grande. Entra. Acredita que no meio da inteira disponibilidade existe sempre uma aventura para o espírito. E no meio do espírito está o coração de carne e sua loucura, enquanto músculo vivo. Acredita.

Então tu acreditaste.

Foste, e afinal aquele era mesmo o dia do mês de Janeiro em que a meteorologia piorava. Tal como estava previsto, foste lutando ao longo de uma infundável avenida contra o vento que fazia levantar blocos de neve do chão atirando-os contra os casacos de quem passava, e embora tal não estivesse previsto, chegaste antecipada ao átrio da catedral. Quanto ao resto, tinhas-te prevenido. Já conhecias o espaço, só não conhecias quem irias encontrar. O interior do átrio estava envolto em sombras e talvez por isso não tenhas dado pela figura do coadjutor a caminhar na tua direcção. Não era propriamente uma surpresa, mas quase. Também ele chegava antes da hora surgindo de uma porta lateral. Também ele provinha do frio, também ele era uma figura mediana como tu, também ele falava português. Não poderás negar que nessas condições, e sob o olhar de um Cristo católico ressuscitado, de faixas ao vento no meio de um retábulo, com sua mãe, Maria Santíssima, deslumbrada entre as outras mulheres, se estabeleceu uma cumplicidade súbita, própria de dois estrangeiros que se reconhecem provenientes de uma mesma pátria. O coadjutor estendeu a mão. «John Saraiva, sou eu» – disse ele. Não estava previsto, mas tu achaste-o amigável.

Contudo, não era, por certo, para partilharem essa raiz comovida que ali se encontravam. Nas cidades do Novo Mundo, as relações quanto ao uso do tempo e do espaço são anunciadas às claras. John Saraiva, o coadjutor do arcebispo, pediu-te que o seguisse. Percorreram a nave lateral, atravessaram o transepto, dirigiram-se para uma dependência exterior em passo apressado, sentaram-se a uma mesa, ficaram frente a frente, e só então reparaste que o coadjutor sobraçava um volumoso livro de capa preta. Colocou-o diante de ti, e tu pensaste que ele o afagava. Seria uma bíblia? Um missal? Desse pormenor, ninguém te tinha avisado. O padre, porventura ainda na casa dos trinta, estava completamente vestido de rapaz, nem colarinho trazia. Se não fosse o local e a circunstância, dir-se-ia que se tratava do filho de um construtor de paredes, bem-sucedido, estabelecido nos arredores da cidade, a quem o pai incutira uma vocação de administrativo da qual depois se afastara. A sua fala era fluida, o seu português, correcto, a contaminação da língua inglesa estava por toda a parte, mas corrompia a lusitana com eficácia expressiva, e ele assumia a interferência com dignidade. No seu rosto cheio não havia sinais de martírio nem aquela entrega desataviada que caracteriza os prelados. Tu, entretanto, pensavas que no meio do

suspense poderia estar a descoberta, e naquele início de encontro havia razão para tal.

Estavas preparada.

Pelas janelas daquele escritório eclesiástico avistavam-se as empenas laterais, sustentadas por finos contrafortes, fingindo datarem do século XIII europeu, quando mal tinham ultrapassado cento e vinte anos de idade. Os vitrais, belíssimos vitrais, repletos de cenas marianas, sucediam-se ao longo das finas muralhas, como rendas coloridas, penduradas entre pedras. O que pretendia aquele rapaz que te tinha feito sentar na sua frente, manejando o grande livro preto? Ter-te-ia convocado para obter esmolas para a sua congregação? Seria para falares às crianças? Seria para te ensinar História de Arte no Novo Mundo a propósito da catedral? Ele sorria, e tu julgaste que a última hipótese seria a mais plausível, uma vez que te disse – «Pelo que deduzo, já teve ocasião de visitar esta construção extraordinária...»

Tu confirmavas, não te encontravas desprevenida.

No dia anterior, tinhas andado pelo interior da igreja e havias aprendido alguma coisa sobre os mistérios da sua edificação. Já conhecias o nome da pedra que revestia o templo, a forma como havia sido arrancada de longínquas pedreiras do Noroeste da Europa, e tinhas reparado na qualidade do seu quartzo transparente, a sua mica brilhante, o perigo sempre iminente de que a lepra da pedra a tomasse de assalto. E contudo, estavas disposta a ouvir as informações que te desse. Ele disse – «Nos anos cinquenta, foi por uma unha negra que esta catedral não foi elevada a basílica. Uma grande pena. Neogótico perpendicular do mais harmonioso que há. Reparou nas dezasseis flechas dirigidas ao céu? E no belíssimo portal da fachada? Nas nervuras finíssimas do tecto? Na cena do tímpano, com Santa Ana adormecendo o Menino? Para mim, salvas as devidas proporções, a Catedral do Anjo da Anunciação supera Saint John the Divine em Nova Iorque é, mais bela do que a Notre-Dame de Montréal. Mas se lhe pedi que viesse, não foi para fazer comparações, foi para lhe falar da minha responsabilidade no estado em que se encontra o telhado. Já sei que andou por aí, teve acesso à cripta, mas reparou, por acaso, no estado em que se encontra o telhado desta catedral?»

Tu não estavas preparada.

John Saraiva apontou para a cobertura da igreja de cuja aba, fortemente inclinada, surgia em linha de vista uma superfície de metal de cor azul-verdete, e começou a explicar que se tratava de puro zinabre, acumulado ao longo de mais de cem anos. O telhado fora lançado no ano de 1885. Reparado muitas vezes, mas nunca substituído. Chegara a hora da substituição. Dizia ele, enquanto reentravas na catedral, e pensavas que, afinal, aquela pessoa tinha enviado cinco mensagens, cinco recados urgentes, para te falar de um telhado. Tu mostravas-te surpreendida, mas o jovem coadjutor continuava a falar de telhas – «O assunto é o seguinte.» Disse ele. «Há cinco anos que o arcebispo tem o problema da cobertura entre mãos e, por esse motivo, quer o

sacerdote da paróquia, quer eu mesmo, não temos sossego algum. Devo dizer que, de certo modo, o pároco há muito que desistiu. Foi desistindo. Eu, porém, aqui estou, e para resolver o assunto socorro-me de todos os meios que passam ao meu alcance...»

*Donativo*, pensaste tu, enquanto o jovem padre te fazia deambular pelo átrio, pelo deambulatório e pelo presbitério, explicando como o telhado, cinco anos atrás, se tinha rompido. Como o zinabre havia simplesmente corroído a liga, e a neve e os gelos, em vez de deslizarem pela superfície metálica, tendo encontrado fissuras graves, haviam entrado na catedral, ensopando tecto e paredes, e transformando os paramentos em papa. Caminhando atrás do coadjutor, ficaste a saber que os retábulos haviam sido manchados, a própria figura da Virgem, dançando a meio da capela do altar-mor, havia sido atingida por uma pingueira que se infiltrara na coroa e lhe danificara rosto e manto. São Gabriel fora atingido nas asas, São José nas sandálias. Numa noite de vento, tinha-se desprendido toda uma placa de cobre zinabrado, e o mais belo presépio de uma capela lateral, para ser salvo, fora removido do seu altar. Explicava-te o jovem coadjutor, um profissional do diagnóstico dos males das igrejas, passeando-se pelo meio do templo, que só agora reparavas que estava despido, e no entanto, no dia anterior, não tinhas dado por nada.

A nudez das paredes que tanto apreciavas de véspera, mal poderias ter imaginado que tivesse origem em semelhante desastre. Pelo contrário, tinhas ficado confortada com o que imaginavas ser uma sobriedade neogótica deliberada. Agora compreendias que a causa da nudez era outra, mas ainda assim não achavas nem trágico, nem dramático, nem sequer motivo de tamanho desconforto para quem te guiava entre todas aquelas malfeitorias provocadas pelo colapso de algumas placas de metal oxidado. Tu bem sabias que por toda a parte do mundo as igrejas apresentam fissuras, degradações, provocadas pelos temporais, faz parte da vida das igrejas testemunharem o efeito do tempo, uma lição inscrita nas pedras da terra, sobre as quais o tempo do homem não é nada. No dia anterior, tu tinhas feito aquele mesmo percurso, e não havias dado pela falta dos retábulos, nem pela ausência de anjos pendentes, nem havias reparado nos altares vazios. A pedra clara, trazida da Europa ao longo de dez anos, no final do século dezanove, pelo esforço nostálgico dos seus emigrantes, te bastara. O assunto da cobertura, porém, ultrapassava-te. Então o coadjutor pediu que te sentasses a seu lado, em frente do cadeiral.

Disse-te, muito sério, mergulhando-te no suspense – «Sabe? Nos nossos dias, a força do espírito deixou de encontrar meios correspondentes no espaço do temporal. Muito delicado o que se está a passar...» E relatou-te esforços ingentes pelos caminhos do deserto.

Mencionou que para enfrentarem o problema, ele e Adam tinham começado por recorrer aos patrocinadores habituais, e as instituições até haviam colaborado, mas o montante que se havia atingido não cobria nem um terço do orçamento necessário para proceder a um isolamento que durasse vinte anos, quanto mais cem, disse ele. Em 1885 era fácil isolar um telhado, o mundo não estava motorizado. Presentemente, não se poderia cobrir semelhante estrutura com simples placas de cobre. Agora, os desafios do tempo tinham uma outra dimensão e corriam a outra velocidade. Por isso o padre

Adam e ele mesmo tinham resolvido agir em conformidade com o novo tempo, disse ainda. E nesse ponto, John Saraiva tomou o livro preto, fê-lo deslizar sobre o banco, e pela primeira vez te passou pela ideia que a tua visita poderia estar relacionada com aquele objecto.

O coadjutor abriu o livro, mostrou-to.

Ficaste admirada, e não era para menos. Afinal não se tratava de uma bíblia nem de um missal, mas tão-só de um livro de assentos, que o coadjutor queria que tu manuseasses – «Folheie à vontade. Como ia dizendo, tínhamos a promessa de um terço da despesa, os fundos do arcebispado colaborariam com outro tanto. Era preciso encontrar o terceiro terço...» Disse ele. Esse terço teria de providir, naturalmente, da subscrição dos fiéis.

Mas entretanto, o Verão aproximava-se e o impasse mantinha-se. Nem as esmolas aumentavam nem a subscrição atraía adesões suficientes, redundando todos os esforços em fraquíssimos resultados. Então o jovem coadjutor tinha tido a ideia de refazer o telhado com a ajuda dos fiéis, personalizando a oferta, isto é, identificando os subscritores, um a um, reconhecendo-lhes o suporte, conferindo-lhes uma importância à altura. Nada de mais justo do que criar um laço directo e pessoal entre a obra e o seu subscritor, disse John Saraiva. E assim iria ser, explicou, sentados diante do cadeiral.

Num domingo de Pentecostes, o padre Adam pedira aos praticantes que olhassem bem para as manchas de zinabre do tecto, e anunciara aos fiéis que o telhado da igreja precisaria de quinze mil telhas, pelo que iria abrir uma oferta pública para aquisição peça a peça, assegurando que a cada telha corresponderia uma graça. Nesse dia, a catedral estava repleta, o coro havia elevado as vozes até à cúpula, os *Kirie* tinham provocado estremecimentos nas cordas profundas do coração, e os fiéis haviam ficado em silêncio, grudados ao soalho. No final da celebração, centenas de paroquianos anunciaram que estariam dispostos a adquirir a sua telha. Alguns, duas telhas, mesmo. Incluindo viúvas, mães solteiras e pensionistas. Sim, o mundo não era perfeito, mas quase. A prova é que no domingo seguinte, de um universo na ordem dos cinco mil fiéis, já havia surgido uma comissão de dez elementos dispostos a gerir o processo. «E o corpo executivo iria ser dirigido por Dean MacWein...» – disse John Saraiva, sem se afastar, por uma palavra que fosse, do assunto do telhado. «Ah! Dean MacWein» – sublinhou ele, sorrindo, ao pronunciar esse nome.

Pois Dean MacWein, sendo um homem inteligente, tinha apresentado uma extraordinária sugestão. Sugerira que o telhado fosse dividido em partes diferenciadas. Se Deus olhava a partir de cima, as telhas mais visíveis ficariam junto da cumeeira. Assim, a importância das telhas aumentaria de Ocidente para Oriente, no sentido do átrio para o altar-mor, e diminuiria da cumeeira para os beirais. À cúpula corresponderia, então, a parte mais importante do patrocínio. Dean MacWein também trazia consigo um mapa do telhado da catedral, que logo estendera sobre uma mesa, e que se parecia com o mapa da carne de vaca que é costume encontrar exposto em certos estabelecimentos de venda. Bastante compreensível. O irlandês era filho de talhante, e essa sabedoria estava presente na distribuição das partes nobres e das partes



ordinárias de um corpo que estivesse à venda a retalho. Não importava que corpo fosse. O filho do talhante tinha razão, fazia todo o sentido, explicava Saraiva. Perante semelhante proposta, o padre Adam havia hesitado. Achava Adam que Dean MacWein tratava o telhado da catedral como se fosse um animal para abate, mas ele, John Saraiva, pelo contrário, concordara plenamente. Pois o que sabem os homens sobre a vontade de Deus? Se Ele não se mostra nem fala, e nós cuidamos da sua obra, então somos livres de decidir por Ele. Que se pusesse em exposição na sacristia o esquema da cobertura, e sua divisão por zonas mais e menos nobres, sendo que nenhuma delas, bem entendido, seria vil. E assim acontecera. Os fiéis tinham disputado as telhas da cúpula, tinham disputado entre si as da cumeeira. Disputavam naturalmente as telhas que ficavam mais perto da mirada de Deus.

«Uma boa solução, pelo menos pacífica» – disseste tu.

Sim, porém, feitas as contas, faltava ainda muito dinheiro. Fora então que Freddie Antunes, neto de antigo pescador da Terra Nova, surgira com uma ideia providencial. Depois de mostrar as fotografias do seu avô, sobre um barco, segurando um peixe do seu tamanho, Freddie tinha dito que se as telhas da catedral iriam ter o formato de escama de peixe, tipo telha escalar, bem se poderia mandar gravar na superfície de cada uma o nome do comprador. Quem pretendesse o nome gravado pagaria a dobrar. Escusado será dizer que inúmeros praticantes desejaram que o seu nome figurasse nesse retrato colectivo de fé humana virado aos céus. De tal forma que essa teria sido a solução perfeita, não fosse ter surgido um problema na concretização do projecto. O fabricante, um homem demasiado metódico, vira entraves na gravação dos nomes. Que letras seriam gravadas? As iniciais? JM de Jessica Monteiro não se confundiria com JM de John Martin? Deus distinguiria as letras? Ele não sabia se distinguiria. Havia quem preferisse o nome por extenso, havia quem exigisse os apelidos da mãe e do pai. Houve mesmo quem desejasse imprimir nas telhas não só o nome como a assinatura, e houve quem sugerisse a impressão da fotografia, como nas campas dos cemitérios. Aos domingos, o serviço religioso terminava por volta da uma da tarde, mas a sacristia enchia-se de fiéis que pretendiam dizer a Deus não só que existiam como assegurar-se que existiriam para sempre, imprimindo nas telhas a imagem da sua face. Por esses dias, se Adam fosse menos rígido, teria avançado com um plano simplificado, mas o pároco da catedral, impaciente, passara-lhe para as mãos o livro de assentos, e não só tinha dito que desistia, como declarara que a catedral, desfigurada dos seus adereços emblemáticos, deveria ser fechada ao culto. Por ele, não daria mais um passo. O incomensurável narcisismo humano chocava-o. Ao desistir da reposição do telhado, desistia de abarcar a complexidade da natureza humana, contava John Saraiva.

Ele, porém, tinha escutado a voz do seu pensamento. Em breve viria outro Inverno, o Grande Lago gelaria, os nevões cairiam sobre a terra, sobre os pináculos dos arranha-céus e as cúpulas das catedrais, e ali, em *The Angel of the Lord's Cathedral*, a Virgem continuaria arrumada à parede, e o anjo manter-se-ia deslocado para aquela outra empena, como se nada tivessem a anunciar um ao outro. São José ficaria ausente, o presépio continuaria resguardado por plásticos na arrecadação do dispensário, e

nunca se saberia até quando o Cristo Ressuscitado, glorioso, ofuscando o olhar incrédulo da sua mãe, iria permanecer no átrio, dizendo a quem entrasse que a morte terminaria em bem. Fora então que ele resolvera dirigir-se às entidades bancárias. Durante duas semanas, não tinha feito mais nada que não fosse preencher formulários e enviá-los por via electrónica. Imprimi-los e ir entregá-los em mão própria. No entanto, ele não acreditava que alguma vez pudesse receber uma qualquer notícia, muito menos uma notícia boa, disse-te John Saraiva.

Tu escutavas o que o jovem coadjutor te dizia, já sabias que não se tratava nem de crianças, nem de História de Arte, nem de donativos, mas ainda estavas longe de perceber porque te prendia o coadjutor com semelhante relato.

«E no entanto enganei-me» – disse ele. «Como se alguém tivesse sido incumbido de responder ao meu esforço, recebi na semana seguinte uma mensagem anunciando que determinada entidade estaria disposta a financiar a parte que faltava...»

E o jovem coadjutor explicou como o padre Adam tinha recuado na sua posição, uma vez que o montante iria ser depositado mal fosse enviado um formulário preenchido com os dados próprios, isto é, previsões, orçamentos gerais, cálculos parcelares e globais. A questão que se levantava, porém, é que Adam era um homem desconfiado dos meios evanescentes. Não acreditava na representação virtual, não acreditava no dinheiro electrónico. Adam pretendia receber um pedaço de papel que segurasse entre as mãos, um cheque impresso, timbrado, alguma coisa que ele agarrasse, dobrasse ao meio, metesse na algibeira da batina, uma superfície corpórea que sentisse entre os dedos, e tal não iria acontecer. O que haveria de chegar seria uma transferência exacta, correspondente em tudo ao que era necessário para cobrir a parte do orçamento a descoberto, e no espaço reservado à proveniência, apenas se poderia ler um código. Uma transferência directa entre bancos. John Saraiva cobrira-se de paciência. Que importava que não fosse um cheque? O que era um rectângulo de papel em confronto com a eficácia electrónica de um depósito tão rápido? Havia que não confundir os meios com a substância.

Combativo, o padre Adam tinha então querido saber de onde provinha semelhante quantia. Quem a pagava, o que pretendia a pessoa ou a entidade em troca. Se alguém desejava contribuir tão generosamente, em que parte do telhado, ou em que telhas, desejava o nome gravado? Onde se encontrava exarada essa exigência? A soma era tão avultada, que bem poderia o doador reclamar que se anulassem os direitos adquiridos dos individuais e Adam Friedman não queria correr esse risco. Quem estava por detrás de semelhante contribuição não mostrava o rosto, e ele entendia que os rostos, quanto mais invisíveis mais poderosos, mais ominosos. Adam exigia que se investigasse o trajecto daquele fundo. O telhado de uma catedral, o rosto de uma comunidade virado ao céu, não poderia conter qualquer resquício de mácula. Seria um erro imperdoável que uma cobertura refeita para durar cem anos fosse construída a partir de um ingrediente espúrio. Então, numa certa manhã, ambos se tinham dirigido à dependência bancária por onde os depósitos corriam, disse John Saraiva.

«Fomos até lá, até essa dependência física, concreta, 35th Street, caminhando a pé,

só para fazer a vontade a Adam» – disse o coadjutor.

Mas também aí não havia sido fácil. O funcionário que os recebera não dispunha de dados conclusivos. Apenas podia informar que a transferência havia sido feita sem que existisse um nome que identificasse a autoria, só havia um código, e esse código não remetia para um nome e sim para um número. E esse número de código para outro número, e esse para outro, e assim sucessivamente, sem que se registasse qualquer nome de firma, qualquer garatuja humana, qualquer registo de mão de gente viva. Explicara o funcionário. Adam, porém, não podia admitir semelhante anonimato. Era como se o mundo tivesse desenhado uma trajetória ascensional no tempo, e agora voltasse para trás, recuando às eras remotas em que os homens passavam pela Terra, agindo sem assinatura e sem história. Quem estaria, então, por detrás daqueles códigos e daquelas siglas? Que entidade enviava dinheiro de forma tão pronta, para pagar a terça parte da reparação de uma cobertura sem pedir fosse o que fosse em troca? E o pároco, prevenindo-se, havia tomado a cópia impressa com as sucessivas chaves, tinha-a guardado dentro daquele livro de capa preta, no qual havia escrito, com a sua mão lenta, um a um, os nomes dos compradores das telhas, suas contribuições e donativos, o mesmo livro para onde depois viria a copiar aquelas cifras bancárias. Disse o jovem coadjutor. E nesse ponto, abriu o livro de capa preta nas páginas onde figuravam os códigos manuscritos, e pediu-te que os examinasses.

«Eu mesmo me pus a estudar os códigos» – continuou o coadjutor. «Mas não havia muito para estudar. O que se poderia deduzir de uma chave como esta, que você acabou de ler, QQ5543901? Ou esta, para a qual remete a primeira? A7890462331002? Ou a que se lhe segue? 9993221AA332110? Como vê, só ao sexto código a combinação permite uma certa legibilidade, embora vá além da minha inteligência decifradora. Esse código contém dezassete dígitos, correspondendo cinco deles a letras legíveis. 57VI52DEL16256161...» – John Saraiva insistia em exhibir as chaves escritas pela mão do padre Adam.

Insistia em falar das contradições de Adam, com o livro pousado sobre o banco onde ambos, tu e ele, continuavam sentados. O coadjutor insistia em mostrar-te como tinha sido difícil demover o padre Adam. Pois como demonstrar-lhe que o sistema da caridade, nos últimos tempos, se organizava daquele jeito? Que a discrição no acto da generosidade se processava daquele modo? Por que razão desconfiar que por ali pairasse alguma manobra tenebrosa, quando se poderia imaginar exactamente o contrário? Tratar-se-ia, porventura, de alguém que tivesse poupado durante toda a vida e, finalmente, quisesse ajudar a reconstruir a casa da Virgem e do Anjo Gabriel. Alguém que tivesse recebido a graça de lhe nascer um filho, quando tardava, ou talvez alguém estivesse com esse gesto anónimo a agradecer uma cura, uma bênção. Afinal, era boa a solidariedade dos homens, aqueles que respondem na volta do *écran*, aqueles que não escrevem o seu nome para reconhecimento público, aqueles que não reclamam o número de telhas a que têm direito, nem discutem a localização nos panos do telhado. Perante semelhante argumentação, Adam sossegara. Só que, no dia seguinte, quando John Saraiva se preparava para a corrida da manhã, tinha deparado com o padre Adam completamente desfigurado, plantado diante da porta do seminário.

«Como assim?» – perguntaste tu, admitindo que o suspense estaria perto do auge.

«Digo-lhe a verdade. O pároco da Catedral do Anjo da Anunciação surgiu na minha frente, indignado, envelhecido, alucinado, e a sua transformação devia-se ao facto de julgar ter descoberto, durante a noite, a proveniência do dinheiro» – respondeu-te John Saraiva.

Sim, durante a insónia, Adam Friedman tinha descoberto que no meio dos dezassete dígitos da sexta chave, se encontrava uma palavra escondida entre os números. Uma forma semântica plena. Dezassete dígitos, doze algarismos, cinco letras. As letras formavam não só uma palavra mas um nome. Um nome próprio. Pondo os números de lado, lia-se a palavra VIDEL, alterando a ordem das sílabas obtinha-se DEVIL. *Devil* era quem se encontrava no início daquela cadeia de transferências. Ele, Adam Friedman, preferia que o telhado da catedral se abatesse sobre si e sobre os retábulos, e todas as santas imagens, preferia que as três naves caíssem, uma após outra no chão, e a catedral ficasse soterrada sob nove camadas de areia como Tróia, a negociar com o Devil. Para ele, afinal, o mundo novo do Novo Mundo era igual ao velhíssimo mundo, não havia diferença alguma. Nada tinha mudado. Para Adam, o Devil estava por toda a parte, e aquela chave bancária era disso uma prova acabada. Naquela manhã, Adam tinha vindo devolver-me as provas dessa malignidade, disse Saraiva. Nesse ponto, a forma como o padre engenheiro invocava a fala do pároco revelava intensa dramaticidade. Enquanto tu, suspensa do seu discurso, acreditavas que no meio do absurdo deveria estar a solução, só que ainda não a vislumbravas, e por isso mantinhas-te ligada ao suspense. Foi nesse momento que ele te pediu ajuda.

«Ajude-me» – disse ele.

John Saraiva entregou-te o livro preto e falou-te em voz baixa, ambos sentados diante do cadeiral, mas tu não estavas preparada. Para tua grande surpresa, entendia ele que tu, na qualidade de pessoa sem ciência nenhuma, estarias apta a oferecer uma solução para aquele caso, apta para deslaçar o nó atado pelo padre Adam, pronta para fazer avançar a situação no sentido de seu desenlace. «Ajude-me, por favor» – pediu-te de novo o coadjutor.

Mas como? Como poderias tu proceder?

Como opinar, sugerir, denegar, resolver? Nada, tu não podias nada. Que ideia era aquela de que, num assunto tão delicado, e com um envolvimento tão vultuoso, pudesses tu possuir uma resposta para o que quer que fosse? Como poderia passar-lhe pela cabeça que pudesses encontrar a solução para um enigma que os lúcidos, os lógicos, os místicos, os contabilísticos, os computadores e suas operações extraordinárias não conseguiam decifrar? Por ti, *devil* ou *videl* eram siglas iguais, letras escritas em papéis e *écrans*, que só significavam alguma coisa para pessoas ilógicas como Adam Friedman, pessoas que lhes atribuíam significados em face de uma analogia que só a elas pertencia. Porque de entre milhões de composições aleatórias de números e letras, Adam inventara uma solução cabalística que só para ele

mesmo fazia sentido. Tu não possuías semelhante imaginação, tu não tinhas nada para dizer, opinar, desvendar, opor, contrapor, muito menos detinhas a capacidade de fazer acontecer, e era isso que te estava a ser pedido. Pediam-te que bateses com o teu martelo no joelho dos factos e dissesse, *Acontece!* Ora tu não eras Miguel Ângelo, e muito menos pretendias, como ele, ter o poder de um deus. Levantaste-te, ofendida. Tinhas razão, não fora para isso que te havias preparado. John Saraiva também se levantou. Passou-te definitivamente o livro preto para as mãos. Ele disse, impondo-te o livro – «Tem esse poder, sim, estou convencido de que será capaz de desatar este nó. Se assim não fosse, então, ter-nos-ia estado a enganar durante anos a fio. É um dever que lhe assiste. Esta catedral está à espera de uma solução vai para cinco anos, degrada-se, Inverno após Inverno, e neste clima, todo o ano é Inverno. Não é como na nossa pátria, onde todo o ano é Verão.»

O coadjutor conduziu-te até ao pórtico flamejante, a cena de Santa Ana lá no alto, o vento de Janeiro que soprava do Grande Lago, a mover as roupas e os braços das árvores, e ele a empurrar-te para fora, como se te dissesse, vai, cumpre o teu dever, encara os extravagantes dados do mundo, com seu laço insignificativo apertado, e desenlaça-o. Deixarás cair o telhado cor de zinabre? Substitui-lo-ás por um novo, cor de cobre, brilhante, com telhas em forma de escama de peixe, luzidio, assinado? Um grande navio para navegar no tempo, com mais de cinco mil almas a bordo? Ou abandonarás este desafio que te faço?

Ambos se despediram, tensos, zangados.

Tu entendias que o coadjutor não tinha o direito de te desafiar para uma tarefa impossível, o coadjutor entendia que tu não tinhas o direito de recusar uma tarefa que te dizia respeito. Mas acaso julgaria aquele rapaz voluntarioso que imaginar um mundo era o mesmo que resolver o mundo que lhe preexiste? Ou acreditaria ele que a fragilidade de um e de outro seriam equivalentes? Apesar de tudo, apesar da fanfarronice que por vezes te assiste ao falares da invenção que perpassa nos livros, sempre haverá uma distância considerável entre um mundo e o outro, e tu bem o sabes. O segundo é um jogo, o primeiro, um destino. Inverter o desfecho do primeiro através do segundo, não é para todos. Não é para ti. Para já, apenas acreditas que no meio do enigma reside o suspense, e no meio do suspense pode acontecer a descoberta. Acreditas, sim.

Regressaste à casa onde te tinhas alojado, de passagem.

A tarde ia no seu princípio. As árvores despidas acenavam galhos escuros onde todas as tuas ideias eram enforcadas antes de resultarem em alguma coisa útil. Junto ao corpo levavas o livro preto que o coadjutor te havia entregado e hesitavas se o deixarias cair na lama cinzenta onde a neve se misturava com o óleo dos carros, ou se o colocarias num dos caixotes de lixo que ias encontrando à medida que caminhavas pela Champlain Avenue adiante. Ao longo da avenida, onde as casas baixas alternavam com os edifícios de alturas infindáveis, imaginavas o telhado fissurado e as

paredes rendilhadas de The Angel of the Lord's Cathedral, mas não encontravas saída para o logro em que havias caído. Se não carregasses contigo o livro concreto, real, de capa preta e letras góticas desenhadas pela mão de Adam Friedman, dirias que não tinha passado de uma fantasia o encontro com o coadjutor. Aquilo de que te incumbiam era um absurdo. Quando o absurdo não gera solução, absurdo com absurdo se paga. O que deverias fazer era construir uma solução absurda, igual ou parecida àquela que te passara pela ideia, no momento em que o coadjutor havia mencionado as letras transformadas em DEVIL. Tu, maliciosa, tinhas pensado que seria interessante se, em vez de *videl* a sexta sigla contivesse DAAM, e *daam* se transformasse em ADAM. Como reagiria Adam Friedman? Transformar-se-ia, também nesse caso, o aleatório em sentido explícito?

Subiste ao portal da pequena casa onde pernoitavas. Aproximaste-te da lareira. Abriste o livro de assentos, passaste as páginas, uma a uma, até chegares aos códigos. Era isso, não tinhas nenhuma solução para oferecer a John Saraiva. A única ideia fértil consistia na certeza de que desejas desembrasar-te daquele livro. O jovem coadjutor tinha feito um jogo contigo, tu irias retribuir-lhe o jogo. No vaivém do jogo se encontrava a hipótese e a solução. Tu acreditavas. Eis a única hipótese. Pelas dez horas da manhã, procurarias o intrépido coadjutor, e demonstrar-lhe-ias como a solução que havias encontrado se adaptava ao caso. Dir-lhe-ias que tinhas passado a noite a fazer contas de somar e subtrair, dividir e multiplicar, e no meio de todos esses cálculos, havias encontrado uma solução para o caso.

Por ti, à luz da tua respeitável ciência sem ciência, resolverias o assunto do seguinte modo – Sem nada dizer a Adam Friedman, encaminhar-te-ias para a dependência bancária e falarias francamente com o funcionário. Não seria necessário referires os trinta dinheiros, bastaria mencionares um, ou dois, conforme o tamanho da mão do funcionário. E o funcionário chamaria o padre Adam, que seria confrontado com o sétimo código, aquele de onde escorria o donativo fantástico. O sétimo código teria os mesmos dezassete dígitos do sexto e, entre eles, quatro letras latinas, DAAM. Tu mesma entregarias ao funcionário essa chave, 55DA33049012497AM. Isto é, treze algarismos e, disseminadas ao acaso, as letras de ADAM. Estavas convencida de que para Adam Friedman, a quem as letras DEVIL haviam incutido semelhante terror, a revelação de que o seu próprio nome se encontrava no meio da engrenagem, teria o efeito de anular o impacto da chave anterior. Iria por certo provocar no pároco um golpe de racionalidade capaz de abalar o seu edifício cabalístico, reduzindo-o a nada. Porque um homem nunca atribuiu a si mesmo a origem da desordem. Todo o homem julga ser ele próprio a medida da ordem. ADAM entre algarismos, seria a solução, explicar-lhe-ias. Depois, despedir-te-ias de John Saraiva, dir-lhe-ias adeus, e esquecerias o caso.

Foi o que procuraste fazer. Telefonaste.

No dia seguinte, John Saraiva esperava-te na porta poente. Silenciosos, atravessaram o vão despido, sentaram-se diante do cadeiral. A pressa que tinhas para devolver o livro de assentos inquietava-o, ainda que parecesse ansioso por escutar a

solução que havias encontrado. Mas a sua atenção rapidamente esmoreceu. Aliás, de parte a parte, todo o suspense, de súbito, tinha terminado. Tu rias por detrás, vencedora. Achavas que apenas vinhas pagar jogo com jogo. Ele tinha-te tomado a sério, e desgostoso, pensativo, acabou por te dizer – «Sim, compreendo, introduzir ADAM entre os números seria uma forma de quebrar a intransigência daquele homem renitente. Mas, infelizmente, a sua solução não serve. E porquê? Porque teríamos de corromper o funcionário. E como sabe...» Um raio de luz passava-lhe pelos olhos. «E como sabe...» – disse várias vezes sem nunca terminar a frase. E assim tu e ele se despediram, no meio do jogo. Ainda bem que tinhas acreditado que só por meio do humor se atingiria a única verdade passível de se alcançar. Boa tarde, senhor coadjutor, boa tarde, ver-nos-emos alguma vez na nossa pátria? Depois, dispuseste-te a esquecer o episódio. A fechar-lhe a porta para nunca mais. Há passos que são para nada.

Mas não foi bem assim.

Passados seis meses, soubeste por mensagem do próprio coadjutor que as obras no telhado da Catedral do Anjo da Anunciação tinham tido início. Oito meses mais tarde, estavam terminadas. Depois tiveste notícia de que, dentro do edifício, os retábulos haviam regressado ao seu lugar. A Virgem voltou a dançar no meio do altar, o anjo Gabriel estendeu as asas diante da Virgem, e o silêncio passou a ser tão perfeito no interior do templo como se os fiéis habitassem uma cápsula espacial. Em conformidade, pensaste que finalmente o doador anónimo ter-se-ia identificado e o padre Adam teria reconhecido o poder da generosidade.

Mas também suspeitavas do seu contrário. De que teria havido uma sétima chave na qual deveriam ter figurado as letras DAAM. Ou, por outra, tinhas a certeza, pois o coadjutor, sem nunca mencionar os vossos encontros, enviou-te pelo ar uma carta de agradecimento timbrada com as armas eclesiásticas. Uma carta triunfal, assinada pelo arcebispo, mas da qual jamais alguém poderá deduzir que tipo de ajuda prestaste àquela catedral do novíssimo Novo Mundo. Ninguém deduzirá o que aconteceu, nem a natureza nem o modo da tua acção. Textualmente reconhecido, *your inestimable support*. Esperas que corresponda a uma boa telha. Não precisa de ser da cumeeira, nem assinada. Bastar-te-á uma telha colocada no beiral do telhado, lá onde se encontram as telhas custeadas pelas mãos solteiras, as velhas pensionistas, viúvas e outras pessoas que tais, as que se contentam com um breve olhar de Deus. Brevíssimo, e até mesmo de esguelha que seja.



## **DAMA POLACA VOANDO EM LIMUSINE PRETA**

Pior do que uma limusine preta, só mesmo uma limusine branca. Era preta e bem preta aquela que me esperava à porta do hotel em vez do táxi apazado dois dias antes da viagem. A princípio resisti com veemência. Nunca me tinha imaginado sentada em semelhante tipo de viatura. O veículo que me fora destinado fazia parte da galeria dos meus sonhos repelentes, no que em matéria de extravagância e futilidade dizia respeito.

Aparato de ricos passadistas, espanto desorbitado de artistas enlouquecidos nos fornos do *glamour* e nos púlpitos da fama. Semelhante carro oblongo, entre automóvel e carruagem, levava-me para o universo dos príncipes e das princesas de fancaria, tudo o que eu mais detestava nesse louco mundo. Limusines pretas para príncipes de lata, limusines brancas para cantores e trapezistas. Imagens reles da alma. Entrar naquele carro comprido que ali se encontrava estacionado, ocupando todo o espaço entre as duas colunas da portaria do West Road Hotel, parecia-me um absurdo. Jamais eu entraria naquele longo vaso, ainda que já passasse das quatro horas da manhã, o hotel fosse um edifício de periferia perdido no meio de um descampado, e a distância entre aquela porta e o aeroporto contasse perto de duzentos quilómetros. Mesmo assim, eu não entraria naquele furgão ali estacionado, nem colocaria os meus pertences na mala daquele vagão com a tampa escancarada à espera de partir em viagem. De modo algum. Era preciso ser intransigente. Eu queria um táxi comum, um transporte normal para a minha mala comum, para o meu saco comum, a minha pessoa comum a quem apenas uma troca de horários de aviões obrigava a fazer aquela deslocação imprevista. Acontecesse o que acontecesse, eu não iria entrar naquele carro.

Mas o condutor encontrava-se junto ao recepcionista a apresentar a sua versão.

Segundo ele, eu podia tomar a limusine sem custo acrescido. Tratando-se de um percurso longo, seria muito mais cómodo viajar naquela viatura, e o cliente não teria de pagar quase nada pela diferença de porte. Uma soma insignificante em face de um considerável acréscimo de comodidade. Porque se recusava a passageira a aceitar semelhante oferta? Na limusine não havia conta-quilómetros, mas tudo funcionava como num táxi, e ele até iria arredondar a conta. Segundo os seus cálculos, eu apenas

teria de pagar uns vinte dólares como suplemento, mais para menos do que para mais. E o motorista começou a falar em iídiche com o recepcionista, e o recepcionista não levantava a mão na direção do telefone, e eu não dispunha de qualquer indicação de como chamar um táxi àquela hora a partir daquele local, com o homem da recepção a responder em iídiche, e o motorista a rir, ora em iídiche ora em inglês, a tentarem ambos demonstrar a vantagem que seria viajar naquele carro, ao longo de tantos quilómetros, àquela hora da madrugada, com a estrada fria e os campos gelados. Queria ou não queria? Os dois calados, a testarem a resistência da passageira. O que fazer, então?

Em semelhantes situações, adaptar-se a pessoa às circunstâncias configura a única solução viável. Por mais que me custasse, a rendição começava a desenhar-se como a última forma de ultrapassar o impasse. Era preciso capitular. E como capitular? Sem dizer uma palavra, entreguei a bagagem, entrei pela porta, o homem fechou-a, e estava decidido, eu viajaria então naquela carreta escura. Uma vez ali sentada, comecei a pensar nos motivos duvidosos que teriam feito aquele recepcionista chamar uma limusine em vez de um táxi para percorrer aquela distância. Melhor dizendo, quando todo aquele corpo tremendo arrancou, enchi-me de pensamentos judiciosos sobre o que imaginava serem os cálculos mesquinhos de quem conduzia a limusine através da estrada urbana, ao longo da qual ainda havia um renque de casas baixas, para logo se transformar numa fita larga desenhada a régua cujo fim e princípio se perdiam na planície gelada. O veículo enorme, o meu corpo nadando no assento, ocupando um espaço onde poderiam viajar doze. Desgostosa, ali ia eu, uma simples pessoa, uma criatura comum, falando sozinha.

Verdade seja dita que razão e fraqueza, quando unidas, não podem nada, como se demonstrara naquele impasse. Usando de inteligência, restava aproveitar o que sobejava da situação. Só que havia muito pouco para aproveitar. A limusine era antiga. De vez em quando, uma lâmpada de tejadilho iluminava aquele mórbido espaço, depois ia esmorecendo, para logo reacender e voltar ao princípio. Nessa intermitência, dava para perceber que os estofos estavam gastos e o *tablier* que se desdobrava num tabuleiro, que por sua vez avançava oferecendo copos e guardanapos, tinha riscas de brilho dourado, uma quinquilharia hollywoodesca que fazia cansar só de se saber que ainda ali existia. O rádio antigo e a zona do leitor de disquetes, simulando um antigo gira-discos, pareciam ter voado de um bar dos anos cinquenta para o interior daquele habitáculo, e havia ganchos onde pendurar casacos, dispositivos elevatórios onde repousar as pernas, e encostos para a cabeça onde o veludo rareava. Na frente, a conduzir aquele carro oblongo, ia a cabeça do motorista, uma auréola ampla de cabelo grisalho que se movia ao mínimo movimento dos braços. No meio da auréola, uma coroa branca, a marca de uma calva com a forma delimitada de um círculo preciso. Mas a nuvem de cabelo cinzento moveu-se toda para um só lado, quando vários olhos encandeados brilharam na escuridão e o homem abriu a janela para gritar num inglês cruzado de iídiche – «Suas malvadas...» E falando para trás – «São raposas regressando ao amanho. Nunca se sabe quando estes animais provocam um acidente na estrada.» Só depois o condutor disse qualquer coisa como – «*Zenen zi a poylishe, Madam?*» E depois perguntou – «A dama é polaca?»

Eu, polaca?

A pergunta era tão despropositada que a resposta não podia deixar de ser sóbria. O homem mergulhou no silêncio. A limusine deslizava rápida mas o seu ruído era baixo, o motor parecia inexistente. Mesmo assim, eu teria preferido um táxi, por mais ruidoso que fosse. E pensava de novo no logro em que havia caído, quando uns renques de casas surgiram e um cruzamento sinalizou a aproximação de um burgo. Orwickmill. Talvez uma vila, ou só um lugarejo, com sua bateria de polícia de estrada. O motorista abrandou, a luz acendeu-se, e eu vi a cara do homem muito nítida reflectida no espelho. O meu olhar cruzou-se com o olhar do homem. O homem disse de novo – «Desculpe, dir-se-ia que a dama é polaca. O seu inglês parece polaco, o seu rosto polaco. A minha segunda mulher era polaca. Faleceu. A dama parece-se extraordinariamente com a minha mulher. Venho muito impressionado.»

«Pois lamento bastante» – disse eu.

O homem conduzia rápido mas, ou fosse do piso da estrada, ou fosse da mecânica daquele longo carro onde o meu corpo se perdia, a limusine parecia nem se deslocar, já que as únicas referências eram as bermas, tão baixas que se confundiam com a planura nevada, e as árvores mergulhadas no escuro nem ofereciam a comum ilusão de que se deslocavam à nossa passagem. Duas alas intermináveis, duas cortinas afastadas do movimento, sem movimento algum. Via-se pelo espelho que o homem também olhava para o exterior mas o seu pensamento parecia fixado num espaço diferente. «*Ikħ beyt akħ, Madam*, não lamente, não lamente nada» – ia ele dizendo, meio em inglês meio em iídiche. «Aí mesmo onde se encontra já se têm sentado algumas mulheres parecidas com ela, mas nunca uma que se lhe assemelhasse tanto quanto se assemelha a dama.» Remexeu no porta-luvas que tinha a profundidade de um cofre e uns brilhos de pandeireta espanhola, mas não encontrou o que pretendia. «Que pena que não lha possa mostrar. Logo hoje, por acaso, não trouxe a fotografia. Se a tivesse trazido, poderia ver como a dama é parecida com ela. Mas não faz mal. Não lamente nada. E pensar que ela ia regressar à Polónia, e nós conhecemo-nos um dia antes. Foi numa agência de viagens de Telavive que nos conhecemos, falámos durante essa tarde e essa noite, e na manhã seguinte não viajou para a *Warsava*, como ela dizia. Não viajou. Assim ficámos durante cinco anos e meio. Foi um tempo extraordinário da minha vida. Dávamo-nos bem. Halina cuidou da plantação como se fosse uma camponesa e das minhas crianças como se fosse a mãe. Até que certa manhã, estava ela à porta da nossa casa, a preparar a bicicleta para se dirigir para a loja, quando um *rocket* vindo do lado de lá a atingiu pelas costas. Um engenho artesanal feito numa qualquer cozinha. Matou-a à porta da nossa casa, enquanto os meus filhos dormiam. Não lamente nada, dama. Não precisa. Acabei por vender o que tínhamos por atacado, o negócio da plantação e a casa, tudo quase dado, e viemos embora para o lado de cá. Mataram-na, assim, enviando um projectil pelo ar, sem mais nem menos, compreende? A dama sabe, em qualquer parte do mundo onde se viva, há sempre dois tipos de cidadãos, os que enfeitam o céu com papagaios de papel, os que o enfeitam com *rockets*, e uns e outros sempre andam de mistura. Ela pertencia aos primeiros, mas foi vítima dos segundos. A dama perece-se com ela, mas ela era mais alta, mais loira e mais encorpada do que a dama. De resto, igual. Peço-lhe desculpa se lhe disser que era igual

a si, mas mais bela...»

A estrada continuava a não ter curva nem cruzamento. À retaguarda o escuro engolia-a como se fosse um poço, à frente, a neve desenhava duas linhas brancas iluminadas pelos raios de luz que galgavam sobre nada. Diante daquela paisagem evanescente, o homem envolvia-se em cálculos sem fim. Contava em inglês sem iídiche – «Foi um grande desastre. A plantação, vendi-a ao desbarato. Pela casa, deram-me muito pouco, uns cem mil dólares, se tanto. Pela mobília, pouco mais de quinhentos *sheqalim*. Pela bicicleta que ficou intacta, só me deram quinze, pelos vasos de flores de que ela tão bem cuidava, não me deram nada. Uma grande ruína, um grande desastre, tive de atravessar os céus por cima do mar com os meus filhos e o mínimo indispensável. Aqui chegando, entre o que tinha e o que me emprestaram, foi possível comprar o primeiro táxi. Passados dez anos, tenho cinco táxis e esta limusine. É com a limusine que uma pessoa mais ganha, mas só ganha se nunca estiver parada. Nove passageiros é bom, um só é muito ruim, mas antes um só que nenhum. Este serviço feito a desoras, por exemplo, é pouco rentável. E logo se dá a coincidência de a dama que transporto comigo se parecer com ela de forma extraordinária. Venho impressionado...»

«Mas não lamente nada.»

«*Please, ets darft zekh nit metsaer zan*. Nada, absolutamente nada...»

O homem retirou uma das luvas e assoou-se ruidosamente. A gaveta do *tablier* onde o homem guardava os lenços dançava cá e lá, entre frisos dourados meio desfeitos. Agora as copas dos abetos aproximavam-se da estrada, agora recuavam, agora desapareciam e outros permaneciam ao longe, completamente parados, a limusine sem ruído nenhum. «Por aqui, tanta terra desperdiçada...» – ia dizendo o homem. «Que injusta é a vida. E pensar que tudo aquilo que lá aconteceu foi por causa de dois palmos de terra. Eu gostava da terra, sabe? Não quero mais terra. Dinheiro sim, para pessoas como nós, ele é a nossa única forma de possuímos terra. Terra de fazer de conta, compreende? Só que a terra verdadeira fica debaixo dos pés, é coisa sólida, enquanto que o dinheiro escorrega das mãos e vai-se. Dinheiro é matéria que nunca está segura. Esta viatura, agora mesmo, encontra-se em bom estado, e multiplica, ainda que modestamente, o dinheiro que emprego na manutenção regular. Mas, amanhã, basta o arranjo inesperado de um farol qualquer, para voarem cinquenta dólares de uma só vez. Só me refiro a um arranjo, já nem falo de uma substituição. Agora imagine o que não foi refazer por completo o motor desta viatura. O motor primitivo era um bebedor de gasóleo. Mudei, passou a consumir um terço e agora veja que nem se sente o rodado. Grande comodidade. *Chauffage* perfeita, lucro modesto, como já disse, mas algum lucro. O suficiente. Bem podia eu ter mudado de vida enquanto ela vivia. Nem voltou a *Warsava*, como ela dizia. Se tivéssemos vendido a terra e abalado os quatro para o lado de cá, como Halina desejava, ainda estaríamos todos vivos. Ah! Se tivéssemos, se tivéssemos. Ela era igualzinha à dama, apenas mais alta, um pouco mais encorpada, mais loira, os olhos mais claros. As maçãs subidas eram iguais, o jeito de encostar a cabeça na almofada, igual, venho impressionado. Ela, no entanto, como já disse, desculpe, era muito mais bela...» E o homem assoou-se outra vez.

A estrada continuava a não ter nem curva nem cruzamento. Neve à esquerda, neve à direita, o roncar do vagão resumia-se a uma arranhadela no asfalto. O homem mexeu numa outra gaveta daquele formidável *tablier* onde parecia existir o mobiliário de um lar antigo em miniatura. Mexeu, remexeu, tocou em alguma coisa que produziu música, mas o som, muito baixo, saía de algum sítio que não a caixa ornamentada como se fosse para discos de vinil. Sob esse disfarce, havia ali uma geringonça que desencadeava a música. O homem voltou a remexer no *tablier* e o volume do som aumentou. Era um coro, por certo um coro popular, alguma coisa entre o heróico e o lírico, e naquela paisagem nevada e nocturna poderia ser uma boa toada para o condutor mas não a melhor para a passageira que ele transportava consigo. «Incomoda-a?» – ainda perguntou. Não esperou pela resposta – «Sabe? É uma canção polaca.» E trauteou-a em iídiche. «Conta a história de um soldado que foi visitado no campo de batalha pela alma da sua amada. Dizem que é uma canção que existe em todos os países do mundo, com variações, claro. Uma vez, a alma da rapariga levanta-se do nevoeiro. Outras, como nos países do deserto, levanta-se da areia, mas sempre vestida de noiva. Lá, na Polónia, a aparição surge da neve como se a amada estivesse viva, e o soldado não dá por nada, só sabe que ela morreu quando mais tarde regressa à aldeia, depois da batalha. Gosto muito desta história. Incomoda-a? Sempre ouço esta canção sozinho, de triste que é, mas neste momento partilho-a consigo, de tal forma você se parece com ela. Muitas raparigas aí têm estado sentadas, que me lembram a Halina, mas nunca nenhuma como a dama...»

*«Nunca, Ikh beyt akh, Madam...»*

Uma brigada da polícia surgiu à beira da estrada, de novo as luzes se acenderam, se apagaram, a limusine sempre a deslizar. Ele disse ainda – «E pensar que se não nos tivéssemos encontrado naquela agência de viagens em Telavive, ela ainda estaria viva, lá no país onde habita a sua família, e para onde tencionava voltar no dia seguinte. Cidade de *Warsava*, como ela dizia.» De novo se fez silêncio, de novo a amplidão daquela terra plana tomou conta da limusine, a estrada tão recta que eu pensava que deslizávamos fora da terra, pois não se ouvia nem o gralhar do motor nem o chiar do rodado. Tão-pouco a nuvem de penugem cinzenta, à volta da cabeça do condutor, se movia. Só a música, agora quase inaudível, arranhava o silêncio. E nisto uma luz surgiu ao fundo da estrada e era uma estação de serviço.

A limusine perdeu velocidade, encostou junto às bombas, parou.

O homem assoou-se, saiu, dirigiu-se à estação de serviço, mas não entrou. Aliás, não parecia existir ninguém dentro daquela espécie de barracão mal iluminado. Depois o homem desapareceu atrás da estação e eu fiquei à espera dentro do grande carro. Quando reapareceu, em torno do seu rosto formava-se uma nuvem de vapor de água. Plantado em frente da estação, a nuvem de vapor era mais visível do que o seu vulto. Ali estava o seu vulto, parecendo guardar a limusine com aquele bafo provocado pelo frio da madrugada, e o bafo fazia-lhe desaparecer a cabeça. Dava que pensar. Pela minha parte, razão e fraqueza juntas não somavam nada. Estaria, então, aquele homem ali parado a adorar a limusine? Ou, pelo contrário, queria ele abandonar a limusine? Queria aquele homem, imóvel, a olhar para o vagão onde eu me encontrava sentada,

ele mesmo desaparecer da Terra? Queria, pelo contrário, que alguém mais desaparecesse? Ou queria que alguém, que já não fosse da Terra, reaparecesse sentada na limusine preta? E o meu coração tinha deixado de enviar mensagens ao corpo. Se ele enviasse mensagens correctas, talvez eu devesse simplesmente chamar o homem parado.

A verdade é que eu nem sabia o seu nome, e por isso se abrisse a porta e corresse para o exterior, nem sequer poderia chamá-lo. E no entanto, ele estava ali, tão perto. Dez metros de distância nos separavam. Com a mão muito lenta, procurei fazer um sinal, indicando o relógio, batendo no mostrador, mas ou a mão não acertava no relógio, ou acertava e o homem lá fora não reagia. Se o relógio e a mão estavam tão perto do vidro da janela, como poderia aquele homem não ver o meu gesto? Se eu via o seu vulto imóvel, ali mesmo, diante da estação de serviço? Se o vulto continuava a olhar para a viatura, o que eu confirmava sempre que o fumo que o envolvia se dissipava, e o homem se movia? Então eu pensei que deveria tentar abrir a porta, já que ninguém surgia, nem polícia, nem gasoleiro, nem funcionário, não havia vivalma em redor da limusine nem do vulto parado, com uma auréola de fumo indo e vindo em torno do seu rosto. Estou morta, pensei. Não, não posso estar morta, pensei. Se não estou morta, talvez eu devesse contar o meu dinheiro, contá-lo antes de sair para a estrada e entregá-lo a alguém que me fizesse voltar de novo à vida. Ou por outra, com a carteira junto do coração, talvez conseguisse abrir a porta e dirigir-me ao próprio vulto, entregando todo o meu dinheiro para que me fizesse avançar na estrada em direcção ao meu destino, ou recuar para o hotel onde alguém haveria de me socorrer. Um golpe de realidade fustigava-me o peito. Aquele homem não amava ninguém, aquele homem só fazia contas, só pensava em dinheiro, eu tinha sido apanhada numa armadilha que só poderia ter duas finalidades, ou a minha morte, ou o meu dinheiro. Dinheiro, eu tinha pouco, e o homem deveria pressenti-lo, enquanto a minha vida renderia por certo uma aventura de morte para quem alimentasse semelhante vício. Eu ainda estava viva e alguém que me quisesse matar poderia pagar àquele homem que me havia conduzido até àquele lugar incrível, e ele ganharia o seu dinheiro. Era esse, por certo, o seu negócio. Atrair mulheres para dentro da limusine e fazê-las desaparecer, em conluio com o recepcionista do West Road Hotel. Por certo que faltava surgir ali, naquele descampado tenebroso, a terceira figura, a que perpetraria o crime, enchendo de notas a algibeira do casaco do condutor que só falava em contas e dinheiro. Ele próprio não deveria ter deixado morrer a segunda mulher, possivelmente, ele tê-la-ia vendido. Eu precisava de abrir a porta, sair, suspender aquele deslizar silencioso na direcção do abismo. Consegui abrir a porta. A frieza do exterior bateu-me no rosto, fiz alguns passos na direcção do condutor transformado em vulto, o vulto começou a caminhar ao meu encontro, o vulto já perto, consultou o relógio, e ouvi-o murmurar, meio em inglês, meio em iídiche – «Calma, ainda temos muito tempo. Estamos com mais de meia hora de avanço. Entre rápido, estamos abaixo dos quinze graus. *Kimt aran, bit, bit.* Entre, por favor.»

E eu entrei de novo na limusine preta.

A limusine começou a avançar e um halo de manhã surgia no espaço oriental do continente, o espaço para onde nos dirigíamos. Carros começavam a correr nos dois

sentidos, a neve surgia de um lado e de outro como se rasgássemos prata. Aves começavam a passar em bandos, o rumor do aeroporto desenhava-se nas tabuletas com a indicação do nome da cidade e do lugar, Baltimore Harbour ficaria ainda mais a nascente, e o homem não falava, só o seu cabelo de onde em onde ondulava, uma nuvem cinzenta que se movia e, no meio, a coroa clara, mais nada. O homem olhava pelo espelho retrovisor mas tinha deixado de comentar a sua vida. Uma gratidão sem limites por não estar morta levava-me a querer agradecer sem saber como. Pagar, era o que eu pensava. Pagar, pagar, e folheava as cinco notas que me sobejavam. Sim, talvez eu pudesse dar-lhe todo o dinheiro que me restava, talvez o homem quisesse isso mesmo, pouco que fosse. Levava ali o meu resgate. Pagaria o trajecto e pagaria o meu resgate. E de novo pensamentos mesquinhos, sobre pensamentos mesquinhos, que eu deduzia e retorcia no labirinto da exaltação, assaltavam-me a capacidade de compreensão dos factos. A limusine avançava na direcção do cais do aeroporto. O homem saiu da limusine, abriu a grande porta da grande mala, retirou a minha bagagem, correu a ir buscar um carro de empurrar, colocou-a em cima da grelha, e eu pensei que não tinha o suficiente para lhe pagar. Imaginei-o a contar as cinco notas, decepcionado, e eu a prometer enviar mais tarde o resto do resgate. A estupidez, quando aliada à imaginação, perigosamente, alimenta seres selvagens que nos prendem ao solo e nos deixam sozinhos no meio da sombra. Até ali eu não tinha compreendido nada.

\*\*\*

Continuava sem compreender.

O condutor da limusine disse alguma coisa como, *irtsult nisht gurnischt, madam*, e sacudiu a cabeça. Abri a minha carteira onde por certo não havia o suficiente para saldar o meu resgate. Uma parte renitente do entendimento continuava a dizer-me que aquele homem só fazia contas e, sempre que podia, assaltava pessoas na estrada. Algumas tinham a sorte de atingir o aeroporto, tal como eu. A estupidez, feita rainha, comandava os meus passos e fazia dos meus pressupostos um embrulho miserável. Nem quando o condutor olhou escandalizado para as notas que eu lhe entregava, eu compreendi. O homem cruzou os braços, um em frente do outro, abriu-os, desprendeu-os. «Já lhe disse que não paga nada, dama. Já lhe disse várias vezes durante a viagem. Nunca, *madam*, nunca encontrei ninguém tão semelhante a ela. Até no andar» – disse ele. «Fiz este percurso como se ela estivesse viva, e eu a transportasse, atrás de mim. Como se a tivesse perdido e a tivesse resgatado...» O resto disse-o em ídiche – «*Oh! Yes, indz hobmer gehat a git leybn...*» Que vida boa tivemos...» Julgo que terá dito.

«Espere, tem muito tempo ainda. Fique um pouco mais. Como se eu a tivesse trazido para ir a *Warsawa*. Para ir e voltar...» – disse depois.

O condutor entrou definitivamente para dentro do grande carro. A hora deixou de ser folgada. Fiquei a olhar para as luzes da limusine. Pareciam as luzes de uma viatura oriunda de um espaço onde outrora tivesse existido uma perfeição desconhecida, que só a alguns tocava, e eu mal tinha vislumbrado. Duas luzes traseiras, vermelhas, que nunca se confundiram com as dos outros carros, enquanto foi possível localizá-las no



emaranhado tráfego próprio da madrugada.

## O POETA INGLÊS

Pedem-nos os rapazes do *The Glorious Guys* que escrevamos uma breve coluna sobre a origem do nosso clube privado, para ser publicada numa das suas páginas celebratórias. Não me parece que seja possível. Em primeiro lugar, porque o clube a que o editor da página se refere, mais do que privado, é secreto, e sendo constituído apenas por quatro pessoas, não haverá condições para o divulgar. Além disso, duvido que algum de nós seja capaz de cumprir a brevidade exigida. Por mim falo, pois o que eu tenho para invocar sobre o poeta que lhe deu origem, e com quem apenas convivi durante dois dias, é matéria extensa que ele repartiu por puro acaso connosco, seus companheiros de viagem, e só nós quatro sabemos por que razão a partir desse encontro nos tornámos próximos, apesar da geografia que nos separa.

Acresce que semelhante cumplicidade nunca foi mencionada em público. Quando trocamos mensagens, o que acontece de vez em quando, e sempre a propósito do poeta inglês, ele próprio é referido pelo título que atribuímos a nove palavras de sua autoria, palavras que nós traduzimos, cada um para sua língua, numa manhã cinzenta, diante do mar de La Rochelle, e a que chamámos poema. O título foi tomado da sua fala, quando nos virou as costas, e já a meio do corredor, fez dois passos atrás para nos dizer – «*Farewell, babies.*» E depois desapareceu ao fundo.

Como resumir, então, numa breve coluna, a origem do nosso clube, se esse episódio é tão-só a quarta estação do poeta inglês?

Sejamos claros, sejamos longos, sejamos inteiros.

É preferível uma verdade impublicável à brevidade de uma coluna, mesmo que essa coluna se dirija a uma página importante do *The Glorious Guys*. Pois, como se disse, o clube do poeta inglês teve início naquele momento em que ele se despediu de nós no corredor de um hotel nas Charantes-Maritimes, mas a primeira estação ocorreu um dia antes, num palacete mais a sul, uma mansão senhorial muito francesa cujas dependências familiares haviam sido transformadas em vetustos quartos de hóspedes. Foi aí que tudo começou. Começou com o silêncio dos vastos campos, com a demora redonda dos relógios de parede, com o livro de notas próprio de quem narra por vício. O poeta inglês não surgiu isolado nem apareceu de repente. Surgiu no meio da lentidão e da teia dos narradores.

Para que se compreenda semelhante compasso, é preciso dizer que nesse hotel de charme, as portas só eram franqueadas a poder de pesadas chaves, de tal modo que o som do desencaixe resultava tão sonoro, que através do seu rodado se permitia saber quem saía e quem entrava. De resto, a tranquilidade era absoluta na grande residência senhorial, onde só nós cinco naquela ocasião pernoitávamos. Pela manhã, prestei atenção ao ruído das chaves, e quando dei pelo quarto rodado, também eu desci até à sala de jantar. Lá fora, as rosas desabrochavam naquele final de Março, e o jardim era viçoso, as estátuas eram de mármore. No interior, as paredes eram vastas, os tectos altíssimos. Andrómeda, no fundo de um céu aberto, era raptada por Perseu, com casquete de metal e asas nos pés, e percebia-se que a fábula tinha sido pintada como pretexto para o artista ter a possibilidade de desenhar seios rosados e nádegas rotundas. Todas aquelas figuras voando, decúbito, por cima das nossas cabeças, ao pequeno-almoço tardio da manhã primaveril, acabariam por ser motivo de degelo no encontro de cinco pessoas que só sabiam das recíprocas existências pelas sete linhas com as quais nos haviam apresentado em folha pública.

Também uma rapariga elegante servia bebidas quentes, caminhando na ponta dos pés e erguendo bules à altura da sua cabeça. Uma boa figura terrena, deslocando-se entre nós como réplica da cena divina. No entanto, não seria ela, nem Andrómeda arrebatada por Perseu, nem tão pouco os quatro Bacos que em posições diferentes seguravam os cantos da sala, o que nos faria aproximar. O pretexto seria o tamanho das chaves.

Ah! Mas isto não são chaves, são instrumentos de lavoura, disse alguém, não me lembro em que língua.

Fosse em que língua fosse, de repente as palavras soltaram-se. O narrador holandês agitou a sua no ar, a seguir tomou a chave da poeta francesa, uniu as duas pelas chapas que as acompanhavam, e produziu com elas um espanta-espíritos que fez tilintar acima das nossas cabeças. Por sua vez, o poeta checo contou uma anedota checa, primeiro em inglês, depois em francês, e em nenhuma dessas línguas se fez entender. Comparava ele o tamanho das chaves com as mocas que os guerreiros guardiães empunham desde há séculos à entrada do Castelo de Praga, mas a partir dessa referência, para ele histórica, para nós turística, o desenlace perdia-se no seu labirinto, e ninguém conseguia sorrir. Foi então que o poeta inglês mostrou o seu sentido de humor.

Também ele exibiu a sua chave, também ele exultante, como se a tivesse recebido por recompensa. O poeta disse que estava radiante porque toda a vida tinha andado à procura de uma chave para entrar em Buckingham Palace, o que sempre lhe fora negado, e agora, quando menos supunha, vinha encontrá-la em território adversário, nas planuras continentais da doce Aquitânia dos vinhos. Ao que a poeta francesa perguntou se ele não contava ser, um dia, mesmo sem chave, um distinto *Sir* da Rainha Elisabeth II. O poeta britânico respondeu que sim, que esperava que *The Queen* o chamasse em breve para ser agraciado com uma tal distinção. Chave para entrar nos aposentos da soberana, agora, já ele tinha. Então o poeta inglês juntou a sua chave às

chaves do holandês e da poeta francesa e agitou as três por cima da mesa, produzindo o som de um sino – «*For whom the bell tolls, for whom de bell tolls, tlim, tlim...*»

Todos nos rimos muito. E assim degelou o encontro e desapareceram cinco *croissants* franceses de dentro da cesta coberta de renda. Depois dispersámo-nos, para só nos encontrarmos pelas cinco horas da tarde, à porta do Grand Théâtre da cidade pequena.

O último a chegar seria o poeta inglês.

Observei-o de longe. Lembro-me do seu passo decidido, as mãos atrás das costas, o casaco aberto, o andar elástico próprio dos homens que se aproximam dos cinquenta e desejam mostrar à paisagem o seu porte atlético, mesmo quando o corpo é volumoso e o olhar, sem ajuda de óculos, se torna mortiço. Fosse como fosse, era elegante o poeta inglês, aquele que chegava em último lugar, o que nada tinha a combinar com ninguém. Aquele poeta acreditava no poder do acaso. Mesmo numa sessão programada ao detalhe, tudo acabaria por acontecer segundo leis misteriosas, indecifráveis pelo crânio do descendente do *homo sapiens*. Em seu entender, deveríamos deixar funcionar o puro acaso. Para quê mais maçadas?

Ele apenas tinha trazido um livro, aliás um livrinho, que até transportava no bolso, e era por isso mesmo que uma das abas do casaco pendia muito mais do que a outra. E a camisa cinzenta bem que merecia uma gravata, no entanto não a tinha. Os botões de madrepérola constituíam um friso desamparado na saliência do peito. Mas estes eram pensamentos mesquinhos, próprios de uma actividade descritiva, esse vício infame da narradora. Então os castanheiros-da-índia agitaram-se por cima das nossas cabeças. Um vento leste que atravessava naquela tarde os amplos domínios dos mais célebres vinhedos de França, chegava às portas da cidade litoral sem perder velocidade, e entrava pelas avenidas e ruas até atingir a portaria do Grand Théâtre. Imponente teatro. O frontão triangular era sustentado por grossas colunas jónicas, mas o seu interior tinha sido remodelado a preto, vermelho e aço, como se fosse uma nave que se dirigisse aos espaços. Era para o interior dessa modernidade explosiva que nos levavam. Aos cinco.

«Mau sinal» – disse o poeta checo em francês. «Somos demais.»

E o checo explicou que em Praga, a importância de uma sessão como aquela era pouca ou nenhuma. Os checos desconfiavam de um grupo. Se era necessário um grupo para cumprir um papel que uma única figura poderia desempenhar, isso significava que se esperava encontrar fraco talento em cada um dos participantes. Tratando-se de cinco, numa escala de vinte, cada um valeria apenas quatro pontos, e por lá a população não se rendia, a população checa sabia fazer contas e costumava deixar o corpo colectivo a falar sozinho no fundo de salas vazias. «Aqui, quantos somos? Eu, tu, elas? Somamos cinco. A cada um de nós, os meus conterrâneos iriam atribuir nada mais do que quatro pontos» – disse o poeta de Praga, parecendo bastante desiludido por não ser único.

Em contrapartida, o narrador holandês era da opinião de que a ambição se alimentava devagar, dando tempo ao tempo. *Step by step, my friends*. As suas contas eram diferentes. Se naquela sessão éramos cinco, em breve o palco poderia ser para

três, e depois para dois, e depois, um dia, seria só para um. Nessa altura, quando tal acontecesse, então os vinte valores seriam por inteiro para o poeta checo. O que me dizem a isto?

Mas o poeta inglês, que mantinha o seu livro fininho no bolso, demonstrou como a ironia era a fina espada da inteligência. Não havia outra espada. «Tenham calma, rapazes» – disse. «Pior do que nós, então, está o Manchester United, ou o Chelsea, que só são levados a sério, em campo, se forem onze.»

Todos nos rimos com bravura, e assim subimos ao palco.

A segunda estação do poeta inglês aconteceu sobre o palco.

Para que as contas do poeta checo se complicassem ainda mais, sobre o amplo estrado não se perfilaram apenas cinco mas sete figuras, uma vez que se juntaram ao grupo actuante um moderador e uma actriz tradutora. A gestão não era fácil. A poeta francesa não quis ficar sentada na extremidade e trocou com o poeta inglês, que por sua vez ocupou o extremo direito do espaço. Semelhante localização permitia-lhe uma espécie de alheamento, embora a assistência, surpreendentemente para nós, fosse participativa, cheia de rumor, e além do mais numerosa, tão numerosa que na sala não havia uma única clareira à vista. Consta que os próprios lugares sob reserva, ao contrário do que era habitual, tinham sido os primeiros a ficar ocupados. Muita gente vestia a rigor. Num ou noutro pescoço de mulher, brilhavam colares de pérolas, e quando se pensava que a grande atracção iria ser o narrador holandês, o que tinha estado em África e havia escrito um livro de trezentas páginas sobre calamidades, fomes, dores, metralhadoras e zagaia, minas semeadas na terra, e indiferenças criminosas nos areópagos mundiais, a sessão revelaria que os momentos importantes, naquele recinto preto, vermelho e aço, iriam pertencer ao poeta inglês, aquele que durante toda a primeira parte da sessão se manteria à parte, afundado na poltrona da extremidade. Ele seria o quinto a falar e desencadearia essa surpresa. O próprio checo, que por certo vivia submetido a alguma cabala no mundo da numerologia, acabou por reconhecer, no final, que naquela sessão da Primavera de dois mil e seis, numa escala de vinte pontos, doze deveriam ir directos para o poeta inglês. Os restantes oito, esses, poderiam ser distribuídos igualmente pelos restantes, isto é, por nós quatro. Para ele mesmo, o poeta checo, em seu apurado sentido de justiça, apenas queria arrecadar a baixa cota de dois. Dois curtos pontinhos para ele próprio, dois, ou mesmo um.

A verdade é que tinha alguma razão o poeta de Praga naquelas contas checas. Pois o poeta inglês, que nenhum de nós conhecia, ou era genial, o que implicava reconhecermos uma ignorância vergonhosa da nossa parte, ou então suplantara-se, revelando-se como nunca antes, em função de circunstâncias especiais que por certo haviam ocorrido nos celebrados territórios da Aquitânia. Talvez Perseu tivesse descido do tecto do palacete das grandes chaves para lhe emprestar a velocidade e a perícia, talvez o vento sudeste da lezíria francesa lhe tivesse despenteado os cabelos e sacudido a imaginação como nunca antes, talvez o seu passeio, à sombra dos castanheiros-da-índia, lhe tivesse aguçado a noção da *Mater Natura* e da *Natura Mors*, as duas mães em coligação. Talvez, talvez. Não o sei agora, tal como não o soube na altura. Mas não

vou descrever a sessão durante a qual o poeta inglês se destacou como figura inspirada, um Lord Byron à dimensão do século vinte e um.

Bastará dizer que a solenidade daquele fim de dia era de todo inesperada. O recente arranjo interior do Grand Théâtre era considerado não só explosivo, como demasiado árido e inquisitorial. Um cone de luz navegava de figurante para figurante, incidindo abruptamente sobre quem falava, como se a figura ficasse em estado de julgamento público, ou mesmo de acusação. No entanto a respiração da sala estava lá, os risos, as tosses, as vozes abafadas, as gargalhadas, os silêncios absolutos, nos momentos em que o silêncio absoluto se justificava. Uma boa surpresa. Talvez a França, mesmo a mais profunda, a mais vinhateira, a mais imóvel nos costumes, continuasse a ser uma nação literária. Talvez essa nação tivesse de mudar de nome, se acaso deixasse de o ser, um dia, assimilada pela necessidade de se transformar numa outra entidade qualquer que ainda não tinha o seu nome definitivo escrito no horizonte. Mas isso era o que uma viciada em evasão mental pensava, enquanto o narrador holandês falava do seu livro sobre a experiência de África, que ele tão intensamente havia transfigurado com êxito.

O holandês, muito alto, muito loiro, também era vigoroso no discurso e contava com apoiantes femininas na sala em anfiteatro. Ele tinha viajado no grande continente negro da costa Este à Oeste, tinha encontrado populações à deriva que já haviam esquecido o nome da sua tribo, ou a que território pertenciam, e o narrador considerava que idêntica desorientação iria tomar conta de todo o mundo, se acaso o mundo não se prevenisse. Por isso, o seu livro era uma metáfora veemente dirigida ao futuro. E esse também fora um outro ponto alto da sessão, embora o poeta checo apenas lhe tivesse atribuído, posteriormente, aquela cota minguada. Uma magra cotazinha de dois pontos. Muito injusto. O holandês pelo menos mereceria quatro pontos do montante de oito que sobejara para distribuir por nós quatro.

Também fora interessante a intervenção da poeta francesa.

A anfitriã, a primeira dos cinco a ir ao púlpito, tinha cantado e dançado os seus poemas na boca de cena. A poeta francesa era uma defensora das mulheres, esse outro género humano ainda desconhecido, na sua terminologia de combate. Aliás, a poeta francesa tinha viajado por locais onde o outro género humano era um género considerado, cada vez mais, como não humano. Para demonstrar as malhas desse enredo desumano, ela escrevia poemas, dançava-os e cantava-os, e o espectáculo imprevisto – estava apenas previsto que lesse – havia sido vistoso, tendo ela, por fim, durante a recitação-canto do poema *Insubmission*, coberto o rosto com a própria echarpe, um longo véu, que de seguida retirou, amarrotou e calçou com o pé, no meio do palco. Grandes gestos, corajosos gestos. Todo esse *impromptus*, em que as palavras haviam sido suplantadas pela veemência dos gestos, fora surpreendente. A assistência tinha estado com aquela figura insubmissa, tão próxima do espírito universalista da França. Mas na escala de classificação, também a poeta, apesar da echarpe e dos longos cabelos castanhos, não suplantara a cota de dois, já que o poeta checo só dispunha de vinte pontos para distribuir por todos.

Compreendia-se que assim fosse, uma vez que a seguir falaria ele próprio, o poeta checo, demasiado melancólico, em seus poemas com demasiada neve, demasiadas gralhas, demasiados sinos calados. Demasiada tristeza quando referia a antiga opressão, e a nova desorientação provocada pelos tempos opressivos da pós-opressão, que imprópriamente alguns checos designavam por tempo de liberdade. Ele não achava. Não havia liberdade nenhuma. Declarou o poeta várias vezes, ao longo da sua fala ilustrada por poemas. Pois o anseio pela liberdade já não era o que tinha sido então. De tudo o que se passara, no presente, só sobejara a linda palavra *svoboda*. Ah! *Svoboda, svoboda!* Agora, os jovens já não queriam ser livres. E assim se sentara, sob moderado aplauso. Só depois iria ser chamada a sétima figura do placó, o poeta inglês.

Estou a ver a figura do poeta inglês a caminhar pelo palco.

Parecia ter passado todo aquele tempo alheio ao que acontecia em seu redor, afundado no cadeirão escarlate, o livrinho da Penguin colocado sobre o joelho esquerdo, e agora levantava-se e não levava consigo o livrinho. Deixava-o pousado sobre o braço do cadeirão, e avançava para o púlpito com as mãos atrás das costas, muito direito, demasiado direito, talvez, as abas do casaco abertas, o passo atlético, pisando lento e espaçado, como se preparado para um exercício físico, mais do que para um exercício de oratória. Quando se aproximou do púlpito, encostou-se à prancha, com uma perna cruzada diante da outra, a ponta do sapato apoiada no solo, e nessa posição elegante, um tanto *nonchalante*, talvez *snob*, a roçar o pedante, disse que iria ler três poemas que havia escrito naquela cidade, naquela tarde mesmo, e os três tinham por título, *Gratitude*. «*Gratitude One, Gratitude Two, Gratitude Three*» – disse ele. Então retirou de uma das algibeiras umas folhas brancas que se pôs a ler, de forma pausada.

À distância, não posso avaliar o mérito daqueles poemas do poeta inglês, se é que alguma vez esse juízo pode ser feito de forma definitiva em tal circunstância. Sobretudo quando não se lê, apenas se ouve. Muitos Homeros terá havido que, ao recitarem tantos versos na praça pública, por certo escreveram para o vento outras *Ilíadas*. O que posso afirmar é que os três *Gratitude* caíram como uma dádiva naquela assistência que até aí tinha ouvido mencionar vidas distantes, territórios longínquos, grandes dilemas dirigidos ao futuro, e de súbito, sem esperar, alguém transfigurava as vinhas, o vento leste das ruas da cidade, e os jardins verdejantes que lhes diziam respeito, ainda que o fizesse em inglês, e a mensagem para muitos não fosse clara.

Mas a clareza não fazia parte da poesia, pelo menos daquela poesia. A dado momento do terceiro *Gratitude*, ele leu alguma coisa como isto – *Se as vinhas estão presas à terra sólida / o passageiro tem de agradecer / as suas raízes serem feitas de vento / e os frutos do seu pensamento / serem baptizados pela síntese do álcool*. Pelo menos foi essa a nota furtiva que tomei, quando os breves poemas foram traduzidos a pedido da assistência, e a tradução literal se enchia de sentidos, sentidos que no original me pareciam ser bastante mais pálidos. Escusado será dizer que o diálogo entre a assistência e o palco, na segunda ronda, se fez exclusivamente através do poeta inglês.



Impossível esquecer o diálogo.

Ao pedido para que discorresse sobre os seres humanos como entidades da Criação, ele respondeu alguma coisa como a seguir resumirei com a ajuda dos apontamentos de dois mil e seis. Respondeu com o braço apoiado, sem se mover do lugar ocupado rente ao púlpito – *Ladies and gentlemen*, há hora e meia que estamos aqui fechados a urdir em conjunto uma teia feita de pensamentos. Não demos por nada, mas enquanto isso, a aranha que mora debaixo das poltronas teceu uma teia e balouça-se nela. Duas entidades, duas teias, a mesma força tecedeira. Pensando no mundo que está lá fora, também a mão do varredor, que recolhe as folhas do parque, é movida pela mesma força que empurra as velas do brigue e faz a embarcação atravessar o oceano. Entre o impulso da mão que empurra a vassoura e a força que leva as nuvens de um lado para o outro do céu, não há distinção alguma. São ambas filhas da mesma fonte.

Disse ele, e o silêncio que se seguiu correspondia a um acolhimento total, aquele que impede qualquer movimento, até mesmo o aplauso. À pergunta sobre o seu sentido de agradecimento, os três *Gratitude*, ele respondeu alguma coisa como isto – «Sim, deveríamos agradecer, *ladies and gentlemen*. Agradecer fazermos parte do bando da humanidade. Pois o princípio de vida que, dia após dia, faz nascer as crianças, é o mesmo que preside à partenogénese da amiba e o mesmo que faz mover os corpos escorregadios dos peixes subtraídos ao plâncton. Nós poderíamos ter sido peixes, movendo-nos nas águas. Poderíamos ter sido répteis, rastejando entre as ervas da terra. Sem braços, sem pernas. Deveríamos agradecer à natureza termos nascido com membros, sermos da espécie dos que não vivem na lura escura, no ninho destapado, no fojo malcheiroso. Não sermos criaturas que ficam no descampado, quando chove e quando neva, sem outro abrigo que não seja a árvore. Agradecermos pertencer ao grupo daqueles que descobriram o fogo e inventaram a escrita, e se cobrem com elementos não naturais, por si criados, *ladies and gentlemen*.» Dizia ele, e o silêncio era mortal, perante aquelas frases que a suspeitosa narradora não achava originais.

Seriam porventura frases feitas, versos repetidos, ideias básicas que o poeta inglês transformava em alguma coisa subida pelo modo como falava e pela forma como a semântica chegava àquele público através da tradução francesa, em forma de oráculo. Tudo isso se poderia pensar, mas a verdade é que a assistência, demasiado solene, tinha ficado a princípio íntima do poeta, depois rendida, e por fim esmagada. O que provava que aquela assistência francesa não era só carente de beleza, era também carente de mística, como todas as assembleias o são, ao fim do dia, quando se lê poesia. «*Twelve points for you, twelve, William...*» – disse o poeta checo, quando a sessão terminou e nós descemos do palco untados de suor, excitados e confusos.

A sala demorou a esvaziar-se. Passada uma hora, ainda havia pelos degraus do átrio quem quisesse escutar o poeta inglês. Como já se disse, algumas senhoras usavam colares de pérolas como nos anos cinquenta, mas outras eram tão modernas que não se saberia dizer de que roupas estavam vestidas. Só mais tarde umas e outras começaram a dispersar e a grande rua do teatro ficou vazia, cheia de sombras de portas, e de castanheiros-da-índia.

A terceira estação do poeta começou aí.

Nós quatro dirigimo-nos ao restaurante do teatro, comida requentada, sanduíches derretidas ao calor da prensa metálica. Café entre azedo e amargo. *La feuille de route* indicava que teríamos de partir quanto antes. Mas o inglês foi levado por um grupo de entusiastas para fora do edifício, por certo na direcção de um lugar mágico que estivesse à altura do que se passara no final da sessão. Um bistrô famoso que por ali houvesse, para lá da rua dos castanheiros. Um restaurante distinto, ou um bar sofisticado. Nós não o merecíamos. O poeta inglês, sim, merecia o reconhecimento da cidade. Brincando, brincando, talvez a rainha Elisabeth II o devesse transformar em *lord*. Mas o nosso problema consistia em saber se o poeta inglês iria demorar ou não. Tínhamos um longo troço de estrada pela frente e um dever em conjunto, no dia seguinte. Ora o poeta inglês, ao contrário do que estava previsto, iria demorar, sim.

Iria demorar muito.

Passadas duas horas e meia, ninguém sabia onde se havia metido o poeta que não regressava ao palacete nem respondia às chamadas. Pelas dez da noite, a mansão de Andrómeda e Perseu já tinha encerrado as portas. O hotel de charme era um negócio familiar, precário, não resistia a um imprevisto daquele género. A rapariga elegante e o motorista já haviam depositado os nossos pertences na carrinha que nos iria levar através da lezíria francesa até outra cidade, mas do nosso companheiro inglês ainda não havia notícia. Entrámos na carrinha para nos dirigirmos ao ponto de partida, o portal do Grand Théâtre, e aí esperámos pelo poeta inglês durante um tempo interminável. Quando finalmente a sua figura surgiu no meio dos fãs que o haviam levado, um grupo agora já mais reduzido, provindo de uma rua lateral, lento, como se não houvesse relógios na cidade, nem lhe dirigimos a palavra. Sentíamo-nos ressentidos, ofendidos. A que horas iríamos chegar à próxima pousada? Nem o motorista sabia. Sonolentos, despeitados, mudos, pusemo-nos a descansar, cada um em seu banco do pequeno autocarro. Dormimos.

Quanto tempo dormimos, através das vinhas, também não o saberíamos dizer. No meio da escuridão e do cansaço, não era possível contabilizar o tempo. Tudo o que sabíamos é que o motorista, um francês macambúzio, conduzia rápido sobre o negrume da estrada. Estávamos de acordo quanto à rapidez e ao mutismo. Tudo o que queríamos, àquela hora da noite, era encontrar ao fundo da escuridão uma luzita acesa e uma cama aberta para onde nos atirássemos. Fazia bem o motorista em correr, correr pela planície fora a alta velocidade. Mas, a certa altura, alguma coisa de estranho começou a acontecer.

Acordámos alarmados. A poeta francesa chamou alto – «*Arrêtez-vous, monsieur. Ouvrez portes et fenêtres. Avez-vous allumé du sulphur ici? Hein?*» O motorista fingia que não ouvia. A poeta francesa começou a bater nos vidros com os punhos. «*Je casse tout ça, si vous n'ouvrez pas ces fenêtres.*» Estremunhado, o narrador holandês dirigiu-se à janela da poeta francesa, abriu-a e uma lufada de ar frio entrou para dentro do autocarro em andamento veloz. «*Arrêtez-vous!*» Continuou a gritar a francesa na direcção do motorista. «*Je me sens vexée avec tout ça.*» Por sua vez, o narrador holandês avançou para o motorista – «*Please, stop the van. Shit! Someone needs to get*

out...» Em poucos metros, o carro parou, a porta abriu-se, o poeta inglês que se encontrava em pé, no meio da viatura, tropeçou, alcançou a porta, desceu o degrau, escorregou pela berma e desapareceu no escuro. Durante quanto tempo ficámos na berma da estrada à espera do poeta inglês? Onde se teria metido aquele poeta que não voltava? Era indiferença a mais. Alguém teria de agir.

Num primeiro momento, o narrador holandês meteu-se pelo negrume do campo mas não localizou o poeta inglês. O motorista possuía uma lanterna de pilha, só que não podia abandonar o carro na berma da estrada. O poeta checo empunhou a pilha iluminando os pés do narrador holandês e os dois desapareceram por muito tempo. Onde e como iriam procurar o poeta inglês, nós, as mulheres, não sabíamos. A nós, pediram-nos que identificássemos a bagagem do companheiro que desaparecera no meio do escuro, e a sua mala de viagem encontrava-se ali entre as nossas, mas infelizmente estava fechada à chave. Onde se encontrava a chave? Não serão as malas de viagem todas elas violáveis? As chaves minúsculas, todas elas idênticas? Pensávamos que sim, mas pelos vistos não. Regressado, o poeta checo estava a pontos de dar uma facada na lona da mala de viagem, quando o narrador holandês surgiu na berma da estrada carregando aos ombros o poeta inglês. O poeta tinha perdido metade das suas roupas. Roupas fundamentais. Uma luta para cobrir o que não podia ser mostrado. Uma luta para fazê-lo entrar no carro. O poeta checo embrulhou as pernas nuas do poeta inglês na sua gabardine checa e sentou-o, antes de partirmos. Agitados, surpreendidos, nenhum de nós dormia, só dormia o poeta inglês. Mesmo que se abrissem todas as janelas da carrinha, o som do seu sono profundo não se desintegrava no ar. Quando chegámos ao hotel, em La Rochelle, raiava a madrugada. A poeta francesa sentia-se tão desorientada, que me pediu que a deixasse dormir no meu quarto. Ela tinha andado pelo mundo inteiro, e contudo não se lembrava de ter experimentado uma angústia tão grande na sua vida. Porquê? – *«Dites-moi, dites-moi pourquoi...»*

Mas se a poeta francesa, deitada na segunda cama, vestida, de olhos abertos, mergulhava na angústia, a seu lado, havia quem mergulhasse na reconstituição da cena da estrada. Havia quem tentasse descrever os actos e interpretá-los. Havia quem ainda não tivesse saído do autocarro e lá permanecesse a olhar para a escuridão das vinhas. O facto de o checo e de o holandês terem vindo buscar lenços e uma garrafa de água, o facto de terem trazido os sapatos do poeta dentro de um saco de plástico, o facto de o rosto do poeta ter tomado uma cor violácea, o facto de a poeta francesa ter querido embrulhar os joelhos do poeta inglês numa das suas echarpes, o facto de ela ter chorado em voz alta dentro do carro e ter querido socar o estômago do motorista, aquele francês digno da Legião Estrangeira, indiferente ao que se passava, francesa contra francês, tudo isso me corria pela cabeça como um livro que já estivesse escrito e agora se folheasse. E as palavras dos três poemas *Gratitude* regressavam aos meus olhos, eu que não os tinha lido, apenas os tinha escutado, e tomado notas rápidas, reconhecendo aqui e ali encontros verbais inusitados e até geniais. Então eu disse à poeta francesa que a nossa única consolação seria que nunca mais haveríamos de ver o poeta inglês. Ela sentou-se na cama – *«Croyez-vous? Ça serait juste. Hein?»*

Sim, claro, era justo que assim fosse, que não aparecesse mais.

Não era por nada, mas aquele homem tinha-nos posto em causa. Diante de nós, e do motorista, o poeta inglês havia-se despromovido até à lama. Ele, um de nós, alguém que trabalhava com a matéria das palavras, a matéria essencial que nos unia, que nos transformava numa família, e ele sujava-a. Sujava a nossa família, dizia a poeta, sentada na cama. Pois mesmo que por vezes nos desentendêssemos, nos rivalizássemos, nos contradisséssemos, nos invejássemos, e até nos canibalizássemos e quiséssemos o palco todo para cada um de nós, a matéria que nos unia era sempre mais forte do que aquilo que nos separava. Os poemas dele não eram só dele, eram a nossa matéria, a matéria que eleva os homens acima dos caminhos trilhados pelos seus sapatos, e por ela trocamos tudo, honra, dinheiro, felicidade, essa aposta que fazemos em coisas cegas, por sabermos que existe uma essência que as fabrica para além de nós. Alguma coisa de poderoso, de mensageiro em nós. Em nome dessa missão, devemos-nos uns aos outros compostura. Homens e mulheres, disse ela. Só nesse campo, não há diferença nenhuma. Mulheres e homens são grandiosos e iguais. Mas ele, não. Ele caiu de joelhos em frente de nós, partilhou connosco a miséria do seu corpo, a sua fraqueza ficou à vista, exposta, como uma posta de carne num talho. Era tudo falso, disse a poeta francesa. Ele caminhara seguro, e ela o vira cambalear. Ela sentira o seu cheiro a tabaco e colónia, e depois ele entornara as suas fezes diante de nós quatro. Ele mostrava-se sóbrio, tomava o seu café, o seu *croissant*, mas por certo virava as costas e dentro da mala tinha um frasco. Ele dizia amar o mundo, mas só se amava a si mesmo, e nós não suportávamos essa realidade. E por isso, saíramos cedo do hotel, quando ele ainda estivesse a rebolar-se no lençol da ressaca. A poeta francesa sabia, e a narradora dos detalhes também. Sabíamos ambas que ele não iria mais assaltar a nossa vida. Por certo que, àquela hora, e depois, durante toda a tarde, ele continuaria enjoado, atordoado, perdido dentro do quarto, sem saber distinguir uma porta de uma janela. Era fácil imaginar o homem deitado, mortal, de rosto alilado, sobre a cama de hotel, dormindo sem parar, e depois acordando e desaparecendo como um ladrão pelas portas do fundo. Um ladrão dos nossos sonhos. Aliás, ele próprio haveria de pensar para si, pouco me importo com eles, estou-me nas tintas para os quatro, vou riscá-los do mapa, nunca mais nos encontraremos na vida. Não irei esta tarde com eles, ficarei no hotel, curtindo a minha ressaca, e desaparecerei para sempre, para que nunca mais me ponham a vista em cima. Pensávamos nós que ele pensava. A poeta e a narradora imaginavam com rara eficácia os pensamentos daquele poeta. E nós duas, depois de concordarmos em tudo, de nos limparmos, e de sujarmos o sujo o mais que podíamos, demos por terminado o episódio do escândalo acontecido no território das vinhas. A poeta francesa foi para o seu quarto. Ficámos de descer depois de nos telefonarmos. Estava combinado.

Também aquele era um hotel de charme.

Aliás, deveria haver um entendimento entre a organização da *tournee* e as casas senhoriais recuperadas dos desastres do tempo, para nos albergarem. Estávamos diante

do mar de La Rochelle, e as fundações salitrosas encontravam-se à vista, mas não se sentia o salitre, apenas cheirava a mar. Lá fora, por cima das ondas brancas, o céu era cor de cinza. Não tínhamos tomado *break-fast*, como os franceses diziam, mas avisaram-nos que sabendo que tínhamos perdido a noite, nos iriam servir um *light lunch*. Sim, aceitávamos. Oxalá que durante a refeição não nos encontrássemos uns com os outros. Gostaríamos até que alguém nos viesse dizer que tinha sido cancelada a sessão da tarde. Merecíamos essa recompensa. Que bom seria. Nesse caso, cada um de nós partiria em sua direcção, e então, sim, nem mais nos veríamos. Um dia, até talvez duvidássemos que semelhante encontro tivesse acontecido. Mas para surpresa nossa, quando descemos, o poeta inglês encontrava-se à nossa espera na sala de jantar.

Essa iria ser a quarta estação do poeta inglês.

\*\*\*

O poeta estava trajado a rigor. Perfumado. O cabelo ainda húmido caía-lhe sobre a testa, um pouco ondulado nas pontas. Os botões de madrepérola lá estavam, ainda que fossem de uma outra camisa. Outro casaco, outras calças, outros sapatos. Lia o *The Daily Telegraph* que ali estava preso de um pau, virando as páginas com pescoço altivo, e as costas direitas, o olhar inteligente, a mão elegante. Olhou para nós, como se nada fosse, como se a sua prestação durante a noite não tivesse existido. A poeta francesa ruborizou-se. Ele colocou a mão sobre a mão dela.

O clima marítimo entrava pela janela da sala de refeições. Não falávamos. Ele erguia as folhas do jornal, estudando-o, mas o seu rosto ficava bem visível a partir da porta de entrada. O narrador holandês e o poeta checo surgiram ao mesmo tempo. Por certo que também não esperavam encontrar o companheiro inglês. Pararam, hesitaram, sentaram-se à mesa. Ninguém falava. O poeta inglês enrolou o jornal e, perante o embaraço de todos, abriu os braços e disse – «*Ecce Homo, babies...*» Disse a rir. Nós também rimos. Com que então, esta tarde, lá iremos outra vez? Alguém perguntou, não sei em que língua. Mas não, ele não iria connosco, não iria, não. Respondeu. Tomaria outra rota. Voltou a ler o jornal, a sublinhar o jornal. Havia nele um esforço tão forte para suplantar a situação que alguma coisa rangia e se quebrava em nosso redor. Seria a madeira dos móveis? Seriam as traves do tecto? Os alicerces da antiga casa que ficara submersa nas fundações do hotel? Depois, quando se levantou, o poeta inglês entregou-nos o *The Daily Telegraph* com alguma coisa garantujada na margem. Colocou os braços atrás das costas, caminhou resolutivo pela sala adiante, e já da porta, virou-se para nos dizer, com o braço direito levantado como se falasse para longe. Disse – «*Farewell, babies...*»

Debruçámo-nos sobre o jornal onde ele tinha deixado a sua garatuja de ressaca. Um poema, um recado poema, ou um poema recado. Uma lembrança de nove palavras. Decifradas as palavras rabiscadas, procurámos traduzi-las para checo, para francês e holandês, em conjunto, fingindo andar à procura do espírito das línguas que separam objectos que são únicos, e dividir ideias unas que são indivisíveis. Em face do essencial, o que são as línguas senão vestidos curtos? Se aquilo fosse um poema, seria um poema sem título. Se houvesse título, ele seria *Farewell, babies*. Tínhamos cinco

versões para a mesma aventura. Eu traduzi deste modo.

*Adeus, meninos  
Tudo no mar me chama  
Viagem, Vela  
Mortalha  
Cama.*

Aconteceu em Abril de dois mil e seis.

\*\*\*

Já no princípio deste ano, soubemos que tinha desaparecido da terra. Soubemos pela nuvem. Durante dois dias, o seu nome ganhou relevo nesse infinito cúmulo. Depois, o facto foi secando como secam as plantas, sem alarde, sem dor expressa, sem notícia, sem referência, simplesmente desaparecendo. Nós compreendemos. Metade evaporou-se no ar, a outra metade espalhou-se pelas ervas, a outra, seu verdadeiro ser, recolheu ao seio do seio da nuvem, aquela que tudo vê, tudo sabe, tudo pode, mas não ama. Um outro Deus que não ama ninguém. Nós, que muito queremos, mas nada podemos, pelo menos, amamo-lo. Amamos o poeta inglês. Claro que sabemos que em parte amamo-lo como a nós mesmos. Mas o que se pode fazer dessa condição de homens, vinhas de raízes presas à terra? Naquela manhã decisiva, antes de nos separarmos, lá no hotel de charme rente ao mar, o narrador holandês disse, quando o poeta nos virou as costas e desapareceu ao fundo do corredor – «*Shit!*» Os seus olhos azuis de homem grandalhão ficaram húmidos. Mas a ideia foi do poeta checo. E assim se criou o clube do poeta inglês. História que não caberá, por certo, na coluna exígua do *The Glorious Guys*.